

M. Júnior



*Sonhe
Comigo*

ISCK

M. Júnior

Filho de um lavrador e uma professora, herdou da mãe o interesse pelo estudo e a paixão pela literatura. Tal paixão somada a uma imaginação fértil criou o ambiente perfeito para o surgimento de personagens e histórias que aos poucos vão se materializando em forma de romances e peças de teatro.

mjuniorbr@hotmail.com

Léo Ricardo
(ilustrador)

Ator e Diretor Teatral, dedica-se também ao desenho e a ilustração. Acredita que a cultura é o patrimônio mais importante de um povo.



Instituto Saber

Graduação,
Pós-graduação e
Complementação
a distância.

Publicação de Artigos
Científicos e Livros

isciweb.com.br

Sonhe Comigo

Júlio César é um garoto que descobre em seus sonhos uma realidade paralela. À medida em que cresce vai se familiarizando cada vez mais com este novo mundo. Nele é como se vivesse uma vida paralela. Sem nenhuma recordação de sua "vida real", no "Mundo dos sonhos" Júlio conhece pessoas, faz amigos e recebe ensinamentos de um velho sábio chamado Adão. Além de encontrar Luna e descobrir um amor capaz de transcender a matéria e a vida que consideramos real.

No romance *Sonhe Comigo* o autor contrapõe a realidade e o imaginário ao ambientar parte da trama no "Mundo dos Sonhos".

Em alusão a Shakespeare (*O sono é o prenúncio da morte*) coloca pessoas sonhando e pessoas desencarnadas convivendo neste mundo paralelo onde os sentimentos e o caráter são as únicas riquezas de cada ser.

Prof^a Luzinete S. M.
Msc em Ciências da
Educação - UEP.



ISBN 978-85-68669-00-6

Sonhe Comigo

M. Júnior



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Editoração / Ilustração / Capa
Léo Ricardo Mussi

Mussi Júnior, Lúcio.
Sonhe Comigo. Lúcio Mussi Júnior. 1 ed. – Sinop-MT: Instituto Saber de Ciências Integradas, 2014.

160 p.

ISBN 978-85-68669-00-6

1.Literatura Brasileira romance. I. Título.

CDD – 869.3

Agradeço a Deus, Fonte Inspiradora Universal. E a minha família, em especial a minha mãe Luzinete e meu irmão Léo, que participaram de maneira fundamental de todo o processo de criação desta obra.

Sumário

I - Sonhando -----	5
II - Desconhecido -----	7
III - Em busca do Quatro -----	20
IV - Psicanálise -----	24
V - Sexta outra vez -----	30
VI - Diferenças -----	34
VII - O quadrado de quatro -----	40
VIII - Sua prima não -----	42
IX - Nada de festa -----	46
X - Dormindo como pedra -----	48
XI - Quatro dias -----	51
XII - A vida deveria ser mais simples -----	55
XIII - O tempo não espera a razão -----	62
XIV - Vinte e dois, um marco em minha vida -----	70
XV - A Festa -----	73
XVI - Ressaca -----	81
XVII - Do outro lado -----	83
XVIII - Esperando -----	91
XIX - Quatro dias -----	95
XX - Um novo começo -----	98
XXI - Só uma visita -----	102
XXII - De volta à ativa -----	106
XXIII - Parece faltar alguma coisa -----	110
XXIV - Em fim a formatura -----	115
XXV - A caminho de mim -----	119
XXVI - Conselho de amigo -----	124
XXVII - Dia de decisão -----	128
XXVIII - 31, o próximo quatro -----	134
XXIX - A relatividade da razão -----	140
XXX - O quarto quatro -----	146
XXXI - Não há mais o que acontecer -----	155



I - Sonhando

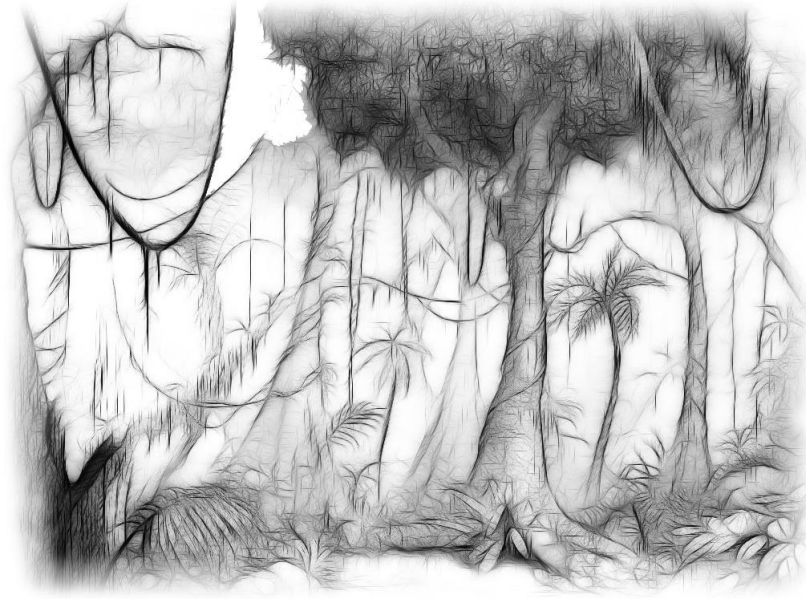
Sonho ou realidade? Qual a posição exata dessa linha que separa o real do imaginário? Será que ela existe realmente, ou cada um de nós a posiciona de acordo com nossos próprios conceitos.

O que pra uns é criação do subconsciente enquanto a mente e o corpo descansam de um dia ativo, para outros pode ser uma segunda realidade, ou até mesmo a primeira delas... Quem sabe não estamos sonhando nesse exato momento em que acreditamos estarmos acordados e a realidade esteja do outro lado dessa linha tão tênue e flexível, essa fronteira entre dois mundos aparentemente bem distintos no interior de cada ser humano.

Assim como a beleza pode depender mais dos olhos observadores que do objeto contemplado, e o bem e o mal dependem, às vezes, da consciência de cada ser. Sonhos são reais se você acredita nisso.

Eu acredito, e o número quatro teve uma ligação muito grande com a minha descoberta desse novo mundo e essa descoberta me ajudou a decifrar também o mundo que eu julgava conhecer.

Até hoje existe algo que ainda não entendo. Desde o começo algo me dizia que o final de meu quarto quarto traria consigo uma surpresa ainda maior que as outras e o esclarecimento de minhas mais profundas indagações. Mas embora a história de um homem deva ser contada do começo, começo e fim também podem ser relativos. A minha prefiro contar em outra ordem. Começo do ponto em que os conceitos de vida e morte foram reformulados em meu interior.



II - Desconhecido

Os primeiros raios de sol me despertaram de um sono estranho. Parecia ter nascido naquele exato momento. Não estava cansado, não sentia fome, nem sede, nem tampouco vontade de dormir mais.

Estava em um lugar desconhecido e um lindo dia começava. Olhei ao meu redor e vi uma paisagem digna de cartão postal. Era uma clareira, atrás de mim uma densa floresta exuberante com árvores tão altas e viçosas como nunca vira antes. A minha frente uma leve descida com vegetação rasteira rica em flores multicoloridas misturadas á várias tonalidades de verde. Mais abaixo havia um rio não muito largo e de águas bastante calmas. Do outro lado desse rio várias montanhas com bastante vegetação e o sol nascendo por detrás delas parecia dividi-las em camadas de luzes e sombras.

Pássaros cantavam e voavam como se estivessem em festa, havia também muitas borboletas coloridas misturando-se às flores.

O ar era completamente puro e trazia consigo um aroma que parecia me encher de energia. Eu não sentia frio nem calor e uma brisa suave balançava as folhas das árvores e arbustos de maneira singela.

Desci até as margens do rio e fiquei surpreso ao ver suas águas, eram tão transparentes que eu podia ver todos os detalhes do fundo, como pedras, lodo e os muitos cardumes. Peixes dos mais variados formatos, tamanhos e cores.

Fiquei por algum tempo observando o rio e pensando sobre todas aquelas criaturas que vivem nele. Foi quando uma pedra comprida e cheia de lodo de formato parecido com um pequeno crocodilo moveu-se bem lá no fundo. Nesse momento me lembrei que tenho medo desse tipo de animal, senti um frio na barriga ao perceber que não se tratava de pedra, era realmente um crocodilo e à medida que o animal vinha em minha direção parecia cada vez maior e mais assustador. A criatura já estava saindo da água e quanto mais eu tentava correr menos as minhas pernas respondiam. Caí no chão desesperado, não havia nada nem ninguém para me defender. Tentei gritar e a voz não saiu. Pedi a Deus que não deixasse aquela fera me devorar, eu não queria morrer. Nessa hora escutei gritos enérgicos, a voz imponente e forte fez com que eu olhasse em sua direção. Era um homem de meia idade, moreno e de cabelos lisos e negros, não era alto, mas era bem forte. Descia correndo e gritando em direção ao réptil. O monstro parou, fechou a boca, mais ainda olhava pra mim com bastante fúria. O homem se aproximou e me falou bem alto: – Esqueça o jacaré, esqueça o jacaré... Olhe aquela picada na floresta logo ali no pé da serra.

Olhei na direção em que ele mostrava e realmente havia um pequeno caminho no meio da floresta. Voltei os olhos para o lago e não havia mais crocodilo. Virei novamente

para o estranho que acabara de salvar a minha vida e agradeci. Ele sorrindo me falou: – Meu nome é Pablo. E o seu?

Levei um enorme susto. Desde o despertar eu não havia pensado nisso. Não pensara sobre quem eu era ou de onde vinha e muito menos como tinha chegado naquele lugar. E que lugar seria esse?

Enquanto eu pensava Pablo perguntou mais uma vez. – Não sei. – respondi. – Eu não sei quem sou, nem de onde venho, nem que lugar é esse. Não consigo me lembrar de nada.

Nesse momento Pablo colocou a mão no bracelete prateado que usava em seu punho esquerdo, notei um brilho mais forte na jóia. E falando rápido como quem acabou de se lembrar de um compromisso inadiável, despediu-se dizendo. – Tenho que voltar agora. Siga aquela trilha e encontrará ajuda.

Olhei novamente para o tal caminho no meio da mata e ao me virar de volta o homem não estava mais ali. Mais estranho que isso era o fato dele não estar em nenhum lugar à minha volta e não daria tempo para uma pessoa normal sumir assim tão rápido mesmo que fosse um maratonista fanático.

Comecei a caminhada em direção à picada no meio da floresta, o sol já estava mais alto e ao me movimentar percebi um brilho no meu punho esquerdo. Foi um susto perceber que usava um bracelete exatamente igual ao do Pablo. Não me lembrava de ter colocado aquele adorno em meu braço, mas para quem não lembra o próprio nome todo o resto é aceitável.

Finalmente entrei na trilha, as árvores pareciam ainda maiores agora. Suas copas se encontravam deixando a pequena, mas bastante pisada, trilha um tanto quanto escura. Ouviam-se barulhos de animais e também das folhas balançando com o vento. O trajeto era sinuoso e logo não pude mais ver seu início. Vi-me cercado pelas árvores

seguindo aquele pequeno rastro marcado no chão como uma formiga desgarrada do bando.

Não tardou para aquele ar sombrio da mata unir-se à minha sensação de solidão e fragilidade. Como resultado brotou em mim um medo de toda e qualquer coisa, a mínima sombra e o menor dos ruídos me faziam tremer e ficar ainda mais apavorado. Pensei então nas folhas secas que se acumulavam em baixo das árvores formando um, ou melhor, vários esconderijos para todo tipo de cobras e serpentes. Meu pavor por esses animais peçonhentos ficava cada vez mais evidente. Bastaram mais dois passos e pude ver uma pequena cobra bastante colorida, cores fortes e bem definidas distribuídas em anéis sobre seu corpo cilíndrico. Saltou de imediato uma palavra em minha mente. “– Coral.”

O espanto tomou conta de mim. Não sabia quem eu era ou como me chamava, mas sabia com perfeição o nome daquele animal assassino que agora caminhava em minha direção. Virei rápido para correr e me deparei com outro exemplar ainda maior. Já incapaz de caminhar pude contar mais umas quatro ou cinco saindo de baixo daquele cobertor de folhas secas. Meu desespero era tão grande que comecei gritar, desistindo logo em seguida ao perceber minha voz afônica e sem força.

Aqueles temíveis répteis continuavam saindo de baixo das folhas e formando um círculo ao meu redor. Senti como se estivesse caindo no chão, eu estava baixo, vendo aqueles animais cara a cara e o cerco já estava fechado ao meu redor.

– Que lugar é esse? Porque está infestado de serpentes? O que estou fazendo aqui? De onde venho e pra onde estou indo? ... Ou deveria estar indo? – O pavor tomava conta de mim. Morreria sem saber meu nome sequer.

Perdi, nessa hora, o sentido do meu corpo e digo mais, era como se nem mesmo tivesse um corpo. Os ofídios ainda

não me atacavam, apesar de erguerem a parte da frente de seus corpos e darem botes no ar.

Com muito medo e na certeza da morte chamava desesperadamente por Deus quando percebi que as cobras estavam sem presas. Não havia dentes e nem mesmo a língua em suas bocas. Bastou que eu percebesse esse estranho detalhe para o problema ser solucionado como num passe de mágica. Em poucos segundos, os animais já estavam devidamente equipados com suas presas mortais e aquela estranha língua bipartida saindo da boca a todo instante.

Já não havia esperanças para mim, mas os dentes aparecendo misteriosamente nas bocas banguelas daqueles ofídios me trouxeram a mente os gritos do Pablo mandando que eu esquecesse o jacaré. Sem outra opção resolvi tentar esquecer as cobras olhei então para cima procurando algo chamativo, mas não pude ver nada, nem sequer a copa das árvores. Não consegui pensar em coisa melhor senão imaginar grandes galhos enfolhados cheios de pássaros coloridos cantando alto uma melodia envolvente.

Sorri como criança ao ver o primeiro deles cantando concentrado de bico e asas abertas sobre um galho que há poucos instantes eu nem podia ver.

Chorei emocionado ao enxergar novamente toda a floresta e agora um bando enorme daqueles passarinhos voavam de galho em galho cantando alegremente como quem festeja a vida em toda sua plenitude. Aquele canto fantástico foi me envolvendo de tal forma que me senti flutuando no ar. Eu quase podia tocar aqueles belos animaizinhos e as copas das árvores quando escutei uma voz bastante incômoda, carregada de ira que gritava indiscretamente: “– Ai maluco. Tu viro passarinho? É? Tu ta uma garcinha aí em cima, só falto as pena.”

Quando eu estava cercado por cobras ninguém veio falar comigo. Agora que estava vivendo a aventura mais interessante da minha vida, apesar de não me lembrar das outras, chega uma criatura deseducada gritando daquela maneira.

Ao ouvir os tais gritos virei o corpo para ver quem falava. Nesse instante eu já me vi no chão de frente de uma pessoa bastante inusitada. Tratava-se de um rapazote de uns quinze ou dezesseis anos. Era franzino, moreno bem queimado de sol, estatura mediana e um olhar de ódio extremo. Vestia uma bermuda bastante surrada, uma camiseta preta e um tênis branco enorme e praticamente novo. Na cabeça um boné preto com a aba virada para traz e na mão uma pistola 765 brilhando.

Andando de maneira espalhafatosa e balançando como uma carroça ele se aproximou e iniciou um interrogatório bem ao seu estilo: “– Quem é você malandro?” – pensei por alguns segundos em que resposta eu daria e ele já pressionava: “– Desembucha maluco. Quem é você e de que buraco tu saiu?”

Um pouco exaltado com a pressão imposta pelo interlocutor respondi quase sem pensar. – Não lembro meu nome e tampouco de onde venho. Para dizer a verdade não consigo me lembrar de nada e não sei onde estou. – Quem é você e que lugar é esse? – finalizei perguntando.

– Pode me chamar de Chico Doido e essa merda aqui é o “reino dos pé junto”.

– Você quer dizer que estamos mortos? – perguntei completamente gelado.

– Além de esquecidinho “tu também é burro mano”. – disse a criatura já completando: – “Tu acha que isso aqui se chama terra dos mortos por quê?” “Quem ta aqui já perdeu, já era, ta comendo capim pela raiz. Sacô, doidão?”

Fiquei abismado, sequer me lembrava de ter vivido e alguém vinha me dizer, de maneira tão insistente, que eu estava morto. Isso devia ser um sonho, ou melhor, um pesadelo.

Sentei no meio fio tentando colocar a idéias em ordem. – Meio fio! – exclamei enquanto levantava novamente. Ao erguer minha cabeça já me vi em um lugar completamente confuso. Era um morro com muitos barracos construídos desordenadamente e por entre eles algumas vielas sinuosas. O lugar estava meio deserto, já parecia noite e as poucas pessoas que vi eram muito estranhas. Naquela atmosfera pesada parecia que até o ar era meio intragável, ouviam-se tiros, gritos, rojões, sirenes... Era uma loucura. Pude ver nesse momento que próximo de mim, junto com o Chico Doido aparecera mais uma meia dúzia de rapazes. Tirando suas particularidades físicas, todos eram magros e tinham o mesmo estilo de se vestir, caminhar e falar. Alguns deles fumavam, a maioria estava armada e um deles trazia nas mãos umas duas ou três granadas. Havia também um bem menor que os outros e me chamou bastante a atenção. Estava com alguns rojões na mão e não parava de chorar como quem não quer aceitar a realidade estendida diante de si. Mas não foi bem seu tamanho e nem seu choro que me atraiu, outro fato era agora mais marcante. Ele, ao contrário dos demais, usava um bracelete prateado no punho esquerdo assim como Pablo e eu.

O Chico foi logo apresentando seu pessoal. Apontou a arma para um deles e disse: – Esse é o Binho. “Os cana cercaram ele e mais uns cara” na entrada do morro foi tiro pra todo o lado e ele chegou aqui. – apontando para o menorzinho falou: – Esse fogueteiro ai também “rodo” no mesmo dia. Os “meganha” ficaram com raiva porque perderam gente e “começaram subi o morro passando fogo

em tudo que fosse neguinho que tivesse na frente, o moleque quis solta foguete pra avisa mais nem deu tempo.”

Eu tentei falar, mas o Doido me cortou mostrando outro elemento do bando e dizendo: – Esse é o Rubão, “liso quem sabonete molhado”. Ninguém botava as mãos nele, pena que o “cara vacilo” e uma overdose trouxe ele pra cá. Há, tem também o Pimenta, esse eu não conhecia, mais ele diz que “acho” uma bala perdida e perdeu meu irmão, veio acabar aqui também.

Depois de todas aquelas apresentações Chico Doido olhou bem dentro dos meus olhos e falou, balançando o corpo como sempre: – A gente vive aqui agora, tocando terror nesse pedaço. “É nois” que manda aqui agora e “tu pode faze” parte da minha galera. “Saco”?

– Olhei em volta, sem acreditar nos acontecimentos. Tudo parecia tão real que não me contive, olhei de volta para o Chico e disse em alto e bom tom: – Posso não lembrar quem sou, nem de onde vim e muito menos o que eu fazia lá. Mas de uma coisa estou certo, eu não “tocava terror” quando estava vivo e não vou me juntar há um grupinho de maconheiros fantasmas e fazer isso agora. Pra mim basta. – falei tudo e fui saindo decidido quando ele gritou: – Vira pra cá “preu” te acertar de frente seu “alemão” ingrato. Eu não costumo “da colher de chá pra otário como tu” não. “Ce” jogo tua chance fora. Perdeu meu irmão.

Quando Chico acabara de dizer essas palavras eu já havia me virado, movido pela curiosidade e pelo efeito daquele discurso estranho. Ele estava apontando a arma em minha direção. Ouvi o ruído do tiro e senti o projétil perfurar meu abdome. Levei as mãos no ferimento e cai no chão, percebi que doía e sangrava muito. Foi quando me lembrei de que já estava morto e de tal modo seria impossível morrer novamente. Levantei-me e comecei a caminhar sem olhar pra

traz. A dor passou, olhei novamente e não havia mais ferimento algum, nem mesmo sangue. Eu estava bem novamente, como se nada tivesse acontecido e o melhor de tudo, estava outra vez no caminho em meio à floresta.

Segui depressa, nem podia esperar para chegar ao destino, e mesmo sem saber qual era ele, seguia na certeza de encontrar alguém ou alguma coisa que esclarecesse todas as minhas dúvidas. Sentia-me como Alice no País das Maravilhas, só poderia estar sonhando, ou morto, ou... Nem sei o que mais.

Embora sem saber ao certo onde estava, agora eu já entendia como as minhas emoções e pensamentos podiam interferir nas coisas ao meu redor. Desse modo foi fácil e seguro seguir o caminho e em poucos instantes já havia chegado a uma pequena vila.

Era mais uma clareira na montanha com umas vinte cabanas. Havia um pequeno curso de água saindo da floresta e passando por entre as casas, suas águas eram tão transparentes que dava vontade de tomar um pouco. As casas eram feitas com madeira e folhas de palmeiras retiradas da mata. A princípio não avistei pessoa alguma.

Cheguei então às margens do riacho para lavar o rosto e tomar um pouco de água, apesar da ausência de sede. Mesmo com a pequena correnteza, na margem onde me agachei havia uma reentrância onde ficava uma pequena quantidade de água praticamente parada, livre da agitação do filete que descia. Esse pequeno poço como um espelho fiel refletiu minha imagem. Mais um susto, eu era uma criança, um rapazote de uns treze ou quatorze anos. Embora ainda sem saber meu nome, agora conhecia meu rosto. Senti-me ainda mais frágil e assustado.

Nesse instante apareceu um senhor com uma grande barba completamente branca, assim como seu cabelo. Suas

roupas eram bem simples, mas estavam impecavelmente limpas. Ele olhou-me com bastante calma, deu um sorriso e falou: – Bom dia visitante. Bem vindo ao nosso pequeno povoado. Vivemos aqui como um pequeno país e uma grande família. Lutamos pelo mesmo objetivo, o progresso de cada pessoa de nosso grupo. Pode se juntar a nós pelo tempo que dispuser e desde já o convido a voltar quantas vezes tiver vontade.

Senti-me confortável com aquelas palavras. Demorou a aparecer alguém com calma, conhecimento e tempo para conversar comigo.

Libertando minha curiosidade a muito contida perguntei: – Aqui é a terra dos mortos? Encontrei umas pessoas que afirmaram isso.

O homem esclareceu: – Depende do ponto de vista meu pequeno amigo. O que está morto para uns pode estar vivo para outros e vice versa. Além disso, a todos é dado o direito de vir até aqui.

Ainda mais confuso tentei mudar a pergunta: – Eu estou morto?

O velho sorriu e começou recomeçando seu discurso: – Um homem chamado Shakespeare disse certa vez na terra que o sono é o prenúncio da morte. Sábias palavras. A natureza possui várias dimensões além da dimensão física onde vivem as pessoas que acreditam estarem vivas. Essa onde estamos agora prefiro chamar de “Terra dos Sonhos”. Só o que chega aqui é a essência de cada ser. A essência se desprende da matéria e está livre para ir onde a consciência levar, na velocidade do pensamento. Todas passeiam por estes campos, e por muitos outros. Algumas ficam aqui, outras voltam para viver um novo dia sobre a “terra física”.

O homem falava com tamanha convicção que inspirava confiança, mas suas teorias me pareciam tão

estranhas e foram me deixando tão confuso que reformulando novamente a pergunta interrompi: – Eu vim para ficar?

O anfitrião passou a mão direita em sua grande barba e falou: – Meu jovem forasteiro existe uma Força Superior que determina onde devemos estar. Mas com a experiência de quem está aqui há muito tempo e a consciência de quem sabe que um dia terá que partir novamente, posso afirmar que você é um visitante e o despertar de um novo dia o levará de volta ao lar.

Ansioso, perguntei como podia ter certeza disso e ele respondeu: – Olhe seu braço esquerdo, este bracelete é a prova, dele sai um pequeno cordão luminoso. Conhecido como Cordão de Prata, ele liga a essência à matéria. Nem toda a força do mundo pode rompê-lo, porém, um dia ele romperá por si só. E nesse dia você se mudará para algum lugar nessa dimensão e passará um bom tempo aqui. Por hora você está apenas nos visitando e partirá rapidamente como o fez quando o algarismo quatro representou pela primeira vez sua idade material.

– O que tem o quatro haver com minhas visitas a este lugar? – indaguei curioso. E o velho respondeu: – É uma longa história e hoje não é o momento. Quando o quatro novamente simbolizar sua idade você voltará, sua mente estará muito mais clara que agora.

– Como é o seu nome? – perguntei. O velho respondeu: – Pouco importa os nomes, mas aqui sou chamado de Adão e preciso contar mais uma coisa á você antes do teu regresso. Este mundo é totalmente moldável de acordo com os sentimentos dos seres que o habitam. Boas pessoas chegam aqui com bons pensamentos, vêem o que temos e acreditam que isso é real e desse modo fortalecem nosso mundo. Imaginam coisas boas e belas e dessa forma acabam criando novidades que acreditamos ser real. Se isso é

um sonho ou realidade? A resposta está fora das minhas faculdades mentais. Pessoas más chegam e criam coisas ruins e desacreditam das coisas belas e com isso as enfraquecem. O mais importante de tudo é que o bem sempre prevalece. Um raio de luz rompe qualquer escuridão por mais densa que seja. Mas lembre-se, amigo, seu planeta também é assim. A diferença é a velocidade, mas ainda que demore os bons pensamentos sempre produzem bons frutos.

Nesse momento eu via apenas uma luz e sentindo uma forte pressão sobre meu corpo ouvi aquela voz suave acabando seu discurso. – E quanto a sua pergunta eu diria que vivo está o ser que tem consciência de si, de suas ações, de seus sentimentos e da realidade onde está inserido. Sem consciência não existe vida, resta apenas ilusão, ainda que se tenha um corpo e um coração batendo em seu peito.

O silêncio reinou após essas palavras. Pude sentir meu corpo novamente, percebi que estava deitado em um lugar macio. Abri meus olhos lembrando-me de tudo. Estava em meu quarto, eu tinha um corpo, um nome, uma família, uma história... E agora lembrava-me de tudo isso.

Alguns instantes refletindo sobre aquele sonho estranho e minha mãe já me chamava. Acreditava que eu ainda dormia e chamando com serenidade, para não assustar quem esta acordando, colocou meu uniforme do colégio sobre a cama.

– Mamãe, tive um sonho muito esquisito esta noite. – falei enquanto sentava na cama. Minha mãe respondeu apressada: – Agora não há tempo querido, já deixei que faltasse na escola ontem por ser o seu aniversário. Agora você já tem treze anos, já é um pré-adolescente e deve ser responsável e pontual com seus compromissos e além do mais hoje é sexta feira. Tenho um paciente na primeira hora. – completou dizendo – É um garoto pouco mais novo que

você. Está com sérios problemas de convivência. Tchau querido, tenho que chegar à escola um pouco mais cedo, preciso analisar melhor o caso antes da sessão. Ser Psicóloga do colégio não é moleza.

Vesti-me com rapidez e desci para tomar café da manhã na cozinha. Meu pai estava lá tomando seu café, eu iria com ele para a escola hoje. As sextas ele tinha todos os horários lá. Era professor de matemática do segundo grau.

Minha escola era uma das mais respeitadas instituições de ensino da cidade e não era por acaso que eu estudava ali, já que meus pais se conheceram trabalhando nesse colégio. Era como se eu fizesse parte daquele lugar. Desde que me conheço por gente convivo ali. Ainda era um bebê e meus pais já me levavam para algumas visitas e para todas as confraternizações de fim de ano. Quando atinge idade escolar foi uma alegria para mim, não via a hora de fazer parte, oficialmente, de toda aquela movimentação que sempre me fascinou.



III - Em busca do Quatro

Chegando à escola, a primeira aula era de História. Eu não via a hora de chegar à frente de um computador com Internet, talvez uma pesquisa na grande rede pudesse esclarecer alguma coisa sobre esse dito quatro na minha idade.

O tempo parecia não passar, teria aula no laboratório de informática no segundo horário, mas os cinquenta minutos do primeiro pareciam semanas.

Não agüentava mais de ansiedade quando pensei – os anos da vida de uma pessoa compõem a história desta pessoa, então a professora de História pode saber sobre o quatro.

– Professora – chamei impaciente.

– Fala Júlio. O que você não entendeu desta passagem histórica?

Perguntei meio sem graça – Professora, que relação pode existir entre o algarismo quatro e a história da vida de uma pessoa?

Com a expressão tão confusa quanto possível a mestra indagou – Como assim? Eu não entendi sua pergunta Julio.

– Professora – falei totalmente sem jeito – é que eu tive um sonho esta noite e um velho me falava sobre o numero quatro e minha história de vida.

A docente, com um leve sorriso no rosto, falou: – Sonhos são frutos do subconsciente, você pode ter tido um dia agitado e ter sonhado com algo totalmente desconexo. Vamos voltar à História do Brasil. O dia da prova está chegando e não podemos perder tempo.

A primeira aula acabou, pra mim foi como se estivesse acabando um século do qual eu tivesse presenciado cada ano. Enfim nos dirigíamos para um dos laboratórios de informática da escola. A ansiedade tomava conta de mim. A Internet... Grande rede abençoada capaz de trazer respostas para quase todos os questionamentos oriundos da mente humana. Basta saber formular a pergunta e não importa sua idade, sexo ou religião... Ela vai responder com a pura sinceridade que só as máquinas possuem neste mundo caótico.

Chegamos e os computadores já estavam ligados e a professora se apressou em despejar sobre nossas cabeças o conteúdo da aula. Pediu uma pesquisa, mas não era uma pesquisa qualquer. Deveríamos procurar conteúdos sobre a evolução da informática, era preciso entender essa história e criar uma apresentação explicando todas as passagens importantes e enfatizando o que essa tecnologia trouxe de favorável à esfera educacional. O trabalho valia nota, e mais que isso, o melhor seria publicado na Home Page do colégio. Muito além da nota, o prestígio de ter seu trabalho exposto dessa maneira atraía e motivava todos os alunos a fazer o melhor possível, ou quem sabe, o impossível também. A tarefa poderia ser desempenhada individualmente ou em grupos de até três pessoas.

Minha decisão estava tomada, faria sozinho. Que eu trabalhava melhor sozinho já não era segredo para ninguém, mas o foco dessa vez era outro. Eu precisaria estar sozinho para poder saciar aquela curiosidade louca que me corroía a cada segundo. Qual seria a relação entre quatro, treze, minha

vida, as tais visitas a esse “mundo dos sonhos” das quais só lembrava-me de uma...

Frente a frente com o PC pude enfim me entregar à pesquisa, à minha pesquisa. Abri rapidamente um site de busca e digitei as palavras: 4 14 vida “mundo dos sonhos”. A resposta foi imediata, 23.600 sites encontrados contendo a expressão digitada. Li rapidamente a descrição dos primeiros, não era isso que eu queria, falavam da concepção de vários grupos religiosos com relação aos sonhos, ao sono, a vida após a morte. Não estava de todo fora do assunto, mas era muito abrangente, pouco prático. Eu precisava de algo mais claro, mais simples, não tinha tempo para ler tanto. Tentei nova pesquisa, desta vês: 4 14 história vida. O resultado foi tão rápido como chocante. 179.000.000 sites encontrados com a nova expressão digitada. Aquilo foi um balde de água fria, não sabia o que fazer. Talvez fosse melhor no começo da Internet, como nas histórias que meu pai contava, naquela época você digitava uma expressão ou palavra e não encontrava mais de uma dezena de sites sobre o assunto, hoje são milhões. É um oceano de conteúdo e nem que passasse o resto de minha vida lendo jamais chegaria ao fim. Era preciso ser objetivo, usar as palavras certas.

Trinta minutos se passaram, eu já havia tentado as combinações e palavras que minha mente foi capaz de conceber naquele período.

Ansioso nessa hora nem era a palavra, eu já estava transtornado. De repente senti a mão de alguém segurar meu ombro esquerdo. Não pode ser. Não acredito que a professora resolveu ver o meu trabalho de perto. Pálido e tremulo virei a cabeça procurando o rosto da pessoa. Era ela, sem mais nem menos estava parada junto a mim. Tantos alunos conversando, andando, se agitando e a professora tinha que vir importunar quem estava totalmente quieto? Não, eu

me recuso a acreditar. Ao final de quase um minuto de silêncio e reflexão a docente começou a indagar. – Júlio, o que você está fazendo? Observei as páginas da Web abertas em seu monitor e nada tem há ver com a pesquisa. Tenho a impressão de que nem sequer começou o trabalho. O que está acontecendo.

Nessa hora fiquei sem saída. Não sabia o que fazer. Se falasse a verdade seria punido, mas se inventasse alguma mentira poderia ser ainda pior, visto que sempre fui ruim nesse tipo de delito. Tomei coragem, olhei para professora e contei sobre o sonho. Expliquei a ela minha necessidade de descobrir a relação entre o algarismo quatro, meus sonhos e minha vida. Ela se mostrou bastante comovida com o meu caso, disse que não me puniria, mas deveria começar o trabalho imediatamente e terminá-lo em casa.

Resolvi esquecer momentaneamente minha busca pelo significado do estranho sonho. Havia percebido que teria problemas na escola caso persistisse, era melhor me concentrar nas aulas antes que o caso chegasse aos ouvidos da minha mãe. E além do mais, não estava conseguindo resultado algum na minha empreitada.



IV - Psicanálise

De volta ao lar. Almoçamos e tivemos nosso descanso como de costume. Minha mãe estava um pouco estranha, me olhava muito e prestava atenção em mim como quem analisa um caso clínico. Esse comportamento me deixou bastante preocupado, mas procurei agir com naturalidade tentando não piorar as coisas. Pelo que conhecia minha mãe, sabia que cedo ou tarde teria problemas, quando me analisa dessa forma a questão já rompeu o limite familiar e chegou ao profissional. Ela prestava atenção em mim como um Psicólogo em busca da causa de um sério desvio comportamental.

Meu pai estava saindo para dar aulas, minha mãe ficaria à tarde em casa. Fui para meu quarto com a desculpa de terminar o trabalho de informática. A fuga não funcionou. Em poucos minutos minha mãe sentava do meu lado. Na tela do PC apenas a pesquisa sobre tecnologia, ao menos desta vez não fui pego em flagrante. Fato sem importância, o prognóstico já estava pronto.

Ela olhou-me com carinho e preocupação perguntando. – Filho, o que está acontecendo?

– Nada mamãe – respondi meio gaguejando.

– A professora de História e a de Informática me falaram sobre seu comportamento estranho nas aulas e sobre um sonho que você teria tido. Fale-me sobre isso.

Essa última frase transformava, de fato, nossa conversa em uma sessão de psicanálise. Não tive alternativa, contei todos os detalhes e após o relato uma pergunta me deixou ainda mais tenso.

– Pra você – perguntava com seriedade profissional. – Sonhos são reais ou são senas fictícias criadas pelo nosso subconsciente?

Aquela, sem dúvida, foi uma das questões mais difíceis que já me propuseram na vida. Hoje eu saberia o que dizer até mesmo para os ouvidos maternos. Naquele dia, quase tudo que fizera foi buscar essa resposta. E nada, simplesmente não sabia. Por um lado aquele sonho me mostrou um mundo fascinante coexistindo com o nosso de uma maneira tão mágica e plena. Isso não poderia ser imaginação, delírio ou criação da minha própria mente. Era real, tem que ser real. Por outro lado, estou sendo criado por uma estudiosa do assunto que sempre me ensinou que sonhos têm origem em nossos medos, nossas felicidades, nossos desejos, sem magia, sem espiritualidade, longe, muito longe da realidade. Se ao menos eu já soubesse que uma pergunta como esta, em uma situação como esta, geralmente não busca uma resposta verdadeira, condizente com seus sentimentos. Ela é como um teste onde o interlocutor já sabe a resposta. E responder como ele espera é a prova de que você aprendeu os ensinamentos, você aceitou o que ele despejou sobre sua cabeça como verdade. Eu ainda não sabia disso e além do mais estava falando com minha mãe e se ela não me compreendesse quem mais o faria. O fato é que eu estava em dúvida, uma dúvida cruel. Meus pensamentos foram interrompidos pela voz maternal cobrando uma resposta.

Eu respondi: – Acredito, acredito na existência do mundo dos sonhos. Acredito que a gente vai passear lá quando dorme e fica lá quando a gente morre.

Resposta errada. Pude ver esta frase estampada em seu rosto. Se eu fosse um pouco mais maduro certamente teria dado a resposta certa e depois, com tempo, calma, e os argumentos certos, poderia expor aos poucos a minha verdadeira opinião.

Com expressão e voz preocupada minha mãe mandou que eu me trocasse. – Pra onde vamos – perguntei. Ela explicou. Iríamos ao Dr. Willi Fernando, pra mim isso era nome de golfinho, mas ele é um conhecido e bem formado Psicólogo amigo da família desde antes do meu nascimento.

Chegamos à clínica e como o paciente anterior ainda estava no consultório ficamos aguardando na sala de espera. Na parede uma imensa TV de plasma estava ligada em canal local. Passava um filme sem graça que foi bruscamente interrompido por um plantão de jornalismo. – O grupo de policiais acusados de abuso de poder, violência e vários assassinatos no Morro do Marreco presta depoimento neste momento. A informação que temos é de que os oficiais estão alegando legítima defesa já que os traficantes do morro teriam aberto fogo contra o pelotão. Uma criança baleada na confusão acaba de sair da UTI, o quadro clínico do menino Maicon melhorou rapidamente animando os médicos.

O pequeno noticiário me deixou um pouco mais tranquilo e muito surpreso. Mostraram uma foto do menino baleado e por incrível que possa parecer eu o conhecia. Era ele, só podia ser ele, aquela fisionomia era inconfundível. Era o fogueteiro que eu vira no meu sonho, o único menino da gangue do Zé Doido que possuía um bracelete. Sorri diferente, estava diante de uma prova viva de que o “Mundo dos Sonhos” existia. Mais que isso, ele existe e se relaciona de

forma direta com o nosso mundo. Fiquei tão eufórico com a descoberta que esqueci, por alguns instantes, o lugar onde estava e o motivo que me levara até ele.

— Vamos filho. — falou a minha mãe. — O Dr. Willi nos aguarda.

Entramos, após os costumeiros cumprimentos e observações de como eu havia crescido e outras frases que a “boa educação” exige das pessoas “refinadas”, fomos conduzidos pelo médico até uma antessala de seu consultório. Ali havia uma mesinha com algumas cadeiras em volta, quadros abstratos na parede combinavam com um aroma floral que inundava o ambiente junto com uma música orquestrada e relaxante. Dando ao local um ar ainda mais transcendental a iluminação era sutil, combinando a dose certa de luzes e sombras exigida pelo momento. Sentamo-nos, sobre a mesa havia uma jarra de suco acompanhada de copos, bombons e algumas balas coloridas. Em um dos cantos da sala havia uma mesinha que lembrava uma carteira escolar, em cima dela descansavam folhas de papel e uma farta opção de lápis de cor. No outro canto duas poltronas bastante confortáveis em um tom de verde confundível com a cor do espesso tapete que cobria todo piso, posicionadas estrategicamente uma de frente pra outra.

O ambiente somado à simpatia do Dr. Willi me cativara, enfim estava relaxado já quase perdendo na imensidão da mente o real motivo da visita. Nesse instante o médico olhou-me fixamente com serenidade, seu olhar era amigo e protetor, pois a mão direita sobre meu ombro dizendo. — Julho, como você sabe, eu sou o Dr. Willi Fernando, sou psicólogo especializado em distúrbios da infância e adolescência. Sei que tudo isso pode parecer complicado para você tendo em vista sua pouca idade e seu convívio com o trabalho da sua mãe que é bem parecido com

o meu. Por isso eu quero começar nossa conversa te explicando que não estou analisando e nem tampouco estudando você. Sou seu amigo, quero conversar e brincar com você, quero te conhecer melhor quero te entender e preciso que você me entenda. Vamos conversar como dois grandes amigos.

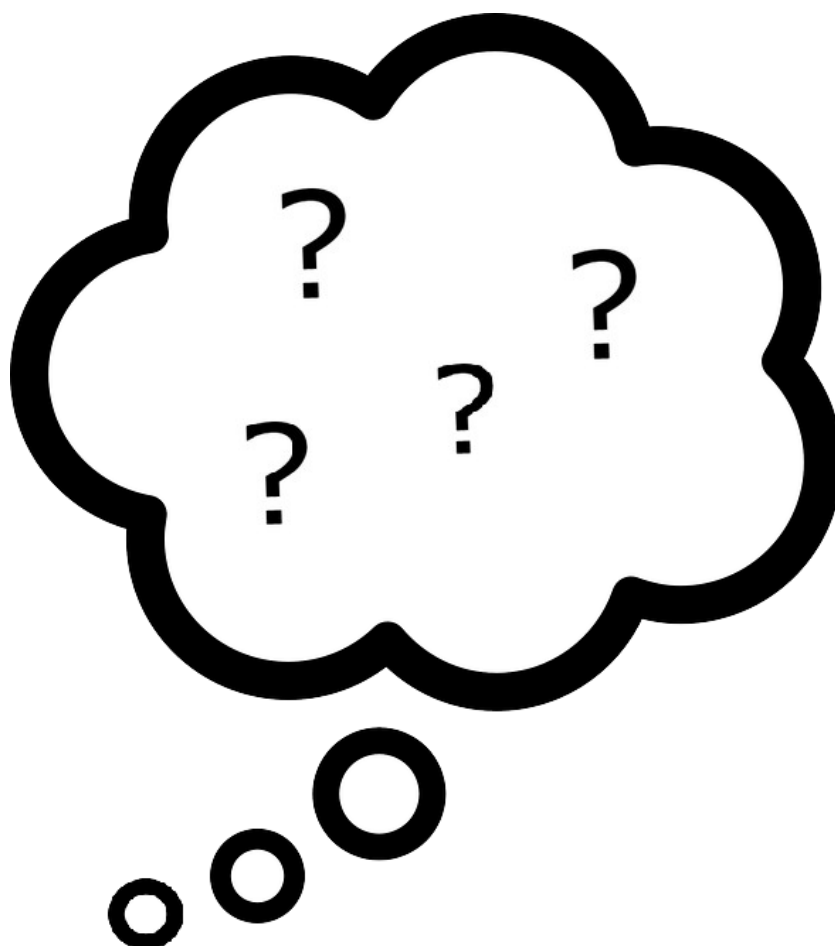
Terminando essa frase o Psicólogo, agora meu mais novo amigo, perguntou se eu gostava de suco de maracujá, assenti com a cabeça. Ele encheu um copo para mim e outro pra ele, pediu que o chamasse apenas de Willi e completou brincado. – Willi, como aquele golfinho do filme. Você já assistiu o filme do golfinho?

Eu não apenas havia visto o filme como adorava o tal golfinho, como quase todas as crianças. Conversamos bastante sobre o filme. Fiquei tão entusiasmado com a conversa que quando dei por mim já estava na mesinha de pinturas desenhado o dito cujo golfinho. Willi, o doutor, estava do meu lado sentado em um pequeno pufe cor de rosa.

Não levou muito tempo para que minha ingenuidade pueril, esse dom infantil de não enxergar a realidade atrás de um sorriso, me estimulasse a contar tudo para meu novo amigo. Quando digo tudo, me refiro ao acontecimento na íntegra, com nomes, diálogos e descrição detalhada de tudo o que pude me lembrar, inclusive minha opinião sobre a existência do “Mundo dos Sonhos”. Pra minha surpresa o Dr. Willi ouviu empolgadamente e no final não expôs opinião favorável ou contra minha teoria restringindo-se a algumas perguntas. Quis saber se eu gostei daquele mundo, se gostaria de voltar lá e se eu tivesse que escolher entre ficar para sempre em um dos mundos qual eu escolheria, ficaria aqui ou iria embora. Achei as perguntas um tanto quanto estranhas, mas o Willi agora era meu amigo. Respondi que gostaria de voltar a passeio e queria poder passear lá sempre e que não preciso

escolher entre eles, podemos viver nos dois mundos. O médico sorriu, passou a mão na minha cabeça e me disse para visitá-lo novamente na próxima semana. Explicou que se divertiu muito junto comigo. – Quero vê-lo na sexta que vem. – disse o doutor.

Willi pediu para eu fazer mais um desenho bem bonito enquanto ele acertava com minha mãe os detalhes da nova visita. Fiquei feliz desenhando na ante-sala enquanto eles conversavam em sua mesa no consultório. A distancia me impediu de ouvir a conversa, mas isso não me incomodava, eu agora tinha um novo amigo bem legal e o veria novamente na próxima sexta-feira.



V - Sexta outra vez

Ainda na cama lembrei-me que era uma sexta feira, dia letivo. Olhei no relógio que marcava seis horas, podia ficar deitado ainda mais uns minutos.

Aproveitando o tempo que ainda tinha comecei pensar em minha vida. De certo modo estava checando os dados e verificando se conseguia me lembrar de tudo. Um procedimento bastante complexo visto que se não me lembrasse de algo dificilmente me daria conta disso.

De qualquer maneira, fui viajando na contra mão do tempo, lembrando primeiro da noite de quinta, acabei por repassar o dia também. Continuando a trajetória relembrei a prova catastrófica de matemática que havia feito na quarta. Não que eu tivesse antipatia pela matéria, ao contrário, a ciência dos números sempre me fascinou. Modéstia parte, a

busca pelo conhecimento sempre me atraiu. Minha mãe acredita que o fato dela trabalhar com problemas de educação e aprendizado acabou me deixando assim, já meu pai acha que sou um curioso irrecuperável, meu avô diz que falo bastante e pergunto tudo. Já alguns colegas de escola me tacharam de projeto inacabado de filósofo.

Quando minha retrospectiva chegou ao fim de semana passado lembrei que havíamos comemorado meu aniversário. Não foi bem uma festa, mas foi uma boa e tradicional reunião de família. Vieram a Tia Dália e o Tio Antonio, que a gente abreviava chamando de Titoim, trazendo com eles os netos Janaina, Pedro Júnior e André Gustavo. Janaina era a mais velha deles sendo quatro anos mais nova que eu. Ela e o Pedro moram em uma cidade vizinha e vieram passar o fim de semana na casa da avó deles, minha tia, justamente por causa da minha festa. Já o André morava ali por perto mesmo. – Porque o primo que morava mais próximo de nossa casa era o mais insuportável de todos? – perguntei-me. Não que os outros também fossem insuportáveis, esse era por todos.

Vieram mais uns tios e alguns primos um pouco mais velhos.

O parabéns foi cantado por volta de vinte e trinta do sábado. A criançada, inclusive eu, estava prestes a demolir a casa. Depois do bolo, Janaina, Pedro, André e eu ficamos brincando por longo tempo de pega-pega na rua, enquanto os outros conversavam calorosamente no interior da casa.

Duas coisas que jamais entendi nessas festas. Porque os homens e as mulheres formam grupos separados para conversar ao invés de ficarem todos juntos. E o fato das visitas ficarem horas chamando as crianças para ir embora antes de irem de fato. Elas deviam esperar até terem certeza do que realmente querem.b

No domingo fomos para casa do Tioim, eu passei o dia todo brincando com os primos que estavam por lá. Ainda bem que o Gustavo não foi. Hoje ele é uma pessoa simpática, mas naquela época era terrível.

Com isso entendi o porquê da nota ruim, essas reuniões de família sempre me deixavam meio desconectado das minhas responsabilidades. Por um lado a brincadeira irresponsável com os primos, por outro o clima meio de “guerra fria” formado eventualmente entre alguns familiares de convívio um pouco delicado.

É, parece que minhas memórias estavam todas no lugar, eu lembrei até que acabara de completar treze anos.

Foi justamente esse pensamento que me despertou para uma coincidência bastante chamativa. Treze anos, exatamente nove anos após eu ter completado quatro anos. Não subestime minha dedução, o fato é que aos quatro anos também havia acontecido um fato inusitado comigo enquanto dormia.

Conta minha família que alguns dias após termos comemorado meu quarto aniversário eu acordei no meio da noite numa espécie de transe. Falava coisas sem nexos e não tinha a menor noção de quem eu era ou de onde estava. Citava nomes e acontecimentos estranhos e falava com convicção sobre um rio, umas cabanas e um senhor de barbas brancas chamado Adão e também sobre uma Luna que meu pai por fim interpretou como sendo a lua. Tudo igual ao que vi em meu sonho na noite de quinta para sexta-feira. Ou não terá sido um sonho?

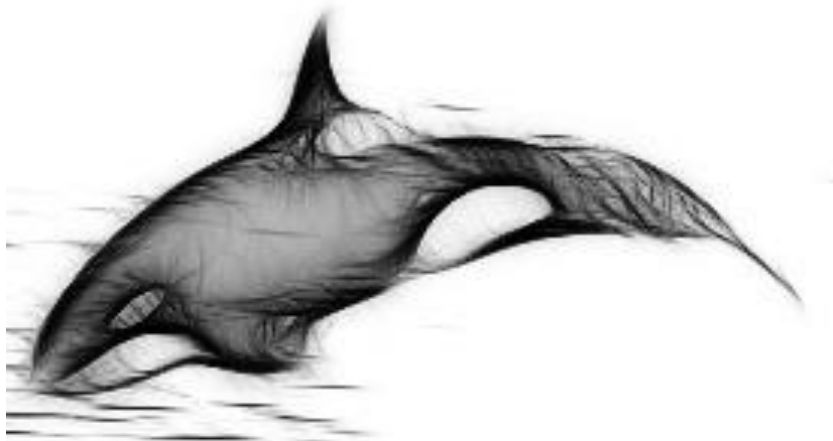
A essa altura, minha mãe já me chamava na porta do quarto pedindo para eu me arrumar, já era hora de ir para escola. Despediu-se e, assim como na sexta passada, saiu mais cedo para organizar sua consulta.

Enquanto eu me arrumava ela ainda teve tempo de lembrar-me sobre o aniversário da prima Janaina, que seria comemorado no domingo à tarde. Sugeriu ainda que eu chamasse o Carlos, um colega de sala bastante próximo, para ir junto.

Perguntei se foi Janaina que pediu para a festa ser na casa do Titoim, minha mãe respondeu num tom mais sério – Foi, ela disse que ficaria mais perto dos primos.

Nesse momento percebi ter demonstrado, sem intenção, um interesse especial pela menina e desconversei logo dizendo – é que eu gosto muito de brincar com os primos e a Janaina é bastante divertida.

Minha mãe sorri novamente, me lembra também da visita ao Dr. Willi, agendada para esta tarde. Eu aproveitei para arrumar os materiais, que não havia arrumado no dia anterior.



VI - Diferenças

A semana passou e eu quase nem percebi, apesar dos constantes olhares analíticos de meus progenitores procurando mais algum indício de minha patologia mental.

A sexta-feira chegou novamente. Sempre tive um gosto especial pelas sextas, pra mim é um dia mágico, um marco entre as obrigações rotineiras da semana e a diversão. Soa como o primeiro grito de carnaval. Além disso, esta trazia consigo algo a mais, era o dia de minha visita ao novo amigo Willi. Por incrível que possa parecer eu estava empolgado, até entusiasmado com a idéia. Tinha, inclusive, uma pasta cheia de desenhos e textos produzidos ao longo da semana especialmente para serem apresentados ao meu grande amigo. É... Como o mundo seria diferente se nós adultos conservássemos ao menos um pouco desta inocência. Mas, fosse como fosse, eu estava feliz e ansioso. Na escola procurei me comportar bem e tentei esquecer aquela história de sonho. Não queria mais encrenca. Os professores, depois daquele incidente, passaram a me examinar com olhares clínicos e certamente levariam ao conhecimento de minha mãe até meus pensamentos se pudessem lê-los.

Em casa, o almoço em família, o descanso, meu pai saindo para dar aulas, eu em meu quarto adiantando as tarefas

da escola. Assim como na semana anterior minha mãe entra, com olhar bastante preocupado, senta-se ao meu lado. Fico embaraçado e pensativo procurando lembrar algum comportamento estranho que eu possa ter tido na escola. Tudo parece perfeito, não fiz nada errado e nem falei nada que as pessoas não quisessem ouvir. Ainda mais que eu começava a perceber a dificuldade que as pessoas têm de aceitar crenças diferentes das suas. Quem já leu sobre a Santa Inquisição sabe muito bem do que estou falando.

Em meio a essa turbulência mental escuto a voz de minha mãe me chamando: – Júlio, o que esta havendo? Você esta tão distante!

Imediatamente tentei me defender com a primeira desculpa que me veio à cabeça. – Nada mamãe, só estou com muito sono.

Ela sorriu como quem entende o cansaço alheio e pediu que eu descansasse um pouco antes de irmos ao Dr. Willi Fernando. – Mas antes – disse ela – preciso te fazer uma pergunta. Na verdade, preciso repetir uma pergunta que já te fiz semana passada. Você acredita na existência do “mundo dos sonhos”?

Jamais alguém havia se preocupado sequer se eu tinha sonhos, agora essa pergunta que não para de cair sobre minha cabeça a todo instante. Se eu tivesse percebido a complexidade teológica e psiquiátrica da questão certamente teria dado logo a resposta esperada e poupado a todos de muitos transtornos. No entanto a reportagem sobre o fogueteiro havia transformado minhas dúvidas em sólida certeza. Respondi sem mais demoras: - Não mamãe, eu não acredito. Eu tenho certeza que existe o mundo dos sonhos e sei que um dia eu vou conseguir levar a senhora lá para conhecer.

Nunca em toda minha curta vida, eu tinha visto alguém com uma expressão tão assustada. Minha mãe me olhava como quem vê um doente terminal. Fiquei confuso e sem argumentos. O que teria de tão assustador naquelas palavras?

Ela estava completamente pálida e gaguejando, tentando falar alguma coisa. Lágrimas começaram a correr de seus olhos e a voz trêmula finalmente saiu: – Deita meu filho, descansa um pouquinho. Já a mamãe te chama para ir no Dr. Willi, ele vai ajudar a gente, tudo vai dar certo. Você vai ver.

Ainda consegui me dar um beijo na testa antes de sair correndo pro seu quarto.

Algum tempo depois ela voltou, eu havia cochilado, mas acordei com o barulho dos passos e da porta abrindo. Agora recomposta, carinhosamente, mandou que eu tomasse um banho e me vestisse para irmos.

Enfim chegamos à clínica. Aguardamos um pouco na recepção, como de costume, eu com a pasta de trabalhos na mão, mal podia esperar pelo momento de mostrar tudo ao meu grande amigo.

Chegou a hora, cumprimentos e elogios costumeiros, bombons, um pouco de conversa. Meus trabalhos foram cuidadosamente analisados e calorosamente elogiados. Eu estava feliz e meu amigo também estava alegre com minha presença. Ele escolheu um desenho e dois pequenos textos. Disse que gostou tanto deles que dava vontade de levar pra casa. Falou ainda que mandaria emoldurar o desenho e colocaria na parede de seu escritório pessoal em sua casa. A empolgação tomou conta de mim. Uma obra minha na casa do meu amigo! Isso era indescritível, assenti imediatamente saltitando de alegria. Como uma forma de retribuir o presente meu “amigo” Willi pegou um pequeno chaveiro sobre sua escrivaninha. O chaveiro era uma espécie de placa de metal onde se lia a frase: “Conheça-te a ti mesmo”.

Fiquei muito feliz com o presente e depois de observá-lo por algum tempo coloquei o objeto sobre a mesinha de desenho para desocupar as mãos. Surgiria em uma folha de papel mais um oceano com um sol poente e alguns golfinhos.

Não tenho idéia do tempo decorrido. Sei apenas que me diverti muito. Dr. Willi me pediu que mostrasse esse último desenho para sua secretária enquanto ele conversava um pouco com minha mãe.

Dito e feito. A secretária, muito simpática, se interessou em cada mínimo detalhe da obra. Hoje eu entendo que aquela simpatia e dedicação eram parte de sua atitude profissional, mas na época eu fiquei satisfeito porque mais uma pessoa gostava dos meus desenhos.

Tudo corria como planejado, até que a criança do horário seguinte derrubou um copo de suco encima de alguns brinquedos na recepção e começou a chorar. A secretária precisou contornar a situação ajudando a mãe e a criança a se recompor. Enquanto isso sem ninguém para me entreter acabei lembrando-me do chaveiro que ganhara alguns instantes atrás. Eu havia esquecido meu presente na mesinha de desenhos. Aproximei-me e empurrei cuidadosamente a porta do consultório que já se encontrava entreaberta e sem a menor intenção acabei ouvindo a conversa. As palavras me congelaram, não podia me mexer era preciso escutar mais.

– Fique tranqüila Alâna – continuava o médico – É só uma faze, é passageiro. É como o Édi, aquele amigo imaginário da primeira infância, passa por si só.

Minha mãe com os olhos bastante aflitos argumentava: – Fernando, eu não quero que meu menino vire uma criança autista. Ele é tão inteligente, tem a vida toda ainda para viver. Não pode acontecer uma coisa dessas com ele. Não com o meu menininho.

O médico interrompeu dizendo: – Alâna confie em mim. Você me conhece desde a infância, eu jamais mentiria pra você. Eu estudei e me especializei e posso te garantir, ele é uma criança normal isso é só influencia da TV que explora demais o imaginário e acaba por confundir as crianças. Conforme ele amadurecer tudo isso vai passar.

A essa altura percebi a secretaria aproximando-se, abri a porta de súbito fazendo barulho na tentativa de dar a idéia de que acabara de chegar. Ela segurou-me fortemente pelo ombro tentando me tirar dali, mas o médico acenou com a cabeça para que eu entrasse. Aquela sena havia me deixado chocado, transtornado ou até mesmo ferido na minha ingenuidade de criança. Aquela ingenuidade que acredita na preocupação das pessoas com os seus sentimentos, com as suas opiniões e a sua maneira de pensar. Aquela ingenuidade que diz o que pensa, acreditando no direito das pessoas pensarem diferente uma das outras e ainda assim estarem juntas. Naquela hora eu percebi a inexistência de tudo isso. O chão saiu debaixo dos meus pés ao entender que pensar e agir como seu grupo lhe torna um ser humano normal, mas ver os fatos de um ângulo diferente faz de você um doente, um loco, um problema a ser resolvido. Entendi que seus pensamentos não fazem diferença desde que você fale o pensamento do grupo. Agora eu aprendi que algumas perguntas já têm as suas respostas prontas e ensaiadas, é como quando alguém te cumprimenta e pergunta se está tudo bem. A resposta é positiva e tem que ser assim, faz parte da educação, da cultura. Afinal de contas somos seres racionais, é isso que nos difere dos outros animais.

Não sei quanto tempo fiquei ali parado processando as informações, o fato é que a voz do médico me despertou. Ele já estava próximo, indagando se estava tudo bem comigo. – Sim – completei dizendo – é que eu queria mais um copo de

suco e tava pensando se o senhor não ia me achar guloso se eu pedisse.

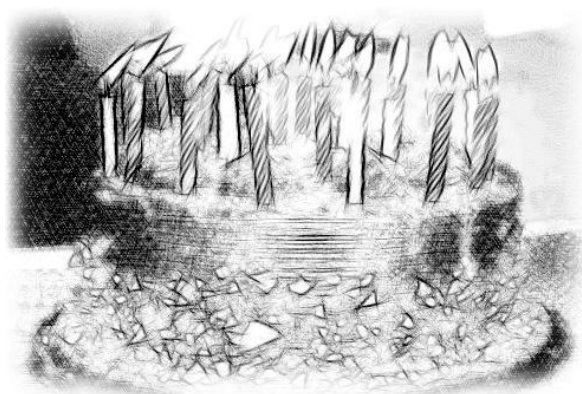
Ele ficou um pouco pensativo, coçou a cabeça e me conduziu até a mesa. Sentamos, nós três, e tomamos suco enquanto conversávamos normalmente. Foi então que o Dr. Willi me perguntou: – E o mundo dos sonhos? Você voltou lá.

Agora eu já sabia a resposta, já conhecia a necessidade de ser considerado mentalmente normal, eu não queria trazer transtornos pro ninguém e muito menos pra mim. Simplesmente sorri e falei: – Não, eu não voltei mais lá, eu nem tava lembrando mais disso e nem sei se existe mesmo. O importante é que teve a festa do meu aniversário sábado passado e domingo agora vai ter a festa da minha prima Janaina.

Missão cumprida. Dei a resposta certa, mudei a direção da conversa e todos puderam respirar aliviados.

Eu não queria convencer ninguém a acreditar em sonhos, queria apenas o direito de acreditar ou desacreditar de acordo com a minha consciência. O direito de ser diferente.

Despedimos do meu pseudoamigo, fiz questão de esquecer o presente e de jogar fora todos os desenhos que eu havia feito na ocasião. A tarde de sexta já se despede e amanhã é dia de escolhermos o presente da minha priminha preferida e esperar ansiosamente o domingo.



VII - O quadrado de quatro

Tem duas coisas que ainda não entendo sobre meu aniversário. A primeira delas é por que meus pais têm sempre que dar uma festa e convidar a família toda, que não é pequena, para cantar parabéns. Tá certo que sou filho único, mas já estava completando dezesseis anos e esse negócio de festinha de aniversário parece coisa de criancinha. O segundo ponto a me deixar com o cabelo em pé nas imediações desta data era que às vezes aconteciam coisas estranhas comigo.

Para piorar a minha ansiedade eu ainda não havia descoberto qual a relação entre o quatro dos meus quatro anos de idade, a primeira vez que sonhei com a pequena vila do Adão, com os nove anos passados até meus treze anos, segunda vez em que estive na tal vila. O que nove e treze tem a ver com quatro eu definitivamente ainda não sabia. Já o dezesseis como se não bastasse ser o quadrado de quatro ainda precede em quatro dias o aniversário de doze, três vezes quatro, anos da Janaina. É muito quatro junto numa data só.

O fato é que neste ano meu aniversário caiu numa sexta-feira e seria comemorado na própria noite. Janaina e o irmão estavam morando com a avó deles, minha tia Dália, devido a um projeto dos pais de mudarem para nossa cidade. Sistemático e conservador, meu primo Pedro, pai da Janaina e do Pedro Junior, não aceitava a hipótese de mudar os filhos de

colégio no meio do ano. Por isso se adiantou e mandou as crianças antes.

A comemoração dos doze anos de minha prima seria no domingo na casa da tia Dália, embora o aniversário fosse na próxima terça, quatro dias após o meu.

De qualquer forma, chegou a sexta-feira, meu aniversário. Como a festa era inevitável e aproveitando meu sentimento especial pelas sextas-feiras resolvi entrar no clima e me divertir. Foram convidados alguns amigos mais chegados, além de tios, primos e familiares em geral.

O sol começou a retirada enquanto os convidados começaram a chegar. Em casa tudo devidamente organizado, um pop-rock nacional tocava suave, quintal iluminado, churrasqueira acesa, meu pai empolgado com a ideia de fazer um churrasquinho. Salgadinhos e docinhos como de costume. Nada de chapeuzinho, reivindicação minha, e apenas refrigerante e sucos naturais, exigência dos meus pais.

Janaina e o irmão foram os primeiros a chegar, trazidos pelo Titoim que voltou para buscar a tia Dália que estava se arrumando. – Se não trago logo essas crianças elas ficariam loucas de ansiedade – disse o tio. – Só falam nessa tal festa desde que amanheceu.

Os convidados foram chegando mais e mais, e em pouco tempo nosso quintal estava tomado. Os primos mais velhos já estavam adultos e alguns deles haviam casado. De criança e adolescentes restavam apenas quatro. Janaina, Pedro Júnior, André e eu. Vieram também alguns colegas de escola com aproximadamente a minha idade e nós formamos um pequeno e barulhento grupo ouvindo som, dançando e brincando.

O evento foi, ao menos pra nós, literalmente uma festa.



VIII - Sua prima não

Quando todos saíram meu pai me chamou. Ele estava com ar de pouquíssimos amigos e minha mãe até saiu de perto. Ele olhou nos meus olhos como um leão africano e rugiu. – Preciso falar com você garoto.

Engoli seco e respondi meio afônico que também gostaria de falar com ele. Nem acabei a frase e fui interrompido por um novo rugido. – Se queria falar devia ter feito isso antes, agora falo eu. Quero saber o que está havendo entre você e sua prima.

Nessa hora o suor corria em bicas sobre meu corpo. Não podia deixar de pensar no quatro, no dezesseis, e agora na prima segunda, que mesmo não sendo prima de fato, mais era quatro anos e quatro dias mais nova que eu e agora era também minha namorada. Isso enquanto eu ainda estivesse vivo, visto que me sentia naquela sala como uma zebra bem gorda na frente de um leão faminto e desesperado.

Em horas como essas dizem que a vida passa como um filme em nossa mente. Na minha não havia nada além de um monte de quatros vagando de um lado pro outro e uma enorme vontade de sair correndo nem que fosse de quatro como um cão sem dono.

Não sei quanto tempo fiquei calado até meu pai gritar novamente sua pergunta. Sem exagero, acreditei que algum

visinho pudesse telefonar para nossa casa e explicar a ele. Alto como falava, se isso for falar, podia ser ouvido no fim do quarteirão e os vizinhos mais próximos haviam testemunhado fatos por ele ignorados.

– Você quer que eu fale mais de perto. – perguntou ele, esbugalhando ainda mais os olhos. Eu estava sem saída. O único jeito era tentar falar alguma coisa enquanto era tempo. Respirei fundo e falei. Falei com a desenvoltura de um réu acusado de sedução de menores. Ainda que eu tivesse mais para seduzido do que para sedutor e o apogeu do, recém começado, romance eram uns dois ou três beijinhos inocentes. Ou serão quatro? Não, esse número de novo não, isso é demais.

– Pai, estamos namorando. – respondi meio sem graça. Meu pai ficou bem mais tenso, não acreditei que isso fosse possível, e falou agressivamente: – Filho meu não namora parente, filho meu de dezesseis não namora menina de doze e o assunto está encerrado.

Nessa hora eu já não sabia se chorava, se corria ou se tentava falar alguma coisa. Definitivamente não sabia o que e nem como falar, mas era preciso argumentar ou tudo estaria perdido. Reuni a coragem que eu não tinha e comecei minha argumentação. – Pai, apesar do senhor ter dado seu parecer seria importante pra mim explicar o que, como e porque aconteceu.

Essa, sem dúvida alguma, foi uma cartada de mestre. Já que minha mãe ouvia tudo da cozinha e iria massacrá-lo instantaneamente caso ele se recusasse a escutar uma explicação de um filho, ou melhor, do único filho. Ainda mais que não havia contestado sua ordem, mesmo sendo uma decisão prematura e impensada. Agora com tempo para falar, comecei. – pai, o que aconteceu não passou de alguns poucos beijinhos e nada mais. O porquê aconteceu é algo muito mais

complexo. Estamos apaixonados. Nós vamos ser muito felizes juntos. Ela é linda, é encantadora, tem um olhar penetrante como a lua cheia que transborda amor e ternura com a serenidade de uma flor do campo molhada suavemente pelo orvalho da noite. Eu penso nela o tempo todo e quando estamos juntos é como se voássemos na imensidão azul do céu, é como se tudo ficasse preto e branco e nós dois cintilássemos as cores mais complexas já vistas pelo olho humano. Eu preciso dela e ela precisa de mim, nós nascemos um pro outro.

Dei uma pequena pausa e apesar disso meu pai continuou calado. Isso não estava certo, ele estava ali pensando e coçando a cabeça e não falava nada. Era preciso fazer alguma coisa. Não pensei em nada melhor que continuar meu discurso. – E além do mais – disse eu – ela nem pode ser considerada parente, ela é filha do primo Pedro que é filho do primeiro casamento do Tio Antônio, antes dele se casa com a Tia Dália, irmã da mãe. Antigamente a própria Igreja Católica permitiu que famílias reais casassem parentes bem próximos por interesses financeiros, em nosso caso nem existe parentesco de verdade. Nosso namoro não seria nada de mais. Falamos com o pai dela pouco antes deles irem e ele achou a idéia até interessante. Já quanto a nossa idade, eu sempre fui meio miúdo e com cara de criança mesmo ao passo que ela aparenta muito mais dezesseis anos que doze.

Meu pai já parecia mais calmo embora ainda estivesse bastante vermelho. Ele me olhou com certa tranquilidade começando seu discurso: – Filho, sei o que você está sentindo. Já tive dezesseis anos, o amor nessa idade é um sentimento lindo e completo. É um amor inocente, desinteressado. É simples, ingênuo e forte. Forte como um sol nascendo dentro do peito, é algo que jamais vimos, jamais sentimos e jamais voltaremos a sentir. Parece que não cabemos dentro de nós

mesmos, queremos ficar junto com a pessoa amada agora e sempre. Parece que tudo está resolvido, você encontra sua alma gêmea e juntos viverão felizes para sempre. Como num conto de fadas, tudo é possível, tudo é perfeito. – após uma pequena pausa, meu pai suspira coça a cabeça e continua. – Talvez em algum lugar desse universo infinito isso seja possível, mas aqui, aqui nesse planeta confuso onde o poder está no dinheiro, na fama e no sexo. Aqui não. Pra nós, terráqueos, isso não passa do último suspiro da infância, um sonho de criança num corpo que cresce. Um castelo de areia, imponente, mas frágil, que a maturidade dissolve sem dó como uma onda. Filho – continuou ele. – Suas idéias estão na contra mão dos fatos. Esse amor que vocês dizem sentir não existe. O que existe é oportunismo. Ou você acha que alguma menina vai se apaixonar por aquele pivete que vende bala no semáforo? Ou que sua priminha vai continuar te amando se aparecer na vida dela um rapaz mais endinheirado que você? Mulheres trocam de homem como quem troca de emprego e homens trocam de mulher como quem troca de carro. Acorda meu filho, você já é bem grandinho para acreditar em contos de fadas. Além do mais, aquela raça não é flor que se cheire. E para finalizar, esse namoro acabou, ou melhor, nunca existiu. Boa noite.

Terminado seu discurso, meu pai foi dormir, sem me dar sequer o direito de argumentar novamente. Fui pro meu quarto, dormir era agora uma missão impossível. Aquele discurso ainda ecoava em minha mente. E por alguns instantes cheguei a me perguntar: – Será que ele está certo. – Mas de qualquer forma cada ser humano deveria ter o direito de viver seus sonhos, seus amores, suas loucuras, suas decepções... Até que suas próprias experiências o guiassem para essa tal opinião mais madura.

IX - Nada de festa

O sol da manhã me trouxe de volta dos sonhos. Era sábado, no dia seguinte seria a festa de Janaina. Minha mente nunca esteve tão conturbada quanto naquela ocasião. É uma tortura. Principalmente para quem tem dezesseis anos. É uma idade delicada, uma fase de transição, para algumas coisas você é criança, para outras já é praticamente um homem e deve agir como tal.

Jamais entendi porque situações aparentemente tão simples podem se tornar tão delicadas e caóticas. De um lado esta minha família, as pessoas mais importantes para mim desde meu nascimento, quem me apresentou o mundo, ou melhor, eles são o meu mundo. De outro lado uma garota, uma pessoa que sem necessitar de explicação ou de razão conquistou o meu amor de uma forma inexplicavelmente encantadora. Uma pessoa que agora eu quero na minha vida, na minha história, na minha família. Não pode ser simples como quando conhecemos uma pessoa e nos tornamos amigos, e o tempo nos revela um pro outro mostrando a cada passo o quanto devemos confiar ou desconfiar dessa amizade. Porque as pessoas olham para casais de namorados e tendem a enxergar o que ainda esta distante. Imaginam as pessoas já casadas, com filhos, vivendo suas novas vidas isoladas do resto do mundo. Assustam-se e assustam os outros com seus temores. Temem acontecimentos que jamais serão concretizados e ignoram o obvio. Todos buscamos a felicidade, cada um a sua maneira, cada um trilhando o seu caminho particular em busca dessa dádiva. Um passo de cada vez, talvez assim caminhássemos de uma forma mais harmônica.

A manhã já se despedia, era preciso abandonar a cama. O contato com a família seria difícil e um dos meus maiores

medos era da situação ter desencadeado um conflito entre meus pais. Eles não brigão com muita frequência, mas seus conflitos costumam durar vários dias ou até semanas. Um clima de guerra é instaurado entre eles e por incrível que pareça, toda vez que se vêem retomam toda a discussão do início, como se os contatos anteriores não tivessem levado a lugar algum. Eu, como sempre, fico na posição mais desfavorável possível. No meio do conflito sem o menor poder ou dom para resolver a situação. É como se estivesse em um país em guerra civil, o chão literalmente sai debaixo de meus pés.

Levantei, fui até a cozinha para tomar café. Tudo tranqüilo como se nada tivesse acontecido. Até meu pai estava normal. Ninguém tocou no assunto delicado da noite anterior, eu muito menos, era preciso dar tempo ao tempo.

O sábado passou como de costume. Já nos preparávamos para mais uma noite de sono quando não resisti. Custasse o que custasse, eu precisava saber sobre os planos para o dia seguinte. – Iremos à festa amanhã?

– Não, você vai evitar o contato com aquela garota. Esse povo só traz dor de cabeça.

Foi a irrevogável resposta proferida por meu pai.

Percebi a tensão nos músculos de minha mãe, acompanhada pela vermelhidão facial e a abertura excessiva dos olhos. Ela não deve ter gostado da forma como meu pai falou de seus parentes. Uma frase mal falada foi o bastante, passaram de aliados a rivais. – Isso não vai prestar.

Sem alternativas entrei logo em meu quarto, me aprezei em mandar um e-mail para Janaina, precisava desejar-lhe um feliz aniversário e justificar minha ausência em sua festa do dia seguinte. – Espero que ela entenda a irreduzibilidade de meu pai nesse momento.

X - Dormindo como pedra

Era madrugada quando barulhos estranhos me acordaram. Contendo o susto tento prestar atenção nos fatos e tomar conhecimento da situação. Tarefa um tanto quanto complicada visto que na maioria das vezes acordo meio desligado do mundo e costuma levar alguns instantes para recobrar a noção de tempo e espaço. Desta vez, porém, a tarefa foi facilitada. Eram barulhos de copos e pratos quebrando, objetos sendo tacados e caindo, choros, gritos, os mais baixos e vulgares xingamentos misturados a promessas de morte ou suicídio.

Não podia ser, eu me recusava a acreditar enquanto os fatos gritavam, literalmente, na minha cabeça provando que era verdade. Dei-me por vencido, não havia mais nada a fazer além de admitir e rezar. Meus pais estão brigando. Sempre achei que o amor entre um homem e uma mulher fosse uma coisa boa e a primeira vez que ouse senti-lo de uma maneira mais forte acabo causando uma guerra dessa proporção. Isso não está certo. Sei que tudo tem seu preço, mas esse é muito alto, é impagável.

Minha vontade, naquele momento, era explodir. Explodir como uma bomba nuclear e mandar ao menos a cidade inteira pelos ares.

Começava, enfim, a entender que o amor pode trazer mais tristeza que felicidade, não é um sentimento, é uma utopia. Só as crianças e os loucos podem procurar a felicidade no amor. Não sou mais criança e ainda não estou louco. Assim que a ver acabo com tudo. Acabo com toda essa palhaçada, por hora só posso fingir que estou dormindo e tentar não piorar o que já está péssimo.

Não entendo como duas pessoas adultas podem se alienar tanto em uma discussão a ponto de não perceberem a

proporção dos seus atos, o desespero de alguém que depende deles e que certamente está acordado ouvindo tudo, ainda que fosse uma pedra teria acordado com tanto barulho. Além dos vizinhos, ligando luzes em suas casas na tentativa de mostrar que também estavam sendo perturbados.

Já é sabido que no amor e na guerra vale tudo, naquele momento eu aprendia que estas duas palavras devem ser sinônimos no vocabulário da vida.

Enfim acordei, estranho é que nem me lembrava de ter pego no sono. Tudo estava quieto, ao menos por enquanto. Já passava das dez horas, ninguém havia levantado ainda e me arrisquei descer em busca de alimento, estava com fome. A cozinha parecia palco de um ataque militar, cacos de vidro para todos os lados, talheres e todos os tipos de utensílios jogados pelos cantos. Preparei rapidamente um lanche e corri novamente para o meu quarto. Ligo o computador e nem bem entrei na Internet e a Janaina já aparece, ansiosa e fazendo questão de mostrar toda sua chateação pelo fato de eu não ir a sua festa.

– Então você não vem mesmo. – Disse ela.

Bom dia – disse eu tentando lembrar que a educação deveria ser usada até entre pessoas mais próximas, e continuando – como eu te expliquei ontem, a situação aqui em casa está um tanto quanto complicada, não vai ter jeito mesmo.

Ela respondeu em um tom bastante áspero. – Então eu não significo nada pra você?

Hoje, provavelmente eu teria interpretado aquelas palavras de forma diferente. Sou capaz de entender que o fato dela querer tanto a minha presença e sentir-se tão mal pela minha ausência era um indicativo da minha importância em sua vida. Embora esse tipo de comportamento incomode, ele pode ser gerado por sentimentos bons. Naquele momento só

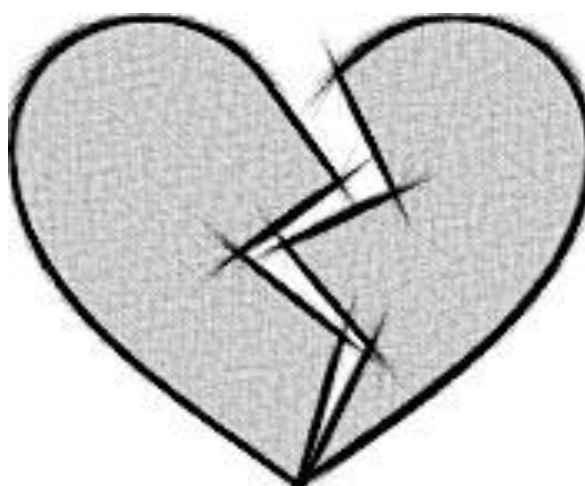
pude enxergar que do outro lado daquele comunicador instantâneo havia uma pessoa possessiva e mimada querendo mandar na minha vida. Tentado não ser deseducado escrevi o mínimo possível: – Entenda se puder. Amanhã conversamos na escola.

Depois dessas palavras desliguei o computador e deitei pensativo.

O domingo transcorreu normalmente, apesar do clima de guerra entre meus pais. Evitei assuntos delicados e procurei ficar o mais distante possível.

Na segunda faltei à aula por não estar me sentindo muito bem. Qualquer pessoa em meu lugar também estaria mal. O dia foi longo e sem graça, mas eu estava feliz. Ao menos a retomada da rotina de trabalho havia abafado o conflito entre meus pais. Embora eles ainda se olhassem com rancor já conseguiam até conversar civilizadamente.

Não sai de casa e tentei organizar meu quarto. Por ordem no meu mundo exterior sempre me dava a impressão de fazer o mesmo com minha mente. Dormi cedo, pensando em como seria o encontro com Janaina no dia seguinte. Seria terça feira, seu aniversário. Eu não falava com ela desde domingo e embora um dia possa parecer pouco quando você está feliz, passa a ser uma eternidade quando estamos tristes e confusos. Em fim, seja o que tiver de ser.



XI - Quatro dias

Chegou a terça, séria e fria como quem traz uma sentença. Embora o réu fosse eu, estava tranquilo. Já havia sofrido todo o necessário e após longas horas de pensamentos matemáticos era capaz de prever todas as possibilidades de desfecho dessa história. A matemática é pra mim a mais sábia das ciências, quem a utiliza na vida percebe que a viabilidade de um relacionamento, assim como a de um negócio, pode ser calculada. Sempre existe um máximo de nós que podemos empregar e um mínimo de retorno para que valha a pena.

Cheguei à escola alguns minutos mais cedo, como de costume. Procurei por Janaina, se não conversássemos antes do sinal só teríamos outra chance no intervalo.

Como eu temia ela chegou atrasada. Graças às grandes janelas de vidro transparente nas salas de aula pude vê-la passando, ela sorriu feliz ao me ver, e acenou com a mão. Seu lindo sorriso e o brilho intenso dos seus olhos me pararam no tempo. Era como se eu estivesse em outra dimensão, voando, livre, solto. Não ouvia e nem falava nada. A matemática me abandonou e sozinho não sabia como agir. Despertei instantes depois com os colegas caçoando do meu comportamento e o professor tentando acalmar os ânimos para retornar à aula. Em outra ocasião eu teria ficado vermelho de vergonha.

Nesse dia, porém, não me preocupei, era como se não fosse comigo.

A euforia tomou conta de mim, cada segundo parecia um dia inteiro. Não podia esperar mais, era preciso vê-la, tocá-la, sentir sua presença e ouvir sua voz. Nem que fosse por breves instantes. Era preciso, como um rio precisa desaguar no oceano, eu precisava desses instantes mágicos.

Levantei afobado, derrubei o caderno, tropecei na carteira, andei desconsertado e gaguejei para o professor: — preciso ir ao banheiro, é urgente.

Ele sabia muito bem que minha aflição nada tinha há ver com banheiro, mas foi sensato e humano em perceber o quanto significava pra mim alguns instantes fora da sala naquele momento. Assentiu com a cabeça sem dizer nada. A felicidade me dominou, sorri largamente e sai correndo. Apenas alguns segundos me separavam de Janaina. Bastaria chegar em frente a sua sala, com certeza ao me ver ela viria. O professor teria que ser muito maldoso para impedir que ela sáísse. Eu continuava andando e sonhando acordado. Como seria doce aquele momento, depois de um fim de semana complicado e tenso poder sentir a força do amor, sentir novamente esse calor que invade a alma e parece trazer força, coragem, vida. Poucos passos me separavam dela, minha angustia finalmente teria fim, era virar no próximo corredor e pronto, a primeira sala, o meu amor.

Até hoje me pergunto como a mente humana pode criar essas realidades paralelas. Quando cheguei à escola pela manhã estava tudo acabado, agora, sonhava em tê-la em meus braços e compartilhar com ela meu futuro. Eu podia ver, nos dois juntos acabando de crescer, estudando, casando e tendo filhos. Em minha mente não haviam problemas, tudo era perfeito, a força do amor se encarregaria de tornar tudo perfeito. Longe de mim as lembranças do fim de semana, eu

voava nas nuvens de um lindo dia ensolarado quando o tempo se fechou e a noite mais escura e fria da qual posso me lembrar tomou conta do meu mundo.

Por um instante desejei não ter virado naquele corredor, e preferia ter voltado do meio do caminho. Ter segurado minha ansiedade e esperado a hora do recreio para o encontro. Esse encontro que em poucos minutos poderia mudar a direção de duas vidas. É espantoso como uma decisão pode mudar o destino de várias pessoas. O meu e o de Janaina mudavam de rumo naquele instante. Pra melhor ou pior? Ninguém jamais saberá, o fato é que tudo transformou-se.

Logo ao entrar no corredor já pude ver. O professor havia se atrasado e um pequeno grupo de alunos estava reunido nas imediações da porta da sala de aula. Nada de anormal nisso se não fosse o fato de Janaina estar ali. Logo ela, uma aluna exemplar ao extremo, sempre lendo ou estudando nos tempos vagos em que os outros conversavam e brincavam. Ela estava de costas para o lado em que cheguei, segurava na mão direita um pequeno vaso de flor enquanto abraçava um outro garoto. Tudo estava claro, enquanto eu sofria por aquele amor complicado a garota com a qual dividiria minha vida estava trocando afetos com outro em pleno corredor. Jamais pude esperar tamanha traição, não de Janaina. Uma figura tão sincera, uma pessoa que fala com o sentimento. Alguém que jamais mentiria, mas estava agora na minha frente, se alguém me contasse eu não acreditaria. No entanto, era eu quem via. Ela segurava aquele pequeno vaso de violetas em sua mão direita enquanto o abraçava com o braço esquerdo. Ele a segurava fortemente com os dois braços mantendo os dois corpos tão unidos quanto possível, afagou-lhe os cabelos, deu-lhe os famosos três beijinhos e saiu apressado pelo corredor. Logo em seguida, uma garota que

estava bem próxima abraçou Janaina pela lateral e as duas seguiram para entrar na sala.

Eu estava completamente fora de controle, vermelho como um pimentão maduro, olhos esbugalhados e músculos completamente rígidos. Me aproximei rapidamente, chamei-a pelo nome, ela virou sorridente vindo em minha direção. Antes que se aproximasse muito falei em tom sério: – eu vi tudo, esta é a última vez que falo com você nesta vida. Acabou.

A matemática me ensinou que quando algo começa errado não pode terminar certo. Quanto mais cedo se percebe um erro, menos tempo se perde com ele. Senti um alívio enorme ao perceber que me livrara de um problema. Acabara de entender as palavras de meu pai ao proibir o namoro. – O castelo de areia se foi. – falei comigo mesmo enquanto tomava um pouco de água.

Voltei pra sala bastante triste. Triste e consolado ao perceber que uma relação embasada na mentira não acaba, na realidade ela nunca existiu.

Foram quatro dias de sonho que acabaram como começaram. Sem aviso ou preparação prévia.



XII - A vida deveria ser mais simples

Naquele dia, me mantive em sala o máximo de tempo possível para evitar contato com Janaina. Posicionei-me no lugar mais longe da porta, não aceitei falar com ela e nem com suas amigas. Não havia o que explicar, eu mesmo vi pessoalmente.

A volta para casa transcorreu como de costume. O almoço foi normal, apesar de ainda haver um resquício daquele clima de “Guerra Fria” entre minha mãe e meu pai. Eu tentava agir da forma mais natural possível, não seria bom chamar atenção para este assunto.

Após o almoço corri para o quarto, com a desculpa de descansar um pouco. Na realidade eu precisava da Internet, era preciso apagar sem ler todas as mensagens que Janaina tivesse mandado antes que eu mudasse de idéia e resolvesse ouvir suas explicações. Dito e feito, apaguei tudo. E como sempre vou até as últimas consequências, também bloqueei a garota no e-mail e no comunicador instantâneo. Pronto, não atendo mais telefone e jamais terei que falar com ela novamente.

Tudo resolvido. Os dias vão passando, e na quinta feira percebo olhares clínicos vindo de minha mãe. Como eu já conhecia aquele olhar sabia que era sinônimo de problemas. Mas o que podia ser? Na escola meu comportamento estava exemplar. Quanto ao fim do meu romance, ela não conhece a história e eu estou fazendo o possível para não deixar transparecer sentimento algum.

Logo após o almoço de sexta minha mãe me chama para conversar. Não era possível fugir daquela convocação. Sem esforço algum acabei lembrando-me de quando descobri o mundo dos sonhos e fui parar no consultório de um psicólogo. Premunção ou dedução? Não sei, mas o fato é que acabei no mesmo lugar novamente. Como pode ser? Se eu não contei nada à minha família quem teria feito isso. Será que Janaina teria chegado a esse extremo de desespero? Mais tarde acabei por aprender que da mente feminina pode-se esperar qualquer coisa.

Minha mãe começou falando sobre a minha tristeza repentina e de como isso a preocupava. Explicou-me demoradamente, que desilusões podem acabar virando Depressão e esta, por sua vez, pode destruir a vida da pessoa podendo até matar. Pra mim, não passava do termino de um romance que seria superado cedo ou tarde. Pra minha mãe era um caso grave e devia ser tratado como tal. Ela falou ainda que em momentos como esses devemos concentrar nossas atenções e esforços nos estudos e em nossos objetivos de vida.

Minha consulta com Dr. Willi já estava marcada para a mesma tarde. Percebi nesse momento que deveria tomar mais cuidado com as sextas-feiras. Da vez anterior minhas idas ao psicólogo foram nesse mesmo dia da semana. Antes de sair do meu quarto minha mãe explicou que Janaina havia contado tudo e que ela queria muito falar comigo antes de voltar

definitivamente para a casa dos pais. – Ela e o irmão voltam este fim de semana. – disse ela. – Seu primo Pedro desistiu da mudança e resolveu levar os filhos de volta. Se você não quiser falar com ela eu entendo e estou do seu lado. – Minha mãe afagou-me a cabeça e finalizou. – Sua prima me contou o ocorrido. Tem coisas que não compensa ficar remoendo, só aumenta o sofrimento de todos. Descansa meu filho, daqui a pouco vamos ao Dr. Willi e tudo vai ficar bem, você vai ver.

Saber que Janaina iria embora foi mais um choque. Na atual circunstância a distância certamente nos afastaria de forma definitiva. Seguiríamos cada um o seu caminho e jamais voltaríamos a ter um contato mais próximo. Por um lado isso era tudo que eu queria, ao menos era o que eu queria sentir. Este fato me deixou em um dilema bastante complicado. Ou eu ouvia agora a explicação de Janaina e corria o risco de ser traído pelos meus próprios sentimentos e reatar um romance sustentado por mentiras. Ou eu não a escutaria, colocando um fim definitivo nessa história.

Chegou a hora. O doutor me espera. Novamente meus sonhos me levam ao divã, a diferença é que desta vez sonhei acordado.

Chegamos à clínica, o médico já nos esperava. Entramos no consultório, cumprimentos, abraços, os tradicionais beijinhos. As observações de como eu havia crescido rápido, em fim, tudo de acordo com o protocolo. O consultório estava praticamente como ha três anos. Sentamos à mesa onde ficava o suco e a conversa começou de fato. Minha mãe se encarregou de contar o ocorrido ao doutor e finalizou dizendo: – Não sei o que faço Willi. Meu filho sempre foi um menino exemplar, nunca me deu problema, agora essa garota entra na vida dele e vira tudo de pernas pro ar. Eu olho pro menino que há poucos dias era uma criança

normal e vejo um adolescente problemático à beira de uma depressão aguda. Isso não é justo Willi.

Dr. Willi coça a cabeça, toma um pouco de suco enquanto respira pausadamente e fala: – Alâna, precisamos reavaliar alguns fatos para que possamos conduzir os trabalhos de maneira a trazer satisfação para todas as partes envolvidas. – tomou mais um pouco de suco e continuou. – Primeiro, se o Júlio nunca lhe causou problema porque você o trouxe em meu consultório quando ele afirmou ter estado no mundo dos sonhos? Segundo, as crianças, adolescentes, adultos e idosos que conheço e considero como pessoas normais costumam, eventualmente, ter problemas. Vez por outra nos apaixonamos pela pessoa errada, brigamos com um amigo, nos frustramos com algum acontecimento, nos iludimos. Em fim, nada disso faz de alguém uma pessoa doente ou perturbada mental. Esses fatos fazem parte da vida. E digo mais, na minha maneira de entender o comportamento humano, alguém que nunca se depara com esses pequenos problemas esta fora dos padrões normais de comportamento.

Minha mãe interrompe a explicação do Psicólogo para expor sua preocupação com meu quadro de tristeza. Ela volta a falar sobre sua preocupação com o meu bem estar: – Willi, eu também estudei psicologia e sei que um trauma negligenciado nessa fase da vida pode comprometer a maneira como o indivíduo vai se relacionar com as pessoas quando for adulto. E sei também que um quadro como este pode facilmente evoluir para depressão.

Se não fosse o fato deles serem conhecidos desde a época em que eram estudantes, confesso que estranharia a liberdade da minha mãe em combater as teorias de um profissional tão bem conceituado como aquele. Por outro lado, ela também atua na área, como Psicóloga Infantil, e nada

mais normal que uma mãe se preocupe com a saúde e o bem estar de seu filho.

Dr. Willi parecia não se incomodar com aquela argumentação toda e de posse da calma e segurança costumeiros ele continua suas explicações: – Alâna. Entendo sua preocupação e posso te garantir que vou analisar o caso por todos os ângulos possíveis. Você me conhece há muito tempo e sabe que jamais negligenciei o menor dos sintomas ou indícios de um problema. – o médico toma mais um pouco de suco e continua. – Tristeza nesse caso é normal e ela vai passar. Quanto a esse fato o mundo é dividido em dois grupos de pessoas. As pessoas felizes e as pessoas tristes. Muito além de um simples estado de espírito esses dois sentimentos seriam como um estilo de vida ou uma ideologia talvez. A pessoa feliz foi capaz de encontrar, de alguma maneira, a felicidade dentro de si mesma. Ela é feliz com que possui e apesar disso não se acomoda e continua conquistando os elementos que julga importantes, sejam eles materiais ou não. Ela é feliz por ter lutado mesmo que não vença e feliz pela vitória caso isso ocorra. Esse tipo de pessoa vai enfrentar momentos tristes na vida, como todos enfrentamos, e ainda que precise de ajuda ela vai voltar a sorrir porque ela é feliz. A pessoa triste, por sua vez, esta sempre mergulhada em lamentações. Ela esta arrependida porque tomou uma decisão errada ou insatisfeita pelo que não possui e julga importante. Esta angustiada porque luta e nunca ganha, busca e nunca alcança. A pessoa triste certamente vai ter momentos de alegria na vida, vai sorrir e vai se divertir, mas ela sempre vai voltar a chorar porque ela não encontrou a felicidade de existir, essa felicidade que vem do criador e que está dentro dela e de todo o ser humano sobre a face desse planeta.

Após estas palavras Dr. Willi fez uma pequena pausa esperando a argumentação de minha mãe, ela estava tão

perplexa com aquelas idéias que não conseguiu dizer nada. Então ele continuou: – Posso garantir a você, minha cara amiga, que seu filho pertence ao primeiro grupo de pessoas. Ele pertence a esse grupo em extinção, o grupo das pessoas felizes. Agora – continuou ele – preciso que você espere na recepção enquanto eu falo com esse garotão aqui.

Minha mãe saiu do consultório ainda refletindo sobre “O Teorema da Felicidade do Dr. Willi”. Alguns anos depois ele escreveu um livro com esse título. O livro trazia essa explicação sobre os dois grupos de pessoas e uma série de dicas indo de comportamento à alimentação para ajudar as pessoas que precisam mudar para o grupo dos felizes.

Dr. Willi conversou bastante comigo, apesar da minha idéia fixa de falar o mínimo possível. Como o bom e experiente profissional que era, soube conduzir a conversa de modo a ganhar minha confiança aos poucos e não demorou muito para eu ficar totalmente à vontade. Conteí minha versão dos fatos nos mínimos detalhes, desde o começo na festa do meu aniversário, a reação do meu pai, tudo, até o flagrante e minha reação a tudo isso. Conteí também sobre o fato de Janaina estar de mudança novamente para a casa dos pais na cidade vizinha e sobre o meu dilema entre falar ou não com ela nesse momento.

O psicólogo mostrou-se bastante interessado no caso, prestando atenção em cada detalhe. Explicou-me que esse tipo de situação é realmente delicada e deixa até mesmo as pessoas adultas confusas. Disse ainda que devia partir de mim a decisão sobre falar ou não com Janaina e fez questão de expor um ponto de vista diferente de todos que ouvira até o momento. – Cento e poucos quilômetros não separam dois corações apaixonados. – disse o medico. – O que nos separa uns dos outros está dentro de nós.

Foi então que ele me lembrou sobre a Internet e as facilidades trazidas por ela. Disse ainda que tão logo eu me sentisse pronto para a conversa poderia falar com Janaina independente dessa distância entre nós. – E se um de vocês esquecer o outro em um curto espaço de tempo é indício de que esse amor jamais existiu, não passando de um equívoco. – foram as últimas palavras do doutor com relação ao caso.



XIII - O tempo não espera a razão

Como pode o tempo passar com tamanha velocidade? Apesar do espelho tentar me dizer isso várias vezes todos os dias só me dou por vencido quando reencontro algum amigo de infância. Acostumamos-nos com nós mesmos e paramos de nos enxergar. É como se o tempo congelasse. Você se olha no espelho, as responsabilidades crescem e apesar de tudo não é capaz de ver. Relembramos fatos passados há uns dez anos como se tivessem acontecido o ano anterior. Como se fossemos os mesmos de outrora. É preciso que algum acontecimento especial ou o encontro com alguém que não víamos há algum tempo para sermos trazidos para a realidade. Percebemos, então, o quanto o tempo passa. E quando isso acontece levamos um choque. Vemos de uma só vez todos os anos que não fomos capazes de ver passando. É estranho, muito estranho, mais acontece com a maioria de nós, isso deve fazer parte da vida. Tempo e vida, talvez sejam a mesma coisa. E na tentativa de nos enganarmos, fingimos que ele parou, chegamos a crer que essa vida é eterna. Principalmente quando se é jovem, parece que temos tempo e vida para tudo quanto quisermos fazer. Mais o tudo deve ser tão abrangente quanto o eterno. Mas se não teremos tempo para tudo seria

no mínimo lógico fazermos o que é realmente importante para nós mesmos e aceitarmos com naturalidade que as outras pessoas fação o mesmo. Mas enquanto eu escrevo estas frases, ou mesmo enquanto você as lê, o tempo continua correndo, e a vida passando.

Jamais me esqueci daquela viagem ao Mundo dos Sonhos, eu tinha 13 anos, agora estou à beira de completar 22. Estou no oitavo período de matemática, me aprofundei na ciência dos números e apesar disso ainda não encontrei uma explicação ou uma relação entre os números que representam meus quatro e treze anos de idade. Nada parece fazer sentido. Apesar de sempre ter sido fascinado pela matemática confesso que não abandonei este curso devido à empolgação de meu pai. Ele, como professor, sempre sonhou em ver o filho na área de exatas. Já minha mãe preferia que eu fosse médico ou advogado. Para ela, a carreira de professor não era tão promissora.

Era sexta-feira, o último dia de mais uma cansativa semana. Faculdade a manhã inteira, passei em casa correndo para almoçar com meus pais que, nem sei por que motivos estavam em clima de guerra. Nada mais desconfortável, se soubesse teria almoçado na faculdade e ido direto para a escola estadual onde conseguira uma vaga interina como professor de matemática. Não era fácil para um acadêmico conseguir se encaixar assim no mercado de trabalho, mais admito, a influência de meus pais ajudou muito.

Acabado o almoço pego os materiais e corro para a escola, hoje preciso chegar um pouco mais cedo para imprimir provas. Dia de avaliação é necessário ter paciência redobrada. Por mais que você explique o conteúdo e dê atenção às dificuldades de cada aluno é justamente na hora da prova que eles percebem que tem dúvidas. Agora é tarde. O jeito é agüentar as reclamações de uns, vigiar outros que insistem em

colar as respostas alheias e corrigir todo aquele material o mais rápido possível, tendo em vista o fechamento do bimestre.

Tudo transcorre como de costume. São cinco horas, o sinal soa, recolho as últimas provas. Corro para a sala dos professores, preciso pegar o material, fim de semana é o tempo de que disponho para preparar as aulas. Mais essa sexta, como tantas outras, me reservava uma surpresa. Mais que isso, um reencontro. Esse tipo de acontecimento convida à reflexão, traz de volta lembranças esquecidas em um cantinho escuro da mente e nem sempre conseguimos administrar bem essa avalanche de saudosismo.

Bom, existem coisas na vida que são inevitáveis, parecem escritas pela mão do criador. Nesses casos, ainda que sejamos co-autores de nossa história, nada podemos fazer. É uma força maior, uma resolução soberana, um obstáculo do qual não se pode desviar. Só resta transpor.

Pra mim era mais um fim de tarde trazendo com sigo o fim da semana, mas ao abrir a porta da sala dos professores uma voz me surpreende. – Júlio? É você? – olhei de imediato, era um homem jovem, devia ter pouco mais que a minha idade. Sua feição era bastante familiar e tive certeza que o conhecia. Um pouco perdido no labirinto do tempo continuo tentando me lembrar daquela voz, daquele rosto. – Não pode ser. – falei assustado e continuei. – Você me lembra o Ângelo, um amigo muito próximo que tive nos primeiros anos de estudo.

– Sim, sou eu mesmo Júlio. – respondeu sorrindo. – O tempo passa para todos, são quase quinze anos. Ele nos muda por fora e por dentro e apesar de tudo continuamos os mesmos, ao menos em parte. Sou estagiário de Filosofia. E você? O que faz?

– Sou professor interino de Matemática. – respondi prontamente.

Ficamos conversando ali por algum tempo e fomos, depois, para uma lanchonete do outro lado da avenida. Passava das oito quando meu celular tocou. Avisei meus pais, há algum tempo, que iria chegar mais tarde, era um costume de família. Desse modo não poderia ser eles. Pego o aparelho que indica o número de casa. – O que terá acontecido – penso eu. Nem bem acabo de atender e o interlocutor começa seu discurso. – Júlio, onde você tá? Já passa das oito. Meus avós chegaram do interior para visitar a gente. Vem pra cá agora, nós vamos jantar na minha casa, eu quero que eles conheçam você.

– Era Marina, minha namorada. Entendo o fato de que um significativo número de mulheres sente-se donas de seus maridos. Não aceito, mas entendo. Ainda que fossemos casados há vários anos uma ligação como essa soaria pra mim como um pedido de divórcio, jamais tratei alguém assim e não admito que se faça comigo. – Boa noite. – respondi nervosamente. – Boa noite? – continua ela. – Eu venho correndo na sua casa, por uma emergência e fico sabendo que você tá no bar bebendo com os amigos. Eu não admito que o meu futuro marido faça isso comigo.

Nunca gostei de ser deseducado, principalmente com mulheres, mas em algumas situações da vida a outra pessoa exige uma atitude mais forte. Já pus fim em outros relacionamentos por motivos parecidos e não é da Marina que vou aceitar este comportamento. Após breves instantes de reflexão comecei falar. – Em primeiro lugar, se você não conhece os fatos não fale sobre eles, pergunte o que está acontecendo e eu respondo. Segundo, seus parentes vieram sem avisar, ninguém tem obrigação de estar preparado para recebê-los. E mais, eles vieram de longe, não vão jantar e sair correndo, poderemos ser apresentados outro dia. E terceiro e mais importante, você tem todo o direito de não aceitar tal

atitude do seu parceiro. Como eu tenho o direito de não querer alguém com este comportamento. Isso mostra claramente que eu não sou seu futuro marido e você não é a pessoa com a qual eu gostaria ou suportaria viver. Assim sendo, nada mais temos em comum, visto que nosso relacionamento foi um grande equívoco. Boa noite.

Mal desliguei o telefone e já me sentia bem melhor. Pode parecer estranho, mas terminar um relacionamento sempre me traz sentimentos de liberdade, alívio e paz. Dizer que não fica certa dorzinha no canto do peito por algum tempo seria hipocrisia, no entanto, sempre fui firme em minhas decisões e o sofrimento depende principalmente da forma como encaramos os fatos. Por hora, faltava apenas bloquear e-mail e comunicadores instantâneos para não receber mais mensagens dela. Esse é um costume desde a adolescência.

Enquanto me recompunha meu amigo se desculpava. – Foi mal. – continuou ele. – Me perdi no tempo com as lembranças do passado e nem fazia idéia da hora. Não queria te causar problemas.

– Não é isso. – respondi. – O problema já existia, eu apenas percebi agora.

Ângelo aproveita uma breve pausa para completar. – Bom Júlio. Nesse caso fico feliz, embora separação seja sempre associada a sofrimento, se existe um problema ele deve ser resolvido o quanto antes e da forma mais enérgica possível.

Ficamos conversando por mais um longo tempo. Relembrar a infância é algo fascinante, estranho, mais fascinante. Lembramos de nossa fragilidade e de como era difícil entender a maneira dos adultos verem o mundo. Essa atmosfera saudosista me transportou no tempo, era como se pudesse me ver naquela época e justamente esse fato mostrou-

me que cresci. Só agora enxergava as mudanças, eu não era mais aquele menininho e muito além de qualquer mudança física estava a mudança interior. – Como é possível mudar tanto e ainda ser a mesma pessoa? A mudança é tão sutil, tão gradual e estamos sempre tão envolvidos com a luta pela sobrevivência que não vemos o tempo passar. Talvez por isso a maioria dos pais tenha dificuldades em perceber quando um filho cresce. Quando ele se torna um homem ou uma mulher e anseia por escrever a própria história. Talvez essas sejam as causas dos conflitos de gerações, de um lado os jovens no limite da energia que os impele a travar suas batalhas pessoais e trilhar os seus caminhos, de outro os pais vendo crianças onde já existem homens, fragilidade onde já há força embora não haja experiência. Tememos tanto as mudanças que as ignoramos. É mais fácil ignorar as mudanças que adaptar-se a uma nova realidade.

É. Essa novidade há muito ignorada saltava agora diante de meus olhos. Não sou mais aquele garoto, embora existam muitas qualidades nele que me faltam hoje. Alguém fascinado pela vida, com vontade de crescer, de evoluir, de buscar coisas novas. Alguém que acredita no amor, alguém feliz sem motivo especial. Aquela criança acreditava nas pessoas e que elas poderiam aceitar as falhas umas das outras, já que todas falham e que o amor dá a mão e ajuda caminhar, mas não obriga um indivíduo a trilhar o caminho de outro. Em algum lugar do passado eu ainda sou assim, hoje sou outro, apesar de ser o mesmo.

Não, não pense que voltaria a ser criança se pudesse. Cada fase tem suas dádivas e o adulto traz nas mãos a caneta que escreve seu destino, embora parte dele já venha escrito pelo criador.

Volto pra casa, já passa das dez e minha mãe ainda me espera. Olhos esbugalhados, vermelha, seu rosto traz marcas

de choro e os músculos estão rígidos como os de um animal acuado.

– Aquela mulherzinha que você arrumou não vale nada. – diz ela. – Teve o descaramento de vir dentro da minha casa usar o meu telefone para ligar pro meu filho e falar do jeito que ela falou. É muita coragem. E ainda xinga meu filho de cachorro, desliga o telefone e vai saindo. Não é assim não. Aquela vadia teve que ouvir tudo o que eu tinha para falar e se ela pisar aqui dentro outra vez vai se ver comigo. Ela não sabe com quem está mexendo, você tem mãe, não é um largado no mundo. – Mãe, – interrompi bastante chateado – acabou, terminei com ela.

Tentei dizer que estava muito cansado e precisava de chuveiro e cama, mas fui interrompido pela matriarca. – Eu não acredito que na véspera do aniversário do meu filho um amigo enrola ele num bar até essa hora e uma vagabunda vem fazer show aqui dentro da minha casa. É muita coisa para um dia só.

– Mamãe, – falei tentando ser educado – ficar conversando no bar foi uma vontade minha e a Marina já é passado. Benção mãe, embora eu tenha me divertido estou bastante cansado.

Enquanto tomava um banho pensava sobre o discurso que acabara de ouvir. Embora desta vez eu não lhe tire a razão, minha mãe sempre teve o costume de ver primeiro os defeitos de qualquer mulher que esteja ao meu lado. Talvez eu seja ruim de escolha mesmo, ou o instinto materno faz ela achar que mulher nenhuma é boa o bastante para seu filho. Os olhos maternos geralmente usam lentes, se me olhasse com os mesmos valores e medidas com que olha para os alunos do colégio em que trabalha certamente eu teria recebido muito mais sugestões e conselhos e menos intimações. Mas, seja como for, cada ser humano faz o melhor possível dentro da

“atmosfera” em que vive e se minha mãe pecou na criação do filho certamente foi por excesso de proteção. E mai, quem sou eu para criticar qualquer uma de suas atitudes se jamais saberei como agiria se estivesse em seu lugar, vivendo sua história.



XIV - Vinte e dois, um marco em minha vida

Acordo com o cantar eloqüente dos pássaros, estava em uma clareira entre uma exuberante floresta, flores multicoloridas misturavam-se ao verde da vegetação, era uma leve descida que levava a um pequeno rio. – Conheço este lugar – falei a mim mesmo – Esse lugar, esta vegetação e esse nascer do sol.

Demorou um pouco para que eu acreditasse, mais era verdade. Eu estava outra vez no Mundo dos Sonhos. Olhei na beira da floresta procurando a trilha para o vilarejo. Ali estava ela, como da outra vez. O tempo parecia ter parado. Mais que depressa me pus a caminho da vila. Desta vez não houve surpresas no caminho, eu já conhecia, mesmo que superficialmente, a força do pensamento nesse lugar.

Não demorou muito e já estava no destino. A vila parecia estar maior e mais bonita. Havia muitas casas novas, todas construídas com material retirado da vegetação ao redor. O mesmo riacho descia límpido e sereno como uma trilha bem no meio da vila. O barulho da água jorrando convidava à meditação. Não resisti e me aproximei, queria tocar e beber daquela água tão límpida. Nuvens de borboletas contrastando

com as flores das ramagens mais baixas e o cantar dos pássaros completavam aquele ambiente paradisíaco. Parecia um sonho, ou era na verdade um sonho, fosse como fosse era fascinante.

Fiquei ali parado por algum tempo, deslumbrado pela beleza local, até que uma voz me despertou. – Lembrou o seu nome jovem visitante? – era a voz de um senhor bem maduro. Virei-me de súbito movido pela ansiedade. Com as mesmas roupas, a mesma barba, a mesma expressão calma e segura de quem conhece o tempo e o espaço. – Adão – falei contente – como é bom revê-lo.

– Digo o mesmo a seu respeito. – começou o velho. – A alguns homens o tempo trás apenas rugas, a outros trás também experiência. Os primeiros cumprem seu tempo, os outros cumprem sua missão. Fico feliz em ver que você cresceu de corpo e alma. E como ainda não recorda seu nome vai ser conhecido aqui como Adel, um nome de origem árabe que significa correto. Somos mais corretos quanto mais sábios e você busca o saber de forma incansável. – Como sabe que não lembro meu nome? – interrompi curioso. Adão foi pronto em responder. – Sua consciência está despertando de forma notável, mas ainda há muito a se fazer. Por hora vamos andar pela vila e conhecer os outros moradores.

Sáimos juntos, caminhando entre as moradias. Fui apresentado a todos que achávamos no caminho. Tinha homens e mulheres de todas as idades, de crianças a idosos. As crianças estavam em número bem menor. Todos se mostravam felizes e receptivos. Alguns traziam no braço esquerdo um bracelete prata como o que eu usava. Mas a maioria das pessoas dali estava com o braço livre do adorno. Adão voltou a me explicar que as pessoas com bracelete eram apenas visitantes e as que não o possuíam eram moradores dali. Nesse instante meu bracelete brilhou, quem estava

próximo se despediu amistosamente. Me aprezei em perguntar ao velho anfitrião quando eu voltaria ao Mundo dos Sonhos. – Vá em paz, e volte quando quiser.

Nesse instante eu só via uma luz ofuscante e sentia uma forte pressão sobre todo o meu corpo. Tudo ficou escuro, a pressão cessou, abri meus olhos. Eu estava em meu quarto, acabara de acordar. Lembrava-me de tudo o que acontecera no Mundo dos Sonhos e agora também me lembrava quem eu era. Porque aqui me lembro das duas vidas e lá esqueço toda minha história?



XV - A Festa

Quase hora do almoço, o sol brilha majestoso intimando quem ainda dorme a levantar e colher os frutos do novo dia que já está adiantado. Hoje acordo um ano mais velho, não é bem assim, o tempo passa de forma constante e uniforme. O fato é que não o percebemos de igual maneira, é justamente isso que choca. Em um dia você tem 21 anos e 364 dias, mais ainda assim tem 21 anos. No dia seguinte você tem 22. Talvez por isso as pessoas entrem em certa crise existencial ao completar 30, 40 ou 50 anos. Talvez nessa hora elas lembrem-se do que vieram fazer nesse mundo e percebam que o tempo está passando, a vida está passando e pouco fizeram do que precisavam ou queriam realizar. Mas com algumas pessoas é diferente, é notória a maneira como levam a vida de forma positiva, aceitam a si mesmas e aos outros como são, exalam a leveza e a satisfação de quem encontrou o seu caminho. Sempre me pergunto sobre esse contraste. Que fatores podem determinar a realização pessoal de alguns e não estão presentes em todos os seres humanos. De qualquer forma, estou mais velho hoje e se antes o aniversário me trazia a alegria de ter vivido mais um ano, a sensação de progresso

peçoal, nesse me sinto apenas como quem deu mais um passo em direção a morte. Não que eu a tema, ela, junto com o nascimento são os únicos fatos realmente certos na vida de qualquer ser vivo. Talvez neste momento chegue quase a desejá-la.

Desço pra cozinha, tomo um leve café da manhã, visto que já é quase hora do almoço. Meus pais parecem formigas correndo de um lado para o outro. À noite teremos reunião de família. Motivo? Meu aniversário. Isso sempre foi uma tradição para nós, mas há muito tempo já estou desanimado desse tipo de evento. Quando se é criança todo o necessário para aproveitar uma festa dessas são outras crianças, e isso sempre teve. Conforme crescemos passamos a enxergar além do nosso pequeno mundo, então perceber que nem tudo é alegria. Notamos pessoas aparentemente simpáticas fazendo malabarismo para incomodar algum determinado indivíduo sem que os demais percebam. Existem também as pessoas que se fazendo valer de sua posição de respeito dentro da família ficam disparando afiadas indiretas para todos os demais, criando um clima desconfortável e tenso. Tem ainda as vítimas constantes que passam o tempo a se lamentar de seus problemas e insinuar que a negligência de outros integrantes da família os levaram a tal situação. Outro fato insuportável é quando são formados pequenos grupos isolados, uns falando mal dos outros. Acredito que todo o ser humano deve gostar de confraternizar-se com familiares e amigos. Em minha opinião, seriam ocasiões de descontração, de alegria e de aproximação entre os membros do grupo e não esse clima tenso de Guerra Fria estabelecido na maioria das minhas festas de aniversário. Quem sabe essa seja a natureza do ser humano e o motivo oculto das reuniões de família não passe de briga por território, reconhecimento e prestígio dentro do grupo social. De qualquer modo, se for para assistir

peessoas se fazendo de amigas e tramando umas contra as outras na tentativa de manipular ou direcionar a opinião dos demais seria muito mais divertido estar sozinho com uma garrafa de cerveja e o televisor ligado em um destes reality shows que tanto fazem sucesso na atualidade.

Logo após o almoço chegou a tia Dália para ajudar minha mãe com os preparativos dos comes e bebes do evento. Pra mim o mais importante na presença da tia era a inibição dos conflitos que sempre aconteciam entre meus pais quando estes tinham que trabalhar juntos por algum propósito. Com a presença de outra pessoa eles ficavam de certo modo constrangidos e discutiam menos.

Os convidados começaram a chegar no começo da noite, tudo como de costume, tios, tias, primos, alguns colegas. A primeira vista um grupo unido e feliz.

Outro fato que já me tirava a paciência era o ritual de bolo, velinha e parabéns. No entanto, sempre me senti desconfortável quebrando protocolos e tendo em vista o temperamento delicado de boa parte dos integrantes da minha família torna-se muito mais fácil tentar representar o papel esperado que explicar os motivos pelo qual não se quer fazê-lo.

Aquela terça-feira após meu aniversário de dezesseis anos foi a última vez que tive contato com os primos Pedro e Janaina. Seis anos é muito tempo, principalmente para adolescentes, devem estar bem diferentes. Foi muito bom conviver com eles, era muito divertido quando brincávamos juntos, tudo era motivo para risos. É interessante o modo como algumas lembranças parecem gravadas na mente de forma indelével. Hoje faço 22 anos, daqui quatro dias Janaina faz dezoito. Ela deve estar deslumbrante, mas os fantasmas do passado devem permanecer no lugar deles no tempo. Tivemos nossa oportunidade, um relacionamento estéril como a

semente lançada a terra fora do tempo. Agora, voltemos ao presente, feliz ou triste, calmo ou conturbado, seja como for é nele que escrevemos nossa história com uma tinta inapagável.

Já passava das vinte uma e trinta, a festa transcorria de forma tranqüila. Embora já fosse possível notar olhares e gestos de descontentamento entre duas noras da tia Dália e ela. O mais interessante na história era o fato das duas noras além de se perturbarem reciprocamente ainda encontravam tempo e energia para desafiar a sogra. Está, por sua vez, também encontrava vigor e disposição para o combate com ambas além de controlar o que e quanto Titoim bebia e para quem ele olhava. A desculpa para tal desentendimento ainda não conheço. Mas o motivo? Provavelmente disputa e demarcação de território. Os irracionais disputam a dentadas e demarcam urinando em pontos estratégicos, já os racionais são mais sutis, se empenham em denegrir a imagem alheia na tentativa de mostrar maior influencia e prestígio entre as demais pessoas do grupo. Os três maridos, meu tio e os dois primos se esforçavam ao máximo na tentativa de fazer que não estavam percebendo o comportamento anormal das mulheres. Se bem que pra mim, normal é o acontecimento mais constante e olhando por este ângulo tudo transcorria na mais perfeita normalidade. E por outro lado, sempre gostei de observar as pessoas, suas atitudes, a forma como interagem umas com as outras, os diferentes temperamentos. Como tudo fica tão explícito quando bem observado. Não que me ache no direito de julgar as pessoas, mas conhecer não é julgar e entender os outros sempre me ajudou na difícil tarefa de entender a mim mesmo.

Em meio a toda essa pesquisa de campo acabei me deparando com Luana, a irmã mais nova da mulher de um de meus primos mais velhos. Ela estava sozinha, sentada em um canto um pouco distante da aglomeração de convidados.

Fomos apresentados no início da festa, quando ela chegou com a irmã e o cunhado. Normalmente eu não entenderia o que a cunhada de um primo vem fazer na minha festa de aniversário, mas como já era de conhecimento público o rompimento do meu namoro dias antes, provavelmente minha prima, mulher do meu primo, quis aproveitar a chance de achar um namorado para irmã. Nunca gostei de encontros arranjados, especialmente por parentes, mas ela estava ali sozinha, deslocada do resto do grupo. Devia ter uns dezenove ou vinte anos, seu cabelo era de tom ruivo claro e levemente ondulado, uma pele bem clara e uniforme, sem sardas, mas um pouco avermelhada nas partes do corpo mais expostas ao sol. Devia ser pouco mais baixa que eu e bem magra, como estava de salto ficávamos da mesma altura. Sua voz suave parecia acariciar os tímpanos combinando com um sorriso envolvente e um par de olhos castanhos cintilando todo seu fascínio pela vida. Sem perceber acabei envolvido por todo aquele encanto. Seu jeito meigo contrastava com um ar de mulher fatal proporcionado por um par de óculos pequenos e retangulares, além de um tanto quanto espessos. Nos breves instantes em que tirou os óculos para limpá-los na blusa deixou transparecer um ar frágil e pueril, além de um leve estrabismo. Não sei quanto tempo fiquei a observá-la. Convidados e organizadores da festa estavam envolvidos com seus conflitos de costume, deste modo ninguém foi capaz de flagrar-me. Ninguém além da pessoa observada que logo após recolocar os óculos olhou em minha direção quebrando meu transe e me deixando meio sem graça.

Sem alternativa me aproximei iniciando um diálogo. Chamei-a para me acompanhar na cerveja, mas ela aceitou um guaraná. Conversamos durante vários minutos. Pude saber que ela completara vinte anos a quatro dias e era caloura de enfermagem. Tão simpática quanto bela chamou minha

atenção para uma conversa tensa entre sua irmã e minha tia. Sorri como quem já está acostumado com a situação. – Já sei – completei dizendo – Vem comigo.

Aproximei-me da aglomeração de convidados como quem não se interava dos fatos, interrompi de forma abrupta todos e tudo que se falava. – Pessoal – continuei – a conversa tá muito boa, mas é o momento de cantar os parabéns. Não vejo a hora de assoprar as velinhas e sentir o gosto daquele bolo maravilhoso todo decorado com equações matemáticas.

O plano foi um sucesso, ganhei a atenção de todos. Porém, minha mãe se contrapôs. Até hoje não sei se ela não entendeu minha atitude ou se queria mesmo ver o desfecho da confusão iniciada entre os parentes.

– Ainda é muito cedo. – falou minha ela que terminei. – Quando cantamos os parabéns da impressão de que a festa acabou.

– Não mamãe – tentei me explicar – pra mim a festa tá só começando, tenho animação para a madrugada toda. Apenas estou ansioso pelo bolo.

Meio a contragosto, a matriarca acata minha sugestão. O bolo, de fato, acalmou os ânimos dos convidados e o conflito em andamento foi suspenso, ou adiado.

Já passava da meia noite e os grupos haviam se reorganizado e leves sinais de desavença podiam ser sentidos no ar. O som tocava uma coletânea de musicas lentas dos anos 80. Luana e eu ainda estávamos juntos, não é sempre que encontro uma mulher com a qual consiga conversar por tanto tempo. Elas costumam ser muito extremistas e geralmente dão excessivo valor para coisas e fatos para mim irrelevantes e negligenciam o que valorizo, algumas vivem cheias de problemas insolucionáveis, outras desprezam a realidade de tal forma que parecem ser de outro planeta. Luana é bem mais sensata que a maioria ou finge muito bem.

Aproveitando o ar romântico criado pela música e complementado pela lua cheia e semi-coberta por nuvens ralas convidei Luana para dançar. – Mas ninguém está dançando. – respondeu meio sem graça.

– Nós estamos – respondi conduzindo-a pela mão. O fato chamou a atenção dos convidados de tal maneira que o conflito foi novamente adiado. Pura coincidência, a esta altura não me preocupava mais com conflitos, brigas ou atentados terroristas, queria apenas sentir o calor e o perfume daquela garota. O momento se fez mágico. Nada mais existia além de nós e naquele instante éramos uma só criatura, diluídos na mesma energia, no mesmo sentimento, seguindo o mesmo caminho. Beijamo-nos demoradamente. Não sei quanto tempo durou esta hipnose, para mim foi eterna e ao mesmo tempo breve demais.

Não tardou para percebermos que a música suave e romântica se transformara em um rock metálico ensurdecidor. Ouvi também vozes de mulheres falando alto e áspero em tom de briga. Olhei depressa na direção da conversa e pude ver Cristina, mulher do primo Roberto e irmão de Luana, arrastando o marido pela mão como quem conduz um cão pela coleira e gritando a irmã para que fosse embora junto com eles. Algumas pessoas estavam sem graça, outras faziam parte do conflito. Luana desobedecendo a irmã mais velha disse que iria mais tarde e abraçou-me envergonhada. Cristina partiu cantando pneu e gritando com o cônjuge enquanto as pessoas que ficaram na festa se aglomeravam-se em pequenos grupos para comentar maldosamente o ocorrido.

Após poucos minutos Luana pede que eu a leve para casa, estava preocupada com o que a irmã falaria aos seus pais sobre sua ausência. Fui até meu pai pedindo-lhe o carro. – Manda ela ir embora a pé. – falava meu pai nervosamente. –

ou ligar para a família dela buscar, aqui não tem nenhum taxista. Ou então leva ela com sua moto. Meu carro não é motel. – completou.

Nem bem meu pai acabou de proferir aquelas frases deseducadas, sem levar em conta que todos ali as ouviam parou um carro em frente a nossa casa. Dele desceu um casal maduro, com cara de poucos amigos. O homem falou quase rosnando: – Somos os pais da Luana e viemos buscá-la.

A essa altura ela já passava por mim em direção ao portão. Deu-me um rápido beijo de despedida, para completa desaprovação dos pais, e seguiu com eles.

Os últimos convidados aproveitaram a situação para irem também. Acabava assim minha festa de 22 anos.

XVI - Ressaca

A maioria das minhas festas de aniversário deixam ressaca. Não alcoólica, mas digamos que emocional. Bastou que os convidados acabassem de sair para meus pais demonstrarem toda a insatisfação com os atos um do outro e os dois com os meus atos. A casa que outrora foi salão de festas agora se fazia campo de batalha. O que mais me incomoda nisso tudo é o fato de, nessa hora, eles não se enxergarem, e nem a mim, como seres humanos. Todos estavam exaustos e o dia seguinte, que já havia começado, seria domingo. O dia tinha sido longo, bem longo, e não faria mal a ninguém deixar para arrumar a bagunça e brigar após algumas horas de sono.

Por um lado eu concordo que acordar com a casa toda virada de pernas pro ar é bastante desconfortável, por outro, todo o serviço renderia mais se houvesse mais compreensão entre os membros da família. Afinal o criador deu a cada ser o livre arbítrio e todos somos iguais no anseio pela felicidade embora diferentes nos caminhos que percorremos para buscá-la. Se as pessoas entendessem que é possível haver opiniões diferentes sem a necessidade de que uma esteja certa e a outra errada o mundo seria um lugar bem melhor.

De qualquer modo, limpamos e organizamos o prioritário. Discutiu-se o inadiável e por fim, quase quatro horas da madrugada, chegou o merecido descanso.

Banho e cama eram tudo de que eu precisava nesse momento. E apesar do sono ainda encontrei tempo para pensar na Luana, lembrar da sua voz suave, seu perfume, seu jeito meigo e delicado contrastando com um ar intelectual e sensato. Pensando nisso acabei sentido receio de conhecê-la melhor, as mulheres geralmente não são assim. As pessoas, em sua maioria, usam mascaras de acordo com a situação e o

ambiente e ver alguém de rosto limpo pode ser perigoso. Talvez por isso boa parte dos casais acabe se divorciando enquanto outros se mantêm presos, com algemas de ouro em seus anelares, à convivências insustentáveis até que a morte os separe. Às vezes me pergunto se algum casal vive bem, se existem realmente casais felizes. Quem sabe existam e ainda não presenciei tal fato por ser novo demais. Todo o amor que já presenciei entre um homem e uma mulher não durou mais que poucos anos. O que faz do amor um sentimento tão volátil?

Apesar de confuso com meus sentimentos peguei o celular. – Oi Luana, só liguei para saber se você está bem e te desejar um bom restinho de noite.

Pela sua voz deduzi que estava sorrindo. Apesar de ter sido acordada de madrugada, demonstrou felicidade, quis saber como eu estava e completou dizendo: – Sei que nossa relação mal começou, mas eu te amo.

Eu nem sei ao certo o que sinto e ela diz que me ama. Quanto tempo vai durar esse amor? Dias? Semanas ou meses? Seja como for agora ela me ama. Ou finge muito bem.

Ainda com o celular na mão finalmente adormeci, tão depressa que nem pude colocá-lo na mesinha de cabeceira.



XVII - Do outro lado

Um barulho de água corrente chamou minha atenção, também comecei a sentir cheiro de flores. Ouvi o cantar de vários pássaros ao mesmo tempo. De repente uma voz. – Bom dia meu jovem. Fico feliz que tenha voltado rápido.

Ainda meio atordoado pelo sono percebi que estava em pé. Abri meus olhos deparando-me com o pequeno riacho da vila de Adão. Virei-me de súbito, era ele quem falava comigo. Com seu olhar sábio e o costumeiro sorriso fraternal, continuou. – É uma linda manhã de domingo. Eu estava refletindo sobre como o Criador nós deu um sol capaz de iluminar duas dimensões da natureza. Quando sinto essa energia fico deslumbrado. O mesmo astro capaz de levar luz, calor e vida à terra física através de seus raios também nos contempla com sua energia e luminosidade.

Movido por uma curiosidade incontrollável, interrompi o velho sábio perguntando – como cheguei aqui na vila e não na montanha como das outras vezes? E porque eu ainda dormia?

Dotado de uma enorme paciência o sábio respondeu: – Estamos unidos, tudo e todos. Somos parte do mesmo todo e formados pela mesma energia. O pensamento é a voz e o veículo da alma e nós, como humanos, racionalizamos tanto o mundo e nós mesmos que acabamos por esquecer o fundamental. Se você pensa em mim e eu penso em você, estamos juntos. Não importa se por amor ou por ódio ou quão distante estão nossos corpos, existirá uma corrente de energia nos unindo. Quando o corpo repousa liberta temporariamente a essência, então você vai onde seu pensamento estiver. Mesmo inconsciente você pensou em nossa vila o resto foi consequência deste pensamento.

– Mais Adão – interrompi novamente. – porque eu nunca me lembro da minha vida quando estou aqui. Não lembro sequer meu nome.

– A memória é um detalhe. – explicou o mestre. – Um homem de bem será bom e sensato independente de onde esteja ou das memórias que carregue. E além do mais, muitas vezes lembrar-se de algo pode significar ter que aceitar uma realidade que não queremos.

– O senhor está dizendo que posso estar tentando fugir de minhas lembranças – interrompi bastante transtornado.

– Sim e não. – respondeu o velho. – Despertar a consciência não é uma tarefa fácil. Mas posso te garantir que a mente, muitas vezes, prefere ignorar um fato a ter que aceitá-lo e conviver com ele. Dentro de cada um de nós está nosso mais leal amigo e nosso pior inimigo.

– O senhor deve ter razão, sinto que estou muito mais feliz aqui e ao mesmo tempo em que busco minha memória percebo o quanto me sinto leve sem elas. – finalizei perguntando – mas como eu poderia lembrar-me?

– Como pode lembrar-se sem ao menos decidir se realmente quer isso? – respondeu o ancião. – Mas fique tranqüilo Adel, cada acontecimento tem seu tempo e não é possível fugir de si mesmo.

Aquelas palavras me preocuparam. Eu estaria realmente tentando fugir da realidade? E porque faria isso? De qualquer modo achei melhor mudar de assunto e como percebi a presença de outras pessoas na vila, pedi a Adão que me apresentasse aos demais moradores. Ele sorriu com felicidade, já que valorizava muito os relacionamentos e o convívio social. Segundo ele fomos feitos para vivermos em grupo e ninguém é capaz de cumprir sozinho a sua missão. É fascinante como para ele tudo tem seu propósito, a vida, a morte, os encontros, os relacionamentos, qualquer acontecimento, por mais banal que possa parecer.

– O universo é como uma orquestra regida por um grande Maestro. Venha, vou lhe apresentar mais alguns músicos. – falou Adão, empolgado com meu interesse.

Conheci um grande número de pessoas, cada uma com suas particularidades, mais todas traziam algo em comum. Era o jeito hospitaleiro com expressões sempre felizes.

O sol já passava do meio do céu quando conversávamos com uma senhora bastante idosa, ela era negra e tinha quase minha altura, não era gorda, mas não chegava a ser magra e usava um lenço branco amarrado na cabeça. Seu nome era Augusta, mas todos a conheciam como Vó Augusta. Estávamos no interior do seu rancho. Como as demais construções do lugar era uma casa pequena feita com madeira e folhas de palmeiras retiradas da vegetação ao redor. O mobiliário também era artesanal e feito com os mesmos materiais. Apesar da simplicidade era aconchegante e confortável.

Sentado em uma cadeira de palha transada eu ouvia Vó Augusta contar que mora na vila há muitos anos e conhece todo mundo. Nessa hora meu bracelete brilhou, a velha segurou minha mão e falou: – Vai com Deus meu filho, e quando você voltar passa aqui para ver a vó.

Quando acabei de ouvir essas palavras já não via nada, sentia novamente meu corpo, mas ainda não me movia. Ouvia vozes e não entendia o que se falava. – Não quero ficar – falei pra mim mesmo – quero voltar para o mundo dos sonhos.

Não abri os olhos e tampouco me movi, continuei concentrado na pequena vila de Adão. Um longo tempo se passou, eu estava firme no meu propósito, me desliguei de todo e qualquer pensamento, só a vila me importava. Senti uma enorme pressão no meu corpo todo, um zumbido constante na cabeça. Estava perdendo a consciência quando escutei a voz da velhinha perguntando: – Menino, como você voltou tão rápido?

Abri meus olhos, estava de volta em seu pequeno rancho.

– Não sei como voltei – respondi – mas agora é definitivo. Quero ficar aqui pra sempre.

Adão e Vó Augusta se olharam espantados, pareciam não estar acostumados com esse tipo de acontecimento.

– Meu filho, cedo ou tarde você vai ter que voltar pra sua vida. – Falou a velha enquanto se dirigia à porta do barraco. Em seguida saiu andando rápido como quem lembrava-se de um compromisso.

Adão completou: – Admiro sua concentração e força de vontade, no entanto, não é questão de escolha é lei da natureza e tudo que vai conseguir, caso leve em frente essa ideia, é prejudicar a si mesmo.

Fosse como fosse, eu estava de volta e completamente decidido a ficar.

– Eu gosto desse lugar – respondi – das pessoas, de tudo. Aqui eu me sinto feliz, me sinto livre de verdade, me sinto em casa.

– Você nem se lembra da sua vida, como pode querer deixar tudo para traz. – indagou o patriarca.

– Não me lembro, mas mesmo assim sei que estou melhor aqui. – respondi com prontidão.

– De qualquer forma. – falou Adão. – Você vai ficar mais algum tempo aqui. Vamos andar um pouco mais pelo vilarejo.

Continuamos nossa caminhada, íamos em direção ao riacho, estávamos a alguns metros de uma enfolhada árvore que fazia densa sombra em parte de sua margem, a grama verde e viçosa formava um tapete convidativo onde duas pessoas conversavam sentadas com os pés dentro d'água. Assim que as vi pude reconhecê-las. Era Vó Augusta e uma garota bastante jovem. As duas conversavam calorosamente. A menina aparentava uns dezoito ou vinte anos, seus cabelos ruivos meio avermelhados e levemente ondulados balançavam suavemente com a brisa. Sua pele clara e delicada mostrava um discreto dourado de sol. Era magra, mas não em excesso, e mais franzina que a vovozinha.

Assim que nos aproximamos, a moça se virou percebendo o barulho. Foi então que pude ver seu rosto lindo, como uma obra de arte. Um sorriso irradiante, o nariz delicado e um par de olhos claros brilhantes como a lua cheia. – Luna – falei espantado.

– Adel. – falou ela enquanto se levantava e vinha em minha direção.

Abraçamo-nos demoradamente. Foram momentos indescritíveis e surpreendentes. Eu a conhecia sabia seu nome, que éramos bastante próximos, sabia que a amava, mas não lembrava coisa alguma sobre nós. Não dissemos uma só

palavra, acariciei suavemente seu rosto enquanto contemplava seu olhar fascinante. Era como se estivéssemos unidos em um só pensamento, um só sentimento. O beijo foi inevitável. Estávamos congelados no tempo e no espaço quando seu bracelete brilhou. – Até mais Adel. – falou ela segurando firme minha mão instantes antes de partir como um feixe de luz.

– Sentimentos verdadeiros ficam gravados na alma. – falou Adão. – Eles nos fazem o que somos e independem de tempo, memórias ou distância.

– Voltarei a vê-la – perguntei.

– Com certeza. – Respondeu o velho. – Por hora, deve partir em paz.

Nem bem o velho acabou de dizer estas palavras percebi meu bracelete brilhando novamente.

– Não – respondi enérgico – não quero voltar, vou ficar aqui.

Adão falou alguma coisa, mas não pude ouvi-lo. Outra vez o zunido na cabeça e a sensação de pressão em todo meu corpo. Concentrei-me novamente na vila tentando me desligar de todo o resto.

Longo tempo se passou e eu continuava ali imóvel, concentrado, firme no meu propósito. A pressão que sentia em meu corpo começou a aumentar, o zumbido também ficou mais forte. Comecei a ouvir as batidas do meu coração, soavam como marretadas no meu corpo todo em ritmo cada vez mais acelerado. Tentei ignorar tudo, pensava apenas na vila de Adão. Tudo começou a ficar confuso. As batidas do coração, a pressão, o zumbido, tudo parecia uma coisa só, como um grande enxame de abelhas barulhentas e assustadoras. Senti como se tudo estivesse rodando, tentei abrir os olhos, mas não foi possível. Tentei me mexer e não consegui. Fiquei ainda mais assustado, havia perdido totalmente o controle, meu corpo esquentava como se

estivesse num forno. O barulho só aumentava, comecei perder a consciência e de repente tudo parou.

O silêncio acompanhado de uma enorme sensação de vazio tomou conta de mim. Eu estava imerso no nada. Não podia me mexer, nem abrir os olhos, não escutava ruído algum e nem tampouco sentia calor ou frio. Meu corpo parecia pairar no ar como uma pluma.

– Isso não está certo, meu filho. – era a voz de Adão novamente. Senti-me seguro. Eu conseguira voltar.

– Desta vez vai ser pra sempre – falei pra mim mesmo.

O velho segurou fortemente meu braço e só então consegui despertar por completo. Pela primeira vez pude ver uma expressão nervosa em sua face. Ele estava bastante zangado, como um pai dedicado ao surpreender o filho fazendo algo muito errado. Passou a mão pela barba e falou:

– Muitos dos acontecimentos em nossas vidas dependem apenas de nós mesmos, de nossas decisões, mas existem alguns que vão além da nossa vontade e da nossa força e por mais que tentemos mudá-los continuamos convivendo com eles. É a parte da nossa história que já está escrita pelo criador. Você pode vir aqui com frequência, mas não pode ficar aqui. Um dia ficará, mais essa decisão não depende de você ou de mim.

– Mas sou feliz aqui – tentei argumentar. Percebi que era madrugada e estava quase amanhecendo. O céu começava a clarear. O que teria acontecido, não vi escurecer, não percebi que se passara tanto tempo. Estranhei também o meu corpo, pela primeira vez na vila de Adão eu me sentia fraco, sem energia. Sentei-me na varanda, onde o velho já estava e ficamos contemplando o nascer do sol. Ele veio majestoso, como sempre, enchendo de luz e de energia tudo que estava a sua volta.

– Estamos todos ligados. – começou Adão. – Somos parte de algo maior. Eu, você, o sol, tudo e todos. Cada qual com seu papel, com sua contribuição para que o universo esteja em harmonia.

Balancei a cabeça concordando.

- Você errou. – continuou o velho. – Aguarde a próxima oportunidade e vá, não persista nesse erro tolo.

Ele falava tão sério que me deixou preocupado. Fiquei boa parte daquela manhã pensando sobre o assunto, repensando minha decisão e lembrando daquela garota que traz no olhar a luz da lua e os encantos de uma história da qual não me recordo, apenas sinto.



XVIII - Esperando

O dia passou, a noite tomou conta do céu e meu bracelete não brilhou novamente. Era como se agora eu pudesse ficar de vez nesse lugar encantado, sem me preocupar com acordar e com a vida da qual também não me recordava.

Por um lado eu estava contente. Talvez meu sonho tivesse se realizado. Por outro a preocupação me dominava. Será que esse meu intento não passa de uma fuga de minhas responsabilidades com o todo? Estou fugindo de algo de que não me lembro. E se tiver abandonando minha missão? E se algum dia eu tiver que retomá-la? Posso estar fugindo como o estudante foge de uma tarefa que cedo ou tarde terá que realizar.

Fiquei refletindo por longo tempo, enquanto observava o rio descendo suave e escuro. A lua surgiu brilhante e redonda, quebrando meu transe e lançando-me em outro. Lembrou-me de Luna. Quem será esta garota? De onde nos conhecemos?

Continuei ali parado, agora contemplando a lua e pensando até que uma voz suave como a brisa balançando as

folhas tocou meus ouvidos. – Oi Adel. – disse ela. – O que te deixou assim tão pensativo?

– Luna – respondi de súbito – é muito bom ver você outra vez.

Ela sorria feliz, ficamos ali conversando ao som das águas a noite toda e os primeiros raios do sol a levaram de volta à vida real. Comigo nada aconteceu, continuei ali, como se vivesse naquele lugar.

Nossa longa conversa me reanimou, pude ver que ela também não lembra sua história quando está aqui. Não lembra sequer o seu nome, assim como eu, e foi Adão quem decidiu chamá-la de Luna. Ficamos imaginando como seria bom se conseguíssemos nos encontrar acordados, mas não sabemos quem somos ou como somos, nem tampouco de onde somos. Não vai ser uma tarefa fácil. E se ela ou eu for casado, ou quem sabe os dois. Ou se vivermos em países distantes? Podemos passar o resto da vida à procura um do outro sem resultado algum. Isso se algum dia eu voltar para o mundo real. Meu bracelete, opaco como lata velha, não parece sinalizar boa coisa.

– Me procura que eu também vou procurar você. – falou Luna na partida.

Nem sei se acordado conseguimos lembrar o que vivemos aqui, mas farei o possível para encontra-la e sei que também fará. Por hora, me resta esperar.

O sol já nasceu, convocando pássaros e borboletas para seu passeio matinal. O amanhecer aqui é encantador, revoadas de pássaros cantão saldando o novo dia enquanto nuvens de borboletas coloridas contrastam com as flores dos arbustos.

Alguns moradores aproximam-se para conversar um pouco. Falamos sobre a beleza desse espetáculo diário enquanto minha cabeça continua confusa. Já não sei se estou

feliz ou triste e a incerteza sobre meu destino me deixa mais ansioso a cada momento. Algumas vezes temo ter que deixar o mundo dos sonhos para retomar minha história, outras fico receoso em ter abandonado definitivamente algo do qual nem me lembro.

Concentrado em minhas divagações nem percebi o dia passando, mas a chegada da noite trouxe-me a esperança de ver Luna novamente.

Tratei logo de ir para a beira do riacho, no mesmo local onde nos encontramos na noite anterior. Alguns moradores da vila também estavam por lá conversando e me juntei a eles. O escuro era quase total e a lua, e no meu caso a Luna, era esperada com ansiedade. A lua cheia é linda em qualquer lugar, mas aqui ela parece ainda mais encantadora, com um brilho quase magnético e luminosidade ainda mais intensa que a de costume. Talvez porque todos gostem de contemplá-la, diferente do mundo real onde a maioria das pessoas está na frente do televisor ou em algum lugar fechado. Quem sabe ela sinta a felicidade de quem a vê e retribui com alegria.

Não tardou para a esperada ilustre chegar com toda a sua majestade.

As outras pessoas que estavam ali foram saindo aos poucos conforme a hora ia passando. Embora aqui não se use relógio, mas pude calcular pela altura da lua que já devia passar de meia noite. Eu estava só, a beira do filete d'água, ainda crente de que Luna viria alegrar minha noite com aquele sorriso único e matar essa saudade sem precedentes que insiste em habitar meu peito.

O sol começava a despontar no horizonte e com ele a certeza de que a garota não viria. Tentava me consolar com a ideia de que não devia ser por sua vontade. É difícil saber como chegamos a este lugar, tudo que sabemos é que

dormimos no mundo físico e acordamos no mundo dos sonhos e vice versa. Se ao menos chegássemos aqui com nossas lembranças tudo ficaria mais fácil.

– Não se preocupe tanto meu jovem. – Adão falou, interrompendo meu pensamento. – O que está escrito pelo Criador é imutável, podemos escrever nossa parte como quisermos, mas as linhas que Ele escreve são definitivas.

– Mais Adão – falei desesperado – estou aqui há dias sem saber o que vai acontecer comigo e ainda estou apaixonado por uma mulher que nem sei ao certo quando virá pra cá novamente.

– A paciência é uma das maiores virtudes. – disse o ancião. – Tenha fé garoto, fomos feitos para sermos felizes, cada um a seu modo, mas todos podem encontrar a felicidade.



XIX - Quatro dias

Chegávamos ao fim do quarto dia em que eu estava no mundo dos sonhos. Já me conformara com ideia de ficar em definitivo. Ainda não reencontrara Luna, mas tentava manter viva dentro de mim a esperança de revê-la um dia.

Com o cair da noite Adão recebeu a visita de um velho amigo. Era um senhor meio grisalho, com uma barba bem baixa cobrindo parte do rosto. De pele morena, olhos castanhos e estatura mediana. Usava um par de óculos redondos e falava com ar de filósofo.

Adão nos apresentou. – Este é o professor Alexandre. – falou-me com orgulho o anfitrião. – Ele lecionou Literatura e foi, ou melhor, ainda é amante desta arte. Escreveu vários livros, entre poesias, contos e romances. Não chegou a ser muito famoso ou conhecido, mas foi reconhecido em seu meio e suas obras ainda povoam estantes de várias bibliotecas.

O professor sorri com satisfação e agradece os eloquentes elogios do amigo. Falava com a calma de quem possui todo o tempo, mas sem lentidão, palavras desnecessárias ou repetições. Contou-me que mora em outra vila e vem sempre visitar o amigo que também visita-o com frequência.

– Esta vila fica perto? – perguntei interessado.

– Aqui inexistente distância. – respondeu o mestre. – O pensamento nos leva aonde nossos corações almejam.

– Eu não sabia da existência de mais povoados aqui – continuei – posso visitá-lo um dia desses?

– Existem infinitos. – explicou Alexandre. – A vida está por toda a parte. Talvez não em nossa limitada concepção de vivo ou morto, mas de uma maneira mais ampla. Quanto a visitar-me, quando e sempre que desejar. O homem foi criado para socializar-se.

O professor mostrou-se bastante crítico e sensato. Conversamos os três por longo tempo, falamos de todo o tipo de assunto e por fim sobre meu futuro incerto. Alexandre olhou-me com calma e firmeza, frente a toda minha insegurança e ansiedade, respirou fundo e começou a falar:

– Jovem Adel, cada acontecimento tem seu tempo e seu lugar. Às vezes estamos onde devemos estar e não onde queremos. Outras vezes nem sabemos ao certo o que queremos ou buscamos. Nossa vida é nossa obra prima que escrevemos em coautoria com o Criador. É preciso confiar e aceitar os trechos por Ele escritos, visto que não temos forças para rasurá-los de acordo com nossa vontade. Mas tão importante quanto isso é pegar a pena em mãos e escrever a nossa parte. Decidir é preciso e os erros fazem parte do aprendizado e da evolução. Aquele que solta a pena, deixa o espaço aberto para que as outras pessoas escrevam a sua história. Há também os que escrevem os textos ditados por outrem. Ouvir opiniões e conselhos é muito importante, mas analisar tudo e tirar suas próprias conclusões é fundamental. Segure a pena com coragem e escreva a sua obra, pois a responsabilidade é sua e no final é você quem assina independente de quem a tenha escrito.

Fiquei um pouco atordoado frente a toda essa lição de vida e não consegui pronunciar palavra alguma. O literato

sorriu novamente, despedindo-se. – O senhor já vai – perguntei.

– Não. – respondeu ele. – É você quem está partindo.

Nem bem acabou sua frase e já percebi meu bracelete brilhando intensamente e tudo desapareceu.

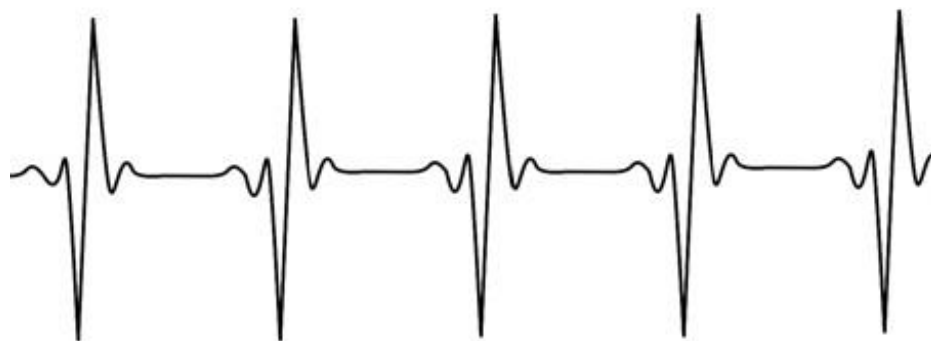
Senti um cheiro estranho parecendo de remédio acompanhado de um bipe ritmado como o de um monitor cardíaco. Abri, rapidamente, os olhos. Olhei em volta e constatei, eu estava em um leito de hospital. Tentei mover-me e meu corpo respondeu normalmente apesar das dores musculares e do soro preso em meu braço.

– Calma rapaz, vamos devagar. Fico feliz que tenha acordado, mas não se levanta de um sono de quatro dias como quem dormiu oito horas.

Era o Dr. Willy quem falava e não havia mais ninguém no quarto. Estranhei o fato de um psicólogo estar cuidando de um doente no estado em que eu aparentava estar.

– A quinta feira esta amanhecendo. – continuou ele. – Seus pais foram para casa dormir um pouco e fiquei aqui no lugar deles. Você sofreu um infarto enquanto dormia e outro no hospital. Resistiu bem a eles e o médico não encontrou o motivo de ter dormido tanto. Sua vida deve mudar um pouco agora, cuidados com a alimentação e exercícios físicos regulares serão imprescindíveis, mais isso fica a cargo do Cardiologista. Tenho pesquisado muito sobre sono e sonhos desde suas consultas comigo há nove anos. Sei que estava no Mundo dos Sonhos e tenho muito a lhe falar sobre isso, mas por ora descanse. Vou chamar seu médico.

Minha cabeça doía bastante e parecia um balão. Era como se eu tivesse de ressaca. Estava bastante confuso e um pouco tonto, mas não sentia nem um pouco de sono.



XX - Um novo começo

O médico chegou e começou a me examinar. Queria saber como me sentia, se eu estava lúcido e se minha memória estava em dia. Quis saber também o que senti durante meu sono. Se havia sonhado, sentido dores, desconforto ou alguma coisa assim.

Falei apenas que foi como dormir uma noite normal de sono com a diferença de ser uma noite bem grande.

– Terá alta no fim da tarde. – falou o especialista. – Assim que fizermos mais alguns exames e tivermos certeza de que está bem.

Dois enfermeiros me ajudaram a sentar na cama. Foi uma sensação horrível, tudo rodava, a cabeça parecia que estava explodindo e quase vomitei, era pior que qualquer ressaca alcoólica por mim já experimentada.

– Você vai ficar sentado um tempo. – disse um dos enfermeiros. – Depois que seu organismo acostumar, vamos ajuda-lo a levantar e tomar um banho.

Meus pais chegaram e os enfermeiros saíram. A tontura foi passando aos poucos enquanto conversávamos.

Eles estavam perplexos, minha mãe chorando o tempo todo. Queriam saber como eu estava e o que tinha sentido.

– Você nasceu de novo. – falava meu pai.

Conversamos bastante, o ar de tragédia ficou um pouco mais ameno, embora os progenitores ainda não acreditassem que tudo estivesse voltando ao normal.

Passava um pouco das seis e meia quando chegou um leve café da manhã e como a ânsia de vômito já havia passado pude comer um pouco. Por volta das sete chegou Luana, minha namorada. Ao menos era antes que eu dormisse na madrugada do domingo. Ela também estava muito transtornada com o acontecido. Assim que entrou no quarto me abraçou, meus pais se olharam reprovando e não fizeram questão de disfarçar o desconforto com a presença da garota. Ela ficou alguns instantes conversando comigo e foi embora rapidamente.

Eu já estava bem melhor, já pai e mãe continuavam bastante abalados. As oito os enfermeiros voltaram, era hora de levantar. Meu pai e um dos enfermeiros me ajudaram na árdua tarefa e seguraram-me até que eu me acostumassem novamente com a posição.

– Ande um pouco pelo quarto apoiado em seus pais. – pediu um dos enfermeiros. – Já voltamos para o banho.

O dia transcorreu normalmente, sentia-me melhor a cada instante. Após os exames e intermináveis instruções e recomendações pude, enfim, voltar pra casa.

Chegamos no começo da noite, eu já conseguia andar sozinho e estava ansioso por comer algo realmente sólido e nutritivo. Também queria andar um pouco pela casa, conversar um pouco, ouvir música e matar um pouco de tempo.

Estávamos nos preparando para o jantar quando o interfone toca. Meu pai atende, era Luana querendo conversar um pouco comigo. Fui encontra-la na porta enquanto ouvia minha mãe dizendo em tom bem áspero: – Nem bem o

menino saiu do hospital e esta garota já vem tirar o sossego dele e a privacidade da família.

Luana estava feliz, beijamo-nos e ficamos conversando um pouco no sofá. Como a comida já estava quase toda na mesa aproveitei e convidei-a para jantar conosco. Ela aceitou de imediato, para total insatisfação de meus pais.

Durante a janta disparavam-se pelo ar observações como: – É preciso jantar e ir logo descansar. – O menino precisa de repouso.

Entendo a preocupação dos pais para com os filhos, ainda mais quando se trata de saúde, mas o doente era eu. E nesse caso acredito que poderia ter um pouco mais de autonomia.

A janta não foi o que se pode chamar de confraternização e tão logo terminamos a visitante despediu-se. Eu, com peso na consciência, chamei-a para meu quarto onde conversamos por alguns instantes. Não que estranhasse sua pressa em ir embora, eu em seu lugar teria ido antes, mas sentia-me a causa de todo aquele constrangimento.

– Júlio. – falou ela. – Se você não estivesse com a saúde abalada eu não entenderia as atitudes da sua família. Eles foram totalmente deseducados e fizeram questão de mostrar que eu não sou bem vinda.

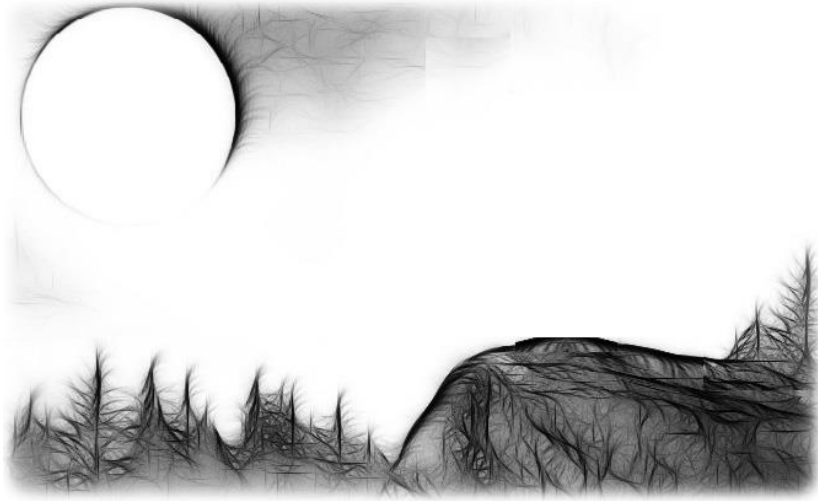
– Sou filho único – tentei acalmar – é muita pressão para eles quando tenho problemas. Ainda mais se for de saúde.

Ela entendeu a situação, ao menos diz ter entendido, e foi embora sem mais demora. Fiquei mais um pouco na sala com meus pais e fui dormir. Não que estivesse com sono, mas o corpo estava cansado. Depois de tanto tempo deitado o organismo sente todo e qualquer esforço.

A sexta, o sábado e o domingo passaram em ritmo de recuperação e repouso. Não saí de casa, Luana passou aqui

eventualmente e sempre com muita pressa, está com trabalhos da faculdade acumulados. Meus pais, sempre preocupados com meu estado de saúde, esperam ansiosos pela segunda-feira. Meu retorno ao médico dirá se a recuperação foi normal ou não. Caso positivo, retomo minha rotina e tudo volta à normalidade.

Já passava das dez horas da noite de domingo, embora ansioso pelo dia seguinte, resolvo ir dormir torcendo para que meu repouso forçado estivesse chegando ao fim.



XXI - Só uma visita

– Boa noite Adel. – falou uma voz suave e meiga.

Aquele som parecia encantado e junto com o barulho de água corrente foi capaz de tocar o fundo de minha alma e despertar sensações de plenitude e alegria.

Abri meus olhos, estava a beira do riacho da vila de Adão. Olhei na direção de onde vinha a voz. – Luna – exclamei com felicidade e surpresa – como é bom ver você.

Nos abraçamos com firmeza, a saudade era imensa e trazia sempre consigo a incerteza sobre nosso futuro. A lua, agora minguante, também estava no céu iluminando-nos suave e discretamente. Havia também outras pessoas ali pelo gramado, a maioria delas conhecidas. Companheiros de uma segunda vida que vivíamos sem as lembranças da primeira. Sentia-me feliz, não só por ter reencontrado Luna, mas também por estar novamente no Mundo dos Sonhos e com a certeza de ser outra vez um visitante. Sabia, agora, que estamos onde devemos estar e em todos os lugares onde convivemos existe algo que devemos fazer, uma missão a cumprir, um pouco de nós deve ficar em troca das experiências e sentimentos que levaremos conosco.

Luna estava ansiosa, acreditava que poderíamos nos encontrar no mundo real caso nos procurássemos, mas embora tentasse a todo custo lembrar-se de algo sobre sua vida não obtinha êxito, assim como eu.

– Dessa forma fica bastante complicado – falei com certo desânimo.

– Difícil não é impossível. – dizia ela cheia de esperanças. – Não nos encontramos aqui? Em um lugar em que a maioria das pessoas nem acredita que existe.

De qualquer modo, não é uma tarefa fácil embora seja possível. Como se encontra alguém de quem nada se sabe? E será que seremos capazes de nos reconhecer quando estivermos acordados? Mas enfim, um consenso nos uniu novamente, percebemos que o melhor a se fazer era aproveitar o momento juntos em vez de ficar pensando em algo ainda inexistente e vago.

Ficamos ali, conversando por longo tempo até que Luna partiu. Já era madrugada, fiquei só a beira do pequeno rio até que os primeiros raios de sol surgiram no horizonte. Com eles, também Adão apareceu. – Bom dia amigo. – falou ele.

Era a primeira vez em que me chamava de amigo. Trazia no rosto um vasto sorriso e um olhar sábio e companheiro.

– Está nascendo um lindo dia. – continuava ele. – Quando o criador nos dá mais um dia espera de nós mais um passo. Mais um passo em sua direção. Mais um passo dessa longa caminhada que nos levará a Ele. É preciso dar um passo de cada vez e igualmente necessário ter consciência dos passos que se dá, do caminho por onde estamos passando, das pessoas que nos acompanham e de nós mesmos. Uma das ações mais difíceis para um ser humano é conhecer-se, é ter a coragem de olhar para dentro de si próprio e remexer em tudo

que está ali guardado, quieto. Ir ao fundo de um lago do qual sempre vemos apenas a superfície e as poucas coisas que sobem até ela. É preciso conhecer o que há de belo neste lago, mas é imprescindível chegar ao lodo podre do fundo e aceitar que isto também faz parte de nós. Não falo em aceitar com o comodismo de quem se depara com o inevitável, mas com o realismo necessário para encarar de frente uma parte de nós que aprendemos tão bem a esconder e ignorar que chegamos a esquecer. É preciso ir ao fundo, conhecer cada canto, o belo e o feio, o que traz orgulho, mas também o que nos traz vergonha. Só assim saberemos quem somos e o que é preciso para remover cada porção de impureza.

– Porque o senhor está me falando isso? – perguntei meio atordoado.

– Porque você busca neste mundo as lembranças do outro. – respondeu ele. – Acreditando que não lembra quem é. Uma pessoa é muito mais que nome, endereço, profissão, posses ou memórias. Aqui os seres valem pelo que trazem dentro de si. É muito mais importante conhecer o seu interior que lembrar-se do seu nome. Valorize mais sua consciência e suas memórias virão quando chegar a hora.

Sorri meio sem graça. Aquele discurso soou-me como um sermão, mas me fez enxergar a importância do autoconhecimento. Às vezes buscamos fora o que só encontraremos dentro de nós.

O sol já se mostrava por completo e meu bracelete brilhou novamente. Só deu tempo de ouvir a voz de Adão dizendo: – Vá em paz.

Abri os olhos, o radio relógio mostrava oito e quinze. Estava novamente em meu quarto, corri para o chuveiro. Não podia me atrasar, a consulta seria nove horas. Estava ansioso como um garotinho no primeiro dia de aula, não sabia se ria ou se chorava. Pensava mil coisas e imaginava inúmeros

resultados diferentes. Provavelmente a realidade será diferente de todas essas hipóteses, mas ansiava por ter algo de concreto sobre minha saúde.

Desci rapidamente para a cozinha, o estômago pedia atenção urgente. Meu pai fora para o colégio dar aulas e minha mãe esperava para me acompanhar na consulta. Ela estava mais ansiosa que eu, completamente pronta e com a chave do carro na mão, transpirava bastante e não conseguia parar em lugar algum.

Finalmente chegamos à clínica. Eletrocardiograma, esteira e mais alguns exames foram realizados. Aguardamos então um longo tempo até que o médico me chamou.

– Os exames mostram claramente que você foi acometido de mais de um infarto. – fala-me o Cardiologista com um ar bastante sério. – Mas mostram também que sua saúde, agora, está perfeita. Se não fossem os exames não daria para crer no acontecido. Pode retomar sua rotina e se não sentir nada de estranho antes quero revê-lo daqui quatro meses.

Com certeza essas frases não estavam em nenhuma de minhas hipóteses, mas sem dúvida me agradaram muito. Saber que estou bem e não vou precisar tomar remédios ou passar por tratamento algum é um alívio imenso.

Enquanto voltávamos para casa minha mãe passava a boa nova para o meu pai pelo celular. Lembrando que a escola não admitia o uso de aparelhos celulares em sala, nem pelo professor e muito menos pelos alunos. Mais nesse caso dá-se um jeito.

Com isso, a partir de terça feira tudo volta a ser como antes.

XXII - De volta à ativa

No restante da segunda-feira eu estava pura alegria. Todo aquele acontecimento foi um choque pra mim. Nem bem entardecera e eu já estava pronto para o dia seguinte, arrumei tudo de que precisava para a faculdade e as aulas no colégio. Por estranho que possa parecer eu estava ansioso por este dia.

Nem bem chegou a noite e Luana veio junto com ela. Estava feliz pelas boas notícias, sorria de uma orelha à outra. Conversamos um pouco em meu quarto e logo me chamou para dar um passeio pela cidade. Eu não estava muito animado com a ideia, mas por fim acabei cedendo. Não gosto de deixar que os pedidos melosos de uma mulher mudem meus planos. Boa parte delas se vale do jeitinho meigo e doce simplesmente para dominar o homem que estiver ao seu lado. E pior que isso, quando a relação vai sendo desgastada pelo tempo passam a dar ordens mais diretas e ásperas. Como prefiro ser tachado de chato e mandão a ser controlado pela mulher que estiver comigo, costumo me precaver com doses regulares de não negociáveis, mas hoje era uma exceção. Eu precisava deixá-la à vontade, sondar seus atos, seu raciocínio, a maneira como fala quando está despreocupada. – Luana e Luna – falei comigo mesmo – nomes bem parecidos e uma série de características semelhantes. Será a mesma pessoa?

Fomos ao shopping, vimos dezenas de vitrines com os mais variados estilos de roupas, calçados e acessórios. Por fim, como a maioria das pessoas, acabamos na praça de alimentação.

Conversávamos e lanchávamos distraídos quando levado pela ansiedade e pelas muitas semelhanças que encontrei chamei-a de Luna. Ela ficou meio vermelha, tentou disfarçar, mas como a minha dicção foi perfeita e não era

possível entender errada a palavra, acabou por perguntar: – Você comeu uma letra do meu nome por distração ou me chamou de Luna?

– Te chamei de Luna – falei sorridente – ninguém te chama assim?

– Caro que não. – respondeu meio exaltada. – Sua ex-namorada tinha esse nome?

Percebi que fora totalmente mal interpretado, ela estava agora em estado de defesa. Não vi alternativa além de contar-lhe parte da verdade.

– É que sonhei com você na noite passada – comecei a explicação – só pode ser você, era muito parecida em todos os aspectos. Nós não lembrávamos os nossos nomes, então eu te chamava de Luna e você me chamava de Adel. Então combinamos de tentar nos encontrar quando estivéssemos acordados.

– Que sonho estranho. – disse ela. – E porque eu deveria me lembrar do seu sonho? E o que você e essa tal de Luna fizeram nesse sonho? Nunca ouvi uma história tão esfarrapada assim. – Completou visivelmente nervosa.

Nessa hora o alimento já estava esquecido por completo e o prato principal era meu sonho. A garota continuava me olhando fixamente, vermelha como um tomate bem maduro, à espera de respostas para as perguntas, se é que lembrava delas.

– Nós namoramos um pouco às margens de um riacho, até que você foi embora e eu fiquei sozinho – falei.

– Não me coloque no meio de suas fantasias. – falou ela com firmeza.

– Quanto à outra pergunta – continuei – jamais tive contato com alguma garota que tivesse esse nome a não ser em sonho. Existem várias teorias sobre nossas almas saírem do corpo enquanto dormimos, alguns chamam de viagem

astral. Acreditei que tivesse ocorrido isso conosco naquela noite.

Ela ficou completamente confusa. Me olhava de um jeito tão estranho que nem pude saber se era raiva, medo ou algum outro sentimento. Talvez nem ela mesma soubesse.

– Não era eu. – falou agora com menos energia. – Nem sequer acredito nessas coisas. E você já está bem grandinho para crer em fantasias como estas.

– Sempre acreditei – falei – e sempre continuarei acreditando. Tive muitas experiências que provaram isso. Mas não quero mais falar desse assunto contigo, ao menos por hora.

– Desculpe. – começou meio sem graça. – Não queria te chatear, mas te amo tanto que acabei dominada pelo ciúme. E quanto aos sonhos, minha família é muito religiosa e nossa religião nos diz que sonhos são irreais, frutos de desejos ocultos ou perturbações vividas durante o dia. Não posso pedir a você que desacredite dessa tal de viagem astral, mas não me peça para acreditar.

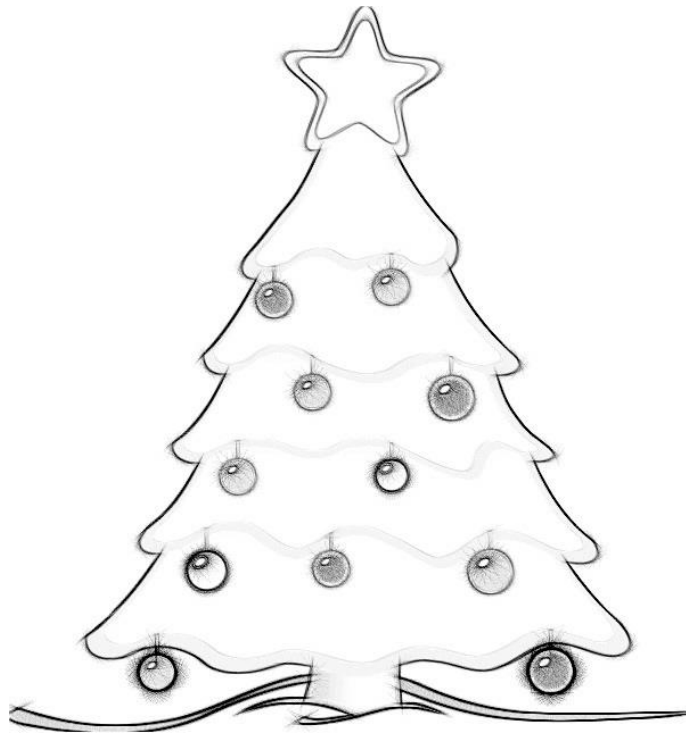
– Combinado – continuei sorridente – voltemos aos nossos lanches e nosso passeio.

Voltamos ao passeio, tentávamos continuar como se nada tivesse acontecido, mas uma discussão como esta drena toda a espontaneidade do encontro. Apesar disso, acabamos nos divertindo bastante. E ao voltar para casa tudo já estava superado.

Chegamos ainda antes das vinte duas horas, ela pegou sua moto e partiu logo. Eu fiquei com minha dúvida ainda maior que outrora. Será que ela não é a Luna, ou será que seus valores religiosos a impedem de lembrar ou aceitar esses acontecimentos? As semelhanças me deixavam confuso. Custei a dormir, rolava de um lado para outro na cama

refletindo sobre o ocorrido e a enorme incógnita a me torturar.

A terça-feira passou como de costume, com ela a semana, o mês e o resto do semestre.



XXIII - Parece faltar alguma coisa

Dezembro chegou rápido, trazendo consigo minha formatura e algumas propostas de trabalho para o ano vindouro, por influência de meus pais. Desde meu aniversário e do incidente cardíaco estive no Mundo dos Sonhos quase todas as noites, era como se uma espécie de portal estivesse sempre aberto, eu adormecia e naturalmente ia pra lá. Foi muito importante para mim esse convívio mais constante na vila de Adão, mais apesar disso não conseguia lembrar nada a meu respeito. Luna parecia cada vez mais linda e nos encontramos várias vezes durante este período. Já quanto a Luana, eu já estava duvidando que fosse a mesma pessoa a me encontrar nos sonhos. Não podia ser, o convívio com as duas, com uma acordado e outra em sonhos, mostrou-me diferenças gritantes em suas personalidades.

Luana já falava empolgadamente em casamento, enquanto eu sentia-me um bígamo com aquela situação. Minha consciência cobrava-me todo dia a escolha entre uma

ou outra garota e, embora eu gostasse da Luana amava Luna. Duas coisas, ainda, mantinham-me unido a Luana: um resto de esperança de serem a mesma pessoa e um receio traiçoeiro de que toda esta história de sonhos não passasse de loucura da minha cabeça. Mas a situação já se fazia insustentável.

Neste período também estreitei relações com o Ângelo, velho amigo de escola, tomamos várias cervejas juntos e discutimos muito sobre filosofia, sociologia, política, mulheres, e todo tipo de assunto possível. Contei a ele sobre o Mundo dos Sonhos e sobre Luna. Ele, a princípio, se preocupou com minha saúde mental e com o estresse que eu poderia estar sofrendo com a formatura. Por fim, entendeu e aceitou a história e sem saber se acreditava ou não na existência do tal mundo acabou empolgado para ir lá um dia conhecer as pessoas de que tanto eu falava. Infelizmente não sei como levar visitantes comigo, mas teria imensa felicidade em poder levá-lo.

Em casa, além da rotina habitual, meu pai estava para explodir de felicidade por eu estar me formando na mesma área em que ele atua. Já minha mãe, embora muito feliz, ainda preferia outra carreira mais promissora que a de professor.

Eu não estava plenamente feliz com tudo isso, parecia que faltava algo importante, ou que estava fazendo algo errado. De qualquer forma o curso superior é uma conquista e desde já me abria portas no mercado de trabalho.

Estávamos em uma segunda-feira, era começo da noite. Eu me preparava para ir à casa do Dr. Willy levar-lhe o convite da formatura. Ele havia se aproximado bastante da família nos últimos meses. A Colação de Graus seria na quinta e o baile na sexta-feira. Assim era preciso fazer o convite formal o quanto antes.

Chegando à residência, fui muito bem recebido pelo Psicólogo, ele agiu com imensa simplicidade e fez questão de

me levar até a cozinha para tomar um café recém saído da cafeteira.

– Meu jovem. – falou ele. – Alguma coisa está errada contigo.

– Deve ser o fim do curso que ao mesmo tempo nos traz o estresse dos preparativos para a formatura e a mudança de rotina juntamente com a responsabilidade de ser, agora, um profissional formado. – justifiquei.

– Não. – continuou. – Te conheço desde sempre. Pode ser que nem você saiba ainda a causa, mas está sentindo um grande vazio no peito.

Tomamos o café enquanto conversávamos sobre outros assuntos. Muitos minutos já haviam passado quando Willy tocou em um ponto há muito esquecido.

– Lembra-se do Mundo dos Sonhos? – perguntou.

– Lembro – respondi – mas já faz tanto tempo, são mais de nove anos.

– Sim. – continuou Willy. – Realmente fazem vários anos e diante de mim não vejo mais aquele garoto inseguro e sonhador. Você amadureceu bastante, embora sua situação atual não o satisfaça. Ainda acredita na existência do Mundo dos Sonhos?

– Sim – respondi prontamente. Ao menos agora não estávamos no consultório, e nem tampouco em uma consulta. Senti-me no direito de dizer o que pensava sem receios de ser tido novamente como louco.

– Pesquisei muito sobre sonhos. – começou a contar. – A partir daquela data me dediquei muito ao assunto. Descobri inúmeras teorias e hipóteses, observei tantas pessoas quanto possível. Não encontrei prova de sua existência, nem da inexistência. Mas tenho certeza de que ele é real, se não para todos, mas ao menos para você e um grande número de pessoas que acreditam em sua existência. Queria dizer-lhe que

acumulei vasto material sobre o assunto e continuo pesquisando. Em outra oportunidade, com mais tempo, mostro-lhe tudo.

– Obrigado – falei meio sem graça – pela atenção especial dedicada ao meu caso. Fico feliz em saber que acabei inspirando tanta pesquisa.

– Eu que te agradeço meu jovem. – continuava o médico. – Por me despertar tal interesse por um assunto importante por mim parcialmente negligenciado. Você vai ficar deslumbrado com meus estudos na área. Mas por hora, voltemos à sua formatura.

Conversamos por mais algum tempo, Willy garantiu sua presença no evento. Mostrou-se ainda, bem animado com minha conquista, mais pedia que eu procurasse dentro de mim algo do qual não estava gostando.

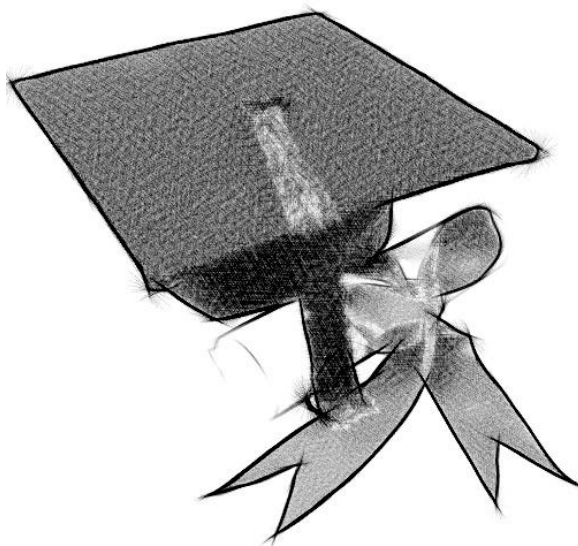
Não entendi o porquê da preocupação, mas ele sempre se mostrou amigo da família e nos últimos tempos, mais que nunca, esteve bastante presente em nossas vidas.

Já passava das nove e trinta da noite quando finalmente me despedi e fui embora. Luana já havia me ligado dezenas de vezes, das quais atendi apenas as primeiras. Estava ansiosa para me contar algo novo, mas isso não era motivo para me incomodar tanto.

Chegando em casa, deparei-me com ela no sofá, estava imensamente feliz porque alguns parentes acabavam de chegar em sua casa, eles ficariam até o domingo, quando seguiriam, acompanhados por ela e seus pais, até a fazenda de outro parente mais no interior. A ideia do grupo era ficar lá até depois das festas, ou quem sabe até meados de janeiro. Esforcei-me para disfarçar o alívio, embora todos estivessem empolgados em assistir minha Colação de Graus, iriam embora logo no domingo, e o que era melhor, afastando Luana de mim durante uns trinta dias. Teria tempo suficiente

para ajeitar minhas ideias e definir de vez os rumos de minha vida afetiva.

Sem opção, acabei indo na mesma hora conhecer os tais parentes. Para alguns instantes de conversa se mostraram bastante simpáticos. O grupo era grande e contava com avô, avó, tios e primos. Fiquei imaginado o tamanho do comboio, cheguei até a sentir pena do anfitrião interiorano. Conversei por alguns minutos com integrantes da caravana e assim que possível voltei para casa. Estava bastante cansado e sonolento. Era uma semana tensa e importante em minha vida.



XXIV - Em fim a formatura

Chegou o dia esperado, ou melhor, a noite. Terno, gravata, beca. Tudo impecável. Fotos, filmagem e muita tensão e ansiedade.

Meus pais faziam questão de mostrar o orgulho que sentiam de mim. Dr. Willy também estava presente, sorridente e observador. Os parentes de Luana compareceram em peso. Ela, precipitada como sempre, disse a todos que fazia questão da presença deles em nosso casamento. É impressionante como algumas pessoas falam de casamento como se fossem sozinhas para o altar, ou quem sabe acompanhadas por um fantoche. Esquecem-se de que a opinião do futuro cônjuge também é um fator determinante.

Meus tios e primos que moravam ali na cidade foram chegando aos poucos. Ângelo também apareceu, embora um pouco atrasado, acompanhado da namorada.

A cerimônia começa. Como o lado em que estamos pode fazer tanta diferença? Já havia assistido a inúmeras formaturas, mas hoje era diferente, era comigo. Eu transpirava, tremia, sentia frio na barriga e tudo mais. As pernas pareciam estar bambas, era como se não tivesse

controle total de mim mesmo. Sorria feito bobo, acabava aqui uma etapa de minha vida. De agora em diante seria graduado em Matemática.

Aplausos, homenagens, agradecimentos, emoções e esperança. Vários sentimentos invadiam minha alma simultaneamente fazendo-me sentir cheio de alegria e satisfação. Estava eufórico, mais ainda assim podia perceber um discreto vazio em meu interior. Era um sentimento que procurava agora ficar quieto para não ser percebido. Algo que eu não queria naquele momento era estragar a festa. Mas aquele sentimento permanecia ali dentro do meu peito e nem eu mesmo sabia ao certo o que era.

Já a sexta-feira só terminou sábado. O baile foi estonteante, todos queriam extravazar as angustias reprimidas durante a caminhada celebrando a conquista de todas as maneiras possíveis.

Meus pais, Dr. Willy, tios, primos, Ângelo com outra namorada, Luana e sua caravana de parentes e alguns colegas. O evento foi literalmente uma festa completa, era a hora de ser informal, de fazer o que quisesse, de dançar, gritar, pular, em fim, se entregar às comemorações de uma conquista tão valiosa.

No sábado dormi o dia inteiro, parecia um urso em plena hibernação. Se fosse pela minha vontade teria emendado o dia na noite e só sairia da cama no domingo. Não sei se o corpo aguentaria tantas horas de cama e além do mais, Luana aguardava ansiosa por um passeio comigo na noite de sábado. No domingo almoçaríamos em sua casa, seria a despedida, aí só nos veríamos novamente depois que voltassem da viagem de férias.

Durante o sono de sábado não estive na vila de Adão. Já vinha observando há tempos que o fato de estar muito

cansado ou alcoolizado ao dormir me impedia de ir até o Mundo dos Sonhos, ou de lembrar-me de ter estado lá.

A noite de sábado fez questão de esticar-se até o domingo. Quando deixei Luana em sua casa o sol já ensaiava sua aparição. Dormi até na hora do almoço. Mais uma vez não estive no Mundo dos Sonhos. Levantei, tomei um banho rápido. No celular inúmeras ligações perdidas. Era Luana, mais uma vez, ansiosa tentando me acordar. Já passava das onze e meia e, provavelmente, quem levantou cedo já tinha fome.

Corri para sua casa, cheguei sob olhares de indignação de alguns dos presentes. O almoço ainda não estava servido. Alguns homens brigavam com a churrasqueira enquanto as mulheres preparavam pratos de costume como macarronada, arroz, maionese, entre outros. O evento transcorreu normalmente. Os motoristas beberam pouco, visto que logo seguiriam viagem em um grande comboio até a casa do parente no interior. Luana, chorosa, dava um tom de despedida melancólica à ocasião. Ao meu ver, uma atitude um tanto exagerada tendo em vista que se tratava de uma viagem de férias onde estaria reunida com boa parte da família, descansando e se divertindo e além do mais, ficaríamos separados apenas uns trinta dias. Ela ainda me falou, quase chorando, sobre seu medo de me perder para alguma outra mulher do meu convívio que se aproveitasse da minha solidão momentânea. A meu ver, parceiros não são animais de estimação para serem perdidos. Existem sentimentos em jogo e na maioria das vezes, a própria pessoa e suas atitudes acabam por abalar gradativamente o que de bom sente-se por ela. Desse modo alguém perde, se essa fosse a expressão correta, primeiro para si mesmo. Não é possível dizer que alguém está certo ou errado nesses casos, simplesmente há uma discrepância de opiniões e ideias. Como bem já me disse

Adão: “– Não se pode andar juntos e seguir caminhos diferentes, nem tampouco ser feliz trilhando o caminho de outra pessoa.”

A muito percebi que meu caminho e o de Luana são demasiado distantes para seguirmos de mãos dadas.

Já passava de quinze e trinta, a maioria das pessoas já havia comido, dormido e se reconstituído para a viagem. Então partiram. Não entendo o porquê de se por na estrada no final da tarde, seria bem mais prático descansar o resto do dia, dormir em casa e sair de madrugada. De qualquer forma, cada um tem sua opinião e gosto não se discute.

A partida de Luana deixava-me mais uma surpresa. Era um sentimento de alívio que ia, discretamente, tomando conta de mim, anunciando um inadiável fim de romance.



XXV - A caminho de mim

Era dez de janeiro, o sol já se punha há algumas horas, meus pais saíram de viagem na madrugada anterior com destino a uma praia do nordeste. Voltariam apenas no final do mês preparando-se para a volta às aulas. O natal e o ano novo passaram como de costume, a família reunida, na medida do possível, e as festividades habituais. Nestas férias eu ficaria em casa, precisava falar comigo mesmo, tentar me entender e descobrir o motivo da minha insatisfação.

O ano novo, para mim, se fazia em clima de descanso e muita reflexão. Decidira aceitar aulas na escola onde meus pais trabalham, acabaria de acertar os detalhes assim que voltassem de recesso daqui a alguns dias. O salário seria bom e viria acompanhado da possibilidade de carreira promissora dentro da instituição. Daria aulas de matemática a algumas turmas do ensino fundamental, nunca gostei muito de trabalhar com crianças, mas com o tempo e a experiência, poderia migrar para o ensino médio ou quem sabe até trabalhar com o cursinho pré-vestibular.

Assisti um pouco de televisão, passava um desses programas de humor prostituído e vulgar. É incrível como às

vezes, a maioria delas, não se vê nada de produtivo na televisão brasileira. De qualquer forma ri um pouco com pegadinhas e piadas que insistem em se aproveitar da ingenuidade ou falta de cultura de algumas pessoas, marginalizar alguma classe social ou mostrar a mulher apenas como objeto sexual, se bem que parte delas não consegue ir além desse papel mesmo. O sono chegou, tomei uma água e fui deitar. Adormeci tão rápido que nem me dei conta.

– Boa noite meu jovem amigo. – era Adão quem falava. Eu já estava próximo da varanda de sua casa onde ele e o Professor Alexandre conversavam animadamente sentados em um banco de madeira.

– Vou bem – respondi – fico feliz em ter chegado em um momento tão especial.

Convidaram-me para sentar e juntar-me a eles na conversa. Falavam sobre a vida e como as pessoas acabam perdendo, com o tempo, suas identidades envolvidas com a luta pela sobrevivência.

– A necessidade de dinheiro e bens materiais acaba levando as pessoas a um envolvimento tão intenso com o trabalho que algumas chegam a esquecer-se da importância de evoluir espiritual e intelectualmente. – indagou Adão.

– Sim. respondeu o professor. – Mas nesse caso perde-se a si mesmo, perde-se a razão de viver. O ser humano precisa de cultura, de convívio e de espiritualidade. É necessário, também, fazer coisas de que gostamos e não apenas as que precisamos. Já no meu caso, gostava de escrever e o Criador foi imensamente bondoso dando-me o sustento através de meus textos, e das aulas, mas também me agradava esta função.

– Mas é esta a questão. – comentava Adão. – Você nasceu para escrever e dar aulas e não seria feliz sendo um médico ou advogado, embora pudesse ser um bom

profissional não estaria satisfeito. Passaria a vida com aquele aperto no fundo do peito, aquele sentimento que com o tempo nos rebela contra nós mesmos e nos torna frios e amargos com as outras pessoas também.

– Mas se não for possível fazer o que se gosta – perguntei meio sem jeito.

– Nesse caso. – respondia Alexandre. – Sempre haverá entre as opções algo com o qual se identifique mais, ou pelo menos se tenha menor antipatia, comece por isso e encontre meios que te levem onde você deseje.

A conversa foi longa e quando o Professor despedia-se falou-me: – Já sei. Quer conhecer minha casa hoje?

– Sim – respondi empolgado.

Adão também gostou da idéia. Demos as mãos, os três, e num piscar de olhos estávamos em outro povoado.

– Bem vindos ao meu lar. – falou empolgadamente o velho mestre.

Ele nos levou a sua residência onde conversamos um pouco mais antes de sair para andar pelo vilarejo e conhecer as pessoas que o habitam.

O lugar era bem mais povoado que a vila de Adão, as pessoas também eram bem acolhedoras e adoravam conversar.

Logo no início do passeio encontramos um senhor completamente careca, ele era franzino e bem curvado pela idade, sua pele era clara e enrugada e sua voz bem cansada. – É preciso lembrar. – disse ancião. – Que a vida é uma viagem com várias opções de caminhos e não importa por onde esteja andando sempre é possível alterar o curso e mudar de rumo se for necessário. Mas quem muda de rumo o tempo todo está perdido e chega a lugar nenhum.

Esses dizeres chamaram-me a atenção. Outro fato igualmente interessante é que a maioria das pessoas aqui traz

consigo sabedorias adquiridas com seus próprios erros. Pena que essa sabedoria parece chegar demasiado tarde.

O sol já estava alto quando chegamos a uma tenda bem grande vermelha e com decoração bastante extravagante. Alexandre bateu palmas e saiu uma mulher com uma saia enorme e colorida, cheia de jóias e ouro por todas as partes possíveis do corpo. Ela era morena e tinha longos cabelos lisos e negros seguros por um lenço tão vermelho quanto sua moradia.

– Bom dia. – falou sorrindo a mulher. – Vamos chegando pra tenda da cigana.

– Ela é cigana mesmo? – perguntei baixinho.

– Sim. – respondeu Adão.

Entramos na tenda. As cores eram bem fortes e chamativas e a decoração era ainda mais vasta que a primeira vista.

– Você é cigana mesmo? – perguntei empolgado – dessas que lêem a mão da gente?

– Sim. – respondeu ela. – Eu li muita mão na minha vida, vi coisas boas e coisas melhores, mas também vi muita coisa ruim. As pessoas se preocupam tanto com o futuro e se prendem tanto a problemas do passado que perdem o presente. É por isso que somos livres como o vento. Nós, ciganos, somos filhos do vento. Buscamos agora o que precisamos hoje, nem pensamos no amanhã. Deus é o dono do futuro e nos dá a cada dia o que precisamos, assim como faz com os pássaros do céu.

Apesar do discurso da cigana não ter sido bem o que eu esperava ouvir, arrisquei um pedido: – Você pode ler minha mão para ver se vou ficar com Luna?

– Dê-me sua mão direita. – pediu ela. Segurou forte olhou atentamente e falou com firmeza: – A única pessoa com a qual você terá que passar a vida inteira é com você mesmo.

Esqueça o futuro e faça do hoje a sua casa. A reparação do passado, se preciso, e as raízes do futuro estão aqui, agora, escorrendo pelas mãos daquele que olha o horizonte.

Fiquei meio sem jeito, mas conforme conversávamos fui me sentindo confortável novamente.

A cigana tinha um olhar penetrante e um ar bem místico e misterioso. Mais bastou que eu me acostumasse com seu jeito para perceber que não quis me ofender o desmoralizar, quis apenas transmitir parte de sua rica experiência.

Voltávamos para a casa do Professor quando meu bracelete brilhou.

– Vá em paz Adel. – foram os dizeres de Adão.

XXVI - Conselho de amigo

Acordei com o barulho da campainha. Coloquei a primeira bermuda e camiseta que vi na minha frente e desci para atender. Era Ângelo, veio conversar um pouco e almoçar comigo, ele também estava de férias, trouxe uma caixinha de cerveja em lata e bastante animação.

Apesar de já ser quase onze da manhã eu acabara de acordar e precisava comer e beber alguma coisa que não tivesse álcool. Fomos para a cozinha, enquanto eu comia pão com creme ele drenava uma lata de cerveja.

– Sabe o Mundo dos Sonhos? – perguntei – tenho estado lá com frequência. Conversei com bastante gente lá e também encontrei Luna algumas vezes.

– Sei lá amigo. – falou preocupado. – Talvez você esteja meio depressivo.

– Não – respondi prontamente – estou normal, mais normal que nunca. E digo mais, resolvi terminar com Luana, não posso amar uma mulher e ir para cama com outra.

– Júlio. – disse, agora, em tom bem sério. – Não pode fazer isso, não se troca uma garota real por uma fantasia, um sonho, um delírio, nem sei ao certo o que. Se estiver solitário com todos viajando podemos aproveitar a disponibilidade da casa e dar uma festinha. Conheço algumas meninas bonitas e safadinhas que podem vir para cá agitar um pouco nossa noite. O que você acha da idéia?

– Não Ângelo, o problema não é esse. – tentei explicar mais uma vez – Meu sentimento por Luna é tão forte que só posso pensar nela como mulher. Você nunca sentiu um amor assim? Que te fizesse pensar só em uma garota e perder o interesse pelas outras?

– Amigo, você precisa é de ajuda profissional. – começou ele com ar meio sarcástico. – Isso que você está

falando é coisa de criança entrando na adolescência. Olha no espelho homem, veja a barba na sua cara. Tenho aqui o telefone de um bom psicólogo conhecido meu e de umas pilantrinhas. Decide logo qual dos telefones você vai querer e toma uma atitude enquanto é tempo.

Respirei fundo, cocei a cabeça. Se não bastasse o estado de dúvida em que me encontrava ainda vem uma das pessoas mais próximas a mim, visualizar os acontecimentos dessa maneira. Tentei me acalmar para não ser deseducado e falei: – Ângelo, desde que nos reencontramos você tem sido um amigo e tanto. Uma pessoa na qual eu pude confiar e por a par de toda essa complexidade que estou vivendo. Eu esperei alguns conselhos mais maduros que pudessem de fato esclarecer um pouco desta confusão que está na minha cabeça. Eu pensei muito e preciso tomar uma atitude urgente. Não estou satisfeito na atmosfera em que criei para mim até agora. Preciso mudar muita coisa, preciso caminhar na direção em que me sinto bem. O primeiro passo será terminar com Luana. Posso até me arrepender no futuro, mas não existe arrependimento pior que ir contra si mesmo.

– Olha amigo. Não tive intenção de te chatear. Sempre resolvi meus problemas da maneira que te indiquei. Sinto-me feliz e realizado com isso. Não sou romântico como você e, sem ofensas, prefiro ser como sou, simples, prático, volátil e objetivo. O que procuro qualquer mulher bonita pode dar. O que você busca apenas uma criatura fictícia vai ser capaz de suprir, e além de infeliz te vejo a beira da loucura. Fique tranqüilo, vou parar de dar palpite em sua vida, mas se precisar mudar de rumo pode contar comigo.

– Beleza – respondi – fico feliz em ver que embora sem entender minhas razões você aceitou meu ponto de vista. Vou terminar com Luana assim que ela chegar e também estou pensando em fazer outra graduação, desistir das aulas na

escola em que meus pais trabalham e aceitar a proposta do outro colégio.

– Júlio. – disse ele um pouco assustado. – Vai com calma, você não está mais na idade de cometer loucuras sem manchar sua imagem. Ainda mais numa fase tão delicada da vida. É hora de mostrar idoneidade e conquistar confiança e respeito enquanto profissional. Nenhuma instituição gosta de pessoas imprevisíveis que mudam de direção e de opinião a todo instante.

– Sei Ângelo, você está certo quanto a tudo isso. Mais estou tomando um rumo que não quero e, nesse caso, é bem melhor mudar a direção agora que estou engatinhando na carreira e ainda sou bem jovem. Quanto mais se conquista na profissão, mais penoso torna-se abrir mão dela.

– Seja como for. – finalizou ele. – Saiba que aqui tem um amigo. Mas, por hora, que tal um chopinho para animar?

– Agora – respondi prontamente.

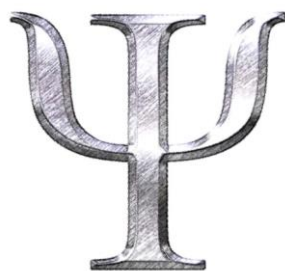
Coloquei um tênis no pé e saímos descontraídos. Conversamos mais do que bebemos e apesar disso não voltamos ao assunto discutido em minha casa. Era como um pacto sem palavras, estava esquecido. Havia muito mais a se falar nas férias além de problemas e crises existenciais.

Ficamos fora a tarde toda, andávamos como dois irmãos matando tempo nas férias de verão. Quando a noite chegou eu estava exausto e Ângelo com encontro marcado com sua mais nova namorada, recém conhecida no shopping.

Fui para casa, só precisava de um banho, janta, um pouco de televisão e cama. A programação estava tão ruim que o sono chegou rápido. Fui para cama e acabei entretido pensando na vida por longo tempo até me sentir disperso e leve. As idéias começaram a sumir da mente e em seu lugar ficava o vazio. Um vazio confortável e convidativo, em poucos instantes o nada era tudo que eu sentia.

Um barulho d'água chamou-me a atenção. Abri meus olhos, em minha frente o pequeno rio da vila de Adão. Estava de volta ao Mundo dos Sonhos.

Fiquei ali, olhando a água corrente e pensando. Sentia-me confuso e tentava, em vão, lembrar o que me confundia. O local sempre convidava à reflexão, mas a memória nunca vinha. Algum tempo depois pensei em procurar Adão e falar-lhe sobre meus sentimentos. Fui até sua moradia. O velho, dotado de uma sabedoria fora do comum, parecia entender-me como eu mesmo não poderia. Sorriu como quem está diante de um problema já solucionado e falou: – Adel, a juventude tem muita coragem e pouca experiência. É assim com todos os seres. É preciso ter fé em si, na vida e no Criador. Ele nos dá a luz necessária à decisão e muitas vezes se antecipa às nossas decisões solucionando situações que acreditávamos serem problemas insolúveis. A vida não precisa ser difícil.



XXVII - Dia de decisão

Alguns dias sozinho me fizeram muito bem e trouxeram consigo soluções inesperadas. É incrível como às vezes tomamos decisões e nos falta coragem para aceitá-las. Entramos, então, em conflito conosco mesmos. Por um lado temos uma opinião, mas por outro nos sentimos na obrigação moral de agir como a sociedade, ou a família, ou o grupo esperam. Eu estava em um desses dilemas complicados quando o celular tocou.

– Bom dia Julio. – falou uma voz feminina. Era a voz de Luana.

– Bom dia – respondi. Ela continuou com voz firme e ao mesmo tempo bastante tensa.

– Julio, vou direto ao assunto. – disse nervosamente. – Me desculpe, mas a gente não manda no coração. A casa do meu tio, onde estamos, fica ao lado da casa do meu ex-noivo. Não veja como leviandade minha, mais eu percebi que ainda o amo e quero viver com ele o resto da minha vida. Por isso estou ligando, você sempre foi tão honesto comigo que eu não poderia traí-lo. Sei também que existem assuntos que não se trata por telefone, mas preciso terminar com você agora porque meu coração é de outro.

Confesso que tal discurso foi um choque pra mim. Senti uma mistura de alívio e susto. Luana acabara de me poupar da difícil missão de terminar o relacionamento, mas por outro lado eu acreditava em seu amor por mim. De

qualquer forma a garota se apoderou de todo o cuidado possível para dar-me uma notícia que eu mesmo não sabia como dar a ela. Antes mesmo de desligar o telefone lembrei-me das sábias palavras de Adão. O Criador havia resolvido um problema demasiado difícil pra mim.

Passei os dias seguintes bem mais leve e de bem comigo mesmo, embora a questão das aulas e da segunda graduação ainda me aborrecesse um pouco.

Logo nas primeiras horas do dia vinte de janeiro, data em que os professores da escola em que meus pais trabalham começaram o planejamento anual, fui chamado pela direção. Meu pai e minha mãe já estavam cada qual envolvido com seus afazeres. A diretora levou-me para sua sala iniciando seu longo discurso em seguida: – Meu jovem. Você é filho de um casal de funcionários da escola, esses profissionais estão entre os mais antigos e mais respeitados da instituição. Sei que você teve uma educação exemplar e impecável, mas ainda assim seu currículo esta em defasagem de experiência e formação se comparado a outros recebidos para a mesma vaga. Dessa forma, por mais que eu estime seus pais, não posso contratá-lo. Fique certo quanto ao surgimento de novas oportunidades e assim que possível será uma imensa satisfação ter você integrando nosso quadro de professores.

Assim que a diretora acabou de falar fiquei completamente frustrado. É como se de repente todos comessem a me descartar. Respirei fundo e voltei para casa. Era hora de relaxar e ir, no dia seguinte, bem cedo, até o outro colégio ver se ainda mantinham a proposta que me fizeram.

O dia se arrastou como semanas e a noite parecia não ter fim. Praticamente não dormi, ficava rolando na cama de um lado para outro temendo que minha segunda opção de trabalho também me descarta-se. Em noites de sono conturbado não consigo ir ao Mundo dos Sonhos. Imaginei

que uma conversa com Adão pudesse devolver-me o animo, mais não foi possível chegar até ele.

O dia, finalmente nasce, e com ele novas oportunidades. Tão novas e surpreendentes que nem minha mente fértil podia prever. Tomei banho e nem consegui comer ou beber coisa alguma. Cheguei ao colégio ainda faltavam quinze minutos para as sete horas. Embora o diretor tenha chegado logo em seguida, só me atenderia sete e quinze, seguindo o agendamento.

– Sou o professor Menezes, diretor dessa instituição. – apresentou-se. – Seu currículo seria igual a uma dezena de outros empilhados na mesma gaveta se não fosse por dois pontos decisivos. O primeiro é a referência, a escola onde atuou como professor interino ano passado falou muito bem de você. O segundo ponto trata do fato de você ter sido criado por dois dos melhores profissionais da área de educação que eu já tive o prazer de conhecer. Se eles foram tão eficientes no âmbito familiar como são no escolar você certamente deve ser um prodígio. Se minhas análises estiverem certas você terá uma carreira brilhante e ascendente.

O diretor acreditava firmemente em minha capacidade. Fez-me uma excelente proposta salarial. Aceitei de imediato e já no dia seguinte começaria o planejamento junto com os professores veteranos. Ele aproveitou também para entregar-me o folheto da faculdade que funcionava no prédio anexo ao do colégio. Era particular e estava abrindo novas turmas. Disponibilizava vários cursos de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado. Informou-me, ainda, que os funcionários da escola contavam com bolsas de 60% para si e 40% para parentes em primeiro grau. Tratava-se de uma parceria entre as duas instituições.

O final de janeiro foi todo em ritmo de planejamento para o ano letivo que seria iniciado no dia oito de fevereiro.

Meu convívio com os novos colegas foi bastante satisfatório e fui aceito pelo grupo com relativa facilidade.

Durante as reuniões o diretor fazia questão de salientar a necessidade de especializar-se sempre. Incentivava, ou melhor, quase intimava seus professores a ingressarem nos cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado oferecidos pela faculdade parceira. Tanto intento levou-me a pensar que talvez Menezes levasse alguma vantagem financeira conseguindo alunos para a universidade. Por outro lado, as instituições de ensino de nossa cidade travavam uma concorrência acirrada e a formação dos professores era um dos pontos mais observados pela clientela.

A sexta-feira passou rápida e trouxe um fim de semana inteiro para eu decidir qual curso faria. O prazo de inscrição chegava ao fim e o diretor havia dado um ultimato. Como eu precisava manter meu emprego, recém conquistado, tinha que fazer alguma coisa.

Saindo da escola, fui logo para casa, evitei bebidas alcoólicas e procurei relaxar bastante. Desse modo, seria mais fácil chegar consciente ao Mundo dos Sonhos. Talvez pela agitação da semana de trabalho, ou não sei bem que outro motivo, há vários dias não conseguia tal feito. Hoje seria decisivo, precisava ouvir as sábias palavras de Adão e quem sabe até tentar convencer cigana Jussara a ler minha sorte. Segunda era a data limite para efetuar minha matrícula fosse no que fosse.

Jantei cedo, assisti a um programa de TV, conversei bastante com meus pais, ouvi um pouco de música orquestrada e fui dormir. Na cama ainda pensei sobre a decisão a ser tomada até adormecer sem perceber.

A opinião de meu pai, quanto ao curso, era firme e urgente. – Faça a matrícula para a pós-graduação o quanto antes e não pare mais de estudar enquanto não alcançar o

MBA. – dizia ele. – Desse modo terá uma carreira brilhante e rentável também.

Já a minha mãe ainda não havia superado minha escolha profissional, mas como eu já me formara e entrara no mercado de trabalho sua opinião coincidia com a do patriarca.

Eu dormia profundamente quando a claridade do novo dia despertou-me, já era sábado, eu estava no meu quarto. Não pude entender o que fizera de errado. Parece que quanto mais quero ir ao Mundo dos Sonhos, mais difícil fica chegar até lá. Talvez seja a ansiedade ou a tensão. De qualquer modo a decisão deve ser tomada.

O domingo já se despedia, eu já havia lido e relido o folheto da faculdade. Também pesquisei muito sobre cada opção na Internet visando um melhor conhecimento do que cada uma me traria após formado. Falei com meus pais, mas isso também não ajudou muito, eles aconselharam a pós-graduação em Matemática, como na noite de sexta. Embora seja o mais sensato a se fazer, algo nessa opção me desagradava.

Estávamos jantando quando, por fim, me decidi. – Psicologia – falei.

– O que? – perguntou minha mãe sem entender a que me referia.

– O curso – respondi – resolvi fazer outra graduação, vou fazer Psicologia.

– Não pode ser. – exclamou meu pai. – Isso não é normal, você empregou quatro anos da sua vida em uma graduação e agora decide cursar outra de uma área totalmente oposta. É perda de tempo, não vai acrescentar nada a seu currículo, muito pelo contrário. Que escola vai querer um professor de matemática à beira de virar um Psicólogo e abandonar as aulas?

– Mais pai – tentei argumentar – talvez meu destino seja resolver problemas psicológicos e não matemáticos.

– O destino de um homem é traçado por ele. – respondeu meu pai rugindo ferozmente.

– Talvez em parte – respondi – acredito que fazemos nosso destino, mas não apenas do nascimento até a morte, para mim se trata de algo maior. E, além disso, acredito que parte de nossa história é escrita por Deus.

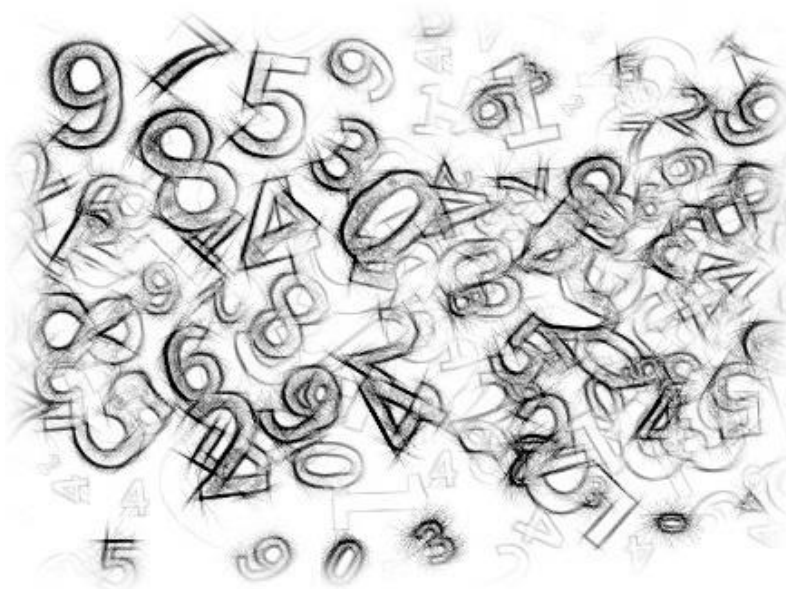
– Você tem talento para Psicologia. – meu pai falou enquanto ria. – Pena que seja como.

Minha mãe ficou um pouco tensa, de certo modo ela concordava com meu pai, mas não deixou de sentir-se incomodada visto que também é psicóloga.

Por fim, meus pais acabaram culpando o cansaço e o estresse. Acreditaram que eu estivesse meio fora de mim ou fazendo uma piada. Antes de irmos dormir encheram-me de observações. Disseram que eu deveria pensar bem, e pós-graduação em matemática seria a melhor alternativa já que, agora, atuava na área.

Fui dormir, e novamente acordei sem ter ido ao Mundo dos sonhos. O dia transcorreu com normalidade, embora minha decisão em cursar Psicologia tenha criado mais polêmica do que eu imaginava. O diretor ficou perplexo, os colegas de trabalho nem se fala. Parecia loucura, mas como eu estava irredutível não restava opção. E como as aulas já tinham começado e meu desempenho em sala superou as expectativas o Professor Menezes achou melhor manter-me no cargo a contratar outro e encarar a possibilidade de ele não ser tão eficiente.

E apesar de todos os transtornos, a segunda-feira terminou fazendo-me sorrir diferente, sentindo-me leve e feliz.



XXVIII - 31, o próximo quatro

Como de costume, todo acontecimento marcante de minha vida acaba chegando, rápido, ao conhecimento do meu Psicólogo. Deste modo, assim que cheguei em casa recebi um telefonema do Dr. Willy.

– Preciso vê-lo o quanto antes. – falou ele com ar de urgência. – Se for possível ainda hoje. Pode vir a minha casa esta noite?

– Sim – respondi prontamente – vou tomar um banho e já desço ai.

No banheiro fiquei imaginando o que estaria se passando na cabeça do médico. Estaria ele disposto a me repreender e sugerir que voltasse atrás em minha decisão? Movido pela curiosidade apreeci-me bastante. Nem comi para não perder mais tempo. Antes das 19 horas eu já estava chegando a sua residência.

– Boa noite filho. – falou simpático o doutor. – Entre, esperava-o ansiosamente.

Entramos. O médico fez questão de levar-me novamente para a cozinha, começando seu discurso enquanto preparava um café sem açúcar. Ele sempre foi louco por essa

bebido com seu sabor amargo e sem doce algum. Confesso que apesar de não beber com frequência, também aprecio esse sabor natural.

– A relatividade sempre me chamou a atenção. – disse Willy enquanto colocava água na a jarra da cafeteira. – Algumas pessoas olhariam para este recipiente e diriam que ela está quase cheia, outros diriam que a água passa pouco da metade. Pra mim, as duas opiniões estão certas o que realmente importa é defender a própria opinião e ao mesmo tempo aceitar que o outro tenha a dele. Parabéns pela sua decisão. Alguns jovens, cedo ou tarde acabam seguindo a carreira do pai. – Willy gaguejou levemente e corrigiu a sentença dizendo: – E outros acabam por seguir outras carreiras.

Estranhei a colocação confusa do Psicólogo. Ele sempre pareceu tão lúcido. Num primeiro momento pensei que pudesse estar alcoolizado, mas a ausência de odor e de olhos vermelhos absorveu o homem.

– Namorei com a sua mãe antes do casamento dela com seu pai. – revelava Willy me deixando sem palavras. – Ela sonhava em casar e ter filhos, trabalhar em uma escola ajudando crianças a crescer e se integrar na sociedade. Mais em mim, além de um cientista havia também um filósofo. E este filósofo queria mais do que a maioria das pessoas querem. Eu queria mais que ensinar a criança ou reabilitar o homem, queria entende-los. Queria entender o ser humano. Descobrir porque buscamos a mesma felicidade, mais cada um de uma maneira particular e diferente de todos os outros. Porque o que me satisfaz não é suficiente para você e vice versa? Buscamos família, carreira, dinheiro, bens, prestígio, reconhecimento, cultura, educação, socialização, sexo e outras coisas mais em diferentes combinações e intensidade e com tudo isso a maioria de nós chega ao fim da vida deprimidos e

admitindo que apesar do esforço a felicidade não foi encontrada. E ainda pior, desejando recomeçar e fazer tudo diferente. Em contra partida, porque algumas pessoas vivem e partem felizes como quem cumpriu o seu dever e realizou-se com isso. Eu queria me entender, e não simplesmente educar alguém no intuito de fazer dele algo melhor ou mais feliz do que me sinto. A ciência era a razão da minha vida.

Em uma pequena pausa em seu discurso Willy colocou a jarra com o café recém coado sobre a mesa. Pegou um copo para cada um de nós, coçou a cabeça e colocou café em seu copo até um pouco para cima da metade. Assoprou e bebeu um pouco. Pediu para que eu me servisse a gosto. Eu estava atordoado, nunca tinha visto o Dr. Willy falar dessa maneira. Ele respirou profundamente e continuou:

– Certo dia sua mãe chegou em mim no início da noite falando que chegara ao limite. Queria se casar e ter um filho o quanto antes, falou por longo tempo e finalizou com um ultimato. Pediu que eu marcasse a data do casamento ou a esquecesse para sempre. Jamais coloque um sagitariano contra a parede, na maioria das vezes o resultado não será como você espera. Acuado, reagi da forma decisiva possível, pus a mão direita sobre seu ombro esquerdo e falei que escolheria a segunda opção, despedi-me com distância e frieza, me virei e sai. Algumas semanas mais tarde ela se casava com seu pai e algum tempo depois exibia a barriga que gerava você. Conviver com sua família foi paradoxal para mim. Poderia ser a minha mulher e meu filho, mas não era. Não que eu me arrependa, eu nasci para ciência e é justamente isso que me faz feliz.

– Meus pais nunca falaram em ter outro filho? – perguntei curioso.

– Sim, eles tentaram muito. – explicou Willy. – Seu pai descobriu um problema de fertilidade, eles jamais

conseguiram. Para ele você foi um milagre. Para mim... Bom, pra mim cada ser humano é um milagre. A vida é um milagre e quem sabe a morte também seja um.

– Ele parou novamente, reabasteceu seu copo de café. Seus olhos estavam vermelhos, jamais o vi assim. Bebeu tudo em um só gole enchendo novamente o copo. Ao menos ele escolheu uma bebida sem álcool.

– Lembra da sua dúvida sobre a relação entre os algarismos 4, 13 e 9? Perguntou mudando de assunto.

– Sim – respondi prontamente.

– Então. – continuou. – Como matemático deveria ter estudado Numerologia Pitagórica.

– Sim – falei meio confuso – estudei Pitágoras, seu teorema, as relações métricas e trigonométricas dos triângulos e algumas coisas mais. E ainda assim nunca ouvi falar em Numerologia Pitagórica. Teria alguma relação com esoterismo?

– Não propriamente. Pitágoras acreditava que os números exercem influencia sobre a vida e o comportamento das pessoas. Então, estudando as relações entre pessoas e números ele criou esta ciência bastante difundida atualmente. A técnica consiste em somar os algarismos que formão datas, utilizando-se determinados critérios, até estarem reduzidos a um número entre 1 e 11. Até mesmo as letras dos nomes podem ser transformadas em números e posteriormente somadas. Costuma-se fazer esses cálculos com a data de nascimento e o nome da pessoa, cada número resultante representa características do indivíduo em questão.

– Certo, mas o que isso tem haver com 4,13 e 9. – perguntei desanimado.

O médico continuou: – Tudo haver. Se pegamos sua idade em cada um dos acontecimentos marcantes com relação aos sonhos e formos reduzindo os algarismos de acordo com

essa teoria teremos que quando você tinha quatro anos o algarismo quatro estava sozinho, sendo assim, representava o quatro mesmo e a primeira vez em que o quatro aparecia, por assim dizer, em sua idade. Ao completar 13, temos a soma do um com o três, resultando no algarismo quatro novamente. Esse fato só voltou a se repetir quando você completou 22, onde a soma do algarismo resulta novamente em quatro. Já o nove seria o intervalo em que esse fenômeno se repete.

Fiquei perplexo com a descoberta de Willy, tudo fazia sentido. Aos quatro anos, segundo conta Adão, eu teria ido, embora não me recorde, pela primeira vez à sua vila no Mundo dos Sonhos. Nove anos depois, agora aos 13 eu retornara. Já aos 22, novamente passados nove anos estava eu lá novamente e a partir de então passei a visitar tal lugar quase todas as noites.

– Então algum fato novo deve acontecer quando eu completar 31 anos – falei assustado.

– Sim. – concordou o Psicólogo. – Se esta teoria estiver certa, algo importante deve acontecer nesta data. E como o 13 marcou para você a descoberta do Mundo dos Sonhos, imagino que o 31 possa trazer algum fato tão importante quanto, já que ambos além de terem o quatro como resultado da soma de seus algarismos ainda são constituídos pelos mesmos códigos numéricos onde apenas a ordem é alterada.

– Desde o episódio dos seus 13 anos. – continuou o médico. – Não consigo parar de pensar em suas teorias. Pesquisei muito sobre sono, sonho e sobre os números que você falava. Tudo se encaixou quando descobri a Numerologia.

Eu sorria feliz. Confuso, mas feliz. A possível relação entre aqueles números jamais me saíra da cabeça. Agora em

poucos minutos Willy apresenta-me uma teoria esclarecedora. Não havia presente maior pra mim naquele momento.

Conversamos ainda por longo tempo. Willy me falou que continuava suas pesquisas a cerca dos sonhos e se dispôs a ajudar-me em todas as dificuldades que tivesse em minha nova empreitada.

XXIX - A relatividade da razão

Certa vez um professor da faculdade havia me falado sobre as fases da vida. Com seus cabelos brancos, pele clara coberta por manchas senis e a voz já enfraquecida por uma vida inteira a frente de salas de aula, aquele senhor trazia consigo vasta bagagem cultural e emocional. Eu estava quase me formando quando ele olhou-me com a calma de sempre e falou: – Garoto, é preciso buscar o conhecimento por toda a vida, a cada instante, por mais banal que pareça. Eu me entristeço ao ver um ser humano automatizado pela rotina dos tempos modernos. Os homens estão virando máquinas e só o conhecimento pode nos salvar. Na juventude temos energia e disposição, mas falta experiência. Os jovens acreditam que podem fazer tudo, e quando se chocam com a vida real a maioria não resiste, abandona os sonhos, a curiosidade, a vontade de viver e aprender e acaba virando engrenagem. Realizam suas funções sem saber para que o fazem. Trabalham porque todos precisam de dinheiro. Gastam porque todos precisam gastar para suprir suas necessidades. Passam a buscar o sentido da vida em ter, se esquecem de que ser é mais importante. Percebem, então, a impossibilidade de fazer tudo, como inicialmente pensavam ser capazes.

– Acordei certo dia com uma sensação diferente. – continuou o professor. – Percebi a impossibilidade de se fazer tudo o que é preciso, mas percebi também que é imprescindível fazer tudo que é possível. Por volta dos trinta anos, quem não virou engrenagem do sistema e manteve viva dentro de si a sede de conhecimento já possui relativa experiência de vida. O bastante para agir com mais sensatez e ainda possui bastante vitalidade, energia e disposição. Pra mim essa é, sem dúvida, a melhor fase da vida, um meio termo entre sabedoria e vigor físico.

Vivo agora esta fase, tenho trinta anos, perto de completar 31. Não parece assim tão espetacular como dissera o velho mestre, quando me falou essas palavras eu devia ter uns vinte e seis anos e ainda assim me sentia tão distante dos trinta. Talvez seja pela mudança da dezena, ela nos faz enxergar que o tempo passa, que a vida passa. Mas com tudo isso vem a experiência, bem disse o professor, talvez uma coisa compense outra. Mas de qualquer forma, sinto-me muito mais seguro agora. A ansiedade e a impulsividade se foram aos poucos. Errei muito e ainda erro, acredito ser uma característica humana. Os passos que dei ao longo da vida trouxeram-me até aqui e não me arrependo de nenhum deles. Estou feliz com o que sou. Feliz não significa acomodado ou conformado, quando paramos de buscar o conhecimento e o progresso estamos mortos dentro de um corpo que insiste em viver.

Após lembrar do velho professor e divagar um pouco sobre a vida, era preciso me arrumar. Moro sozinho em um apartamento próximo à clínica onde trabalho e a faculdade, onde ainda participo de um estudo sobre a melhoria da saúde mental do homem na sociedade moderna. Hoje tenho um paciente logo cedo e após o almoço preciso ir a editora acertar os detalhes da publicação do meu primeiro livro, “A Relatividade da Razão”.

Neste livro abordo situações onde vivenciei conflitos entre pessoas de opiniões divergentes mais que analisadas separadamente não se pode condenar nenhuma delas chegando-se a um paradoxo onde existem dois pontos de vistas conflitantes sobre o mesmo assunto e ambos podem estar certos. Um exemplo claro dessa teoria de “Razão Relativa” é o caso de dois sócios que conheci onde um não se importava em trabalhar fora de hora e nos fins de semana visando garantir uma renda extra. Já para o outro sócio, um

generoso descanso do almoço, uma boa noite de sono e o fim de semana de repouso quase absoluto tinham uma importância muito grande. O primeiro priorizava uma renda maior para garantir mais conforto à família enquanto o segundo priorizava o descanso. Para uma pessoa que não se importa de ter uma vida financeira menos abonada para poder descansar quando julga necessário é uma tortura trabalhar lado a lado de quem abre mão do tempo livre em troca de alcançar estabilidade financeira em um prazo mais curto. Da mesma forma, será um suplício para o outro, conviver com alguém querendo repousar enquanto ele vê a necessidade de mais trabalho. São dois estilos de vida diferentes, são valores diferentes e não é possível definir quem está errado visto que cada um está certo segundo suas concepções. O erro consiste em duas pessoas tão distintas optarem por trabalhar ou viver juntas. Acredito que a maior parte das sociedades e dos casamentos acabe por questões análogas a esta. Mas essa teoria não abrange apenas sociedades e casamentos, podemos ver casos parecidos em todos os seguimentos do convívio humano.

Eu estava fascinado com a publicação, se tudo corresse como planejado em uns trinta dias o livro já estaria circulando, coincidindo com meu aniversário. Além da obra, algo mais deveria acontecer nesse período, já que estaria completando trinta e um anos, número cuja soma de seus componentes resulta em quatro.

Quanto ao Mundo Astral, tenho estado lá com bastante frequência, Luna também tem conseguido tal feito, de modo que nos encontramos praticamente todas as noites.

Meus pais, que já leram os originais do livro, anseiam agora pela noite de autógrafos. E pensando em todos esses acontecimentos acabo dando razão ao professor, está deve mesmo ser a melhor fase da vida.

O dia transcorreu como esperado, a noite chegou depressa. Estava ansioso para ir ao Mundo Astral, queria ver Luna, queria poder me lembrar de tudo e contar para ela. Passei na casa de meus pais para conversar um pouco e contar as novidades. Acabara de assinar o contrato, em breve o livro estaria impresso.

Em casa, tomei banho, jantei e fui dormir. Demorei um pouco para pegar no sono em virtude da euforia, mas quando dei por mim já ouvia a voz de Luna dizendo: – Boa noite Adel, eu estava com saudades.

Abraçamo-nos enquanto eu falava: – mas nos vimos na noite passada.

– Mas eu queria fazer parte da sua vida. – completou ela. – Queria me casar com você.

– Você já faz parte da minha vida – respondi – quanto a casar eu também queria, mas a gente não consegue se encontrar.

– Então nos casamos aqui. – retrucou decidida.

– Está bem – aceitei – vamos falar com Adão, ele deve saber o que fazer.

O velho ficou admirado com a decisão, falou sobre a seriedade do compromisso assumido. – Embora não haja papel assinado. – disse ele. – Para nós a palavra vale mais que qualquer tinta.

Falou bastante sobre o assunto e também fez questão de ouvir muito. Parecia sondar nossas convicções. Por fim lembrou-nos sobre nossas memórias, ou melhor, a falta delas. Lembrou-nos que não sabíamos quem éramos, como ou com quem vivíamos. E a possibilidade de tudo isso virar um problema caso, por ventura, nossas histórias surgissem em nossas mentes e não fossem como esperamos ser.

Ouvimos com atenção e falamos com nossos sentimentos.

– Eu posso enfrentar todos esses riscos. – falou Luna.

– Nesse caso, também estou disposto a enfrentá-los – completei.

Adão não parecia muito satisfeito com a história, mas ainda assim resolveu ajudar.

– Conheço um padre que passa por aqui eventualmente, ele reza missas e sempre busca fortalecer a fé no coração das pessoas. Vou pedir-lhe que celebre o casamento de vocês. Não será o primeiro e nem o último. Falo com ele amanhã e a noite transmito a vocês o que ficar definido.

Conversamos mais alguns instantes e logo partimos. O sol da manhã nos convocava para um novo dia. Tudo transcorreu como de costume, fora a ansiedade e a pressa de saber o que falaria o padre com relação ao nosso casamento. Sem falar no restinho de esperança que insistia em fazer-me acredita na possibilidade de encontrar Luna no mundo “real”.

O dia pareceu demasiado extenso, mas a noite finalmente chegou e o sono se encarregou de levar-me novamente ao Mundo dos Sonhos. Luna já estava lá, me esperava ansiosa. Fomos, em fim, conversar com Adão.

– Dezesesseis dias. – falou o velho. – Quatro vezes quatro.

– Daqui a dezesesseis dias? – perguntei.

– Sim. – respondia Adão. – Daqui a dezesesseis dias, às margens do pequeno riacho, sob a luz maravilhosa e romântica da lua cheia.

– Mas como teremos certeza de que estaremos aqui no dia determinado? – indaguei inseguro.

– O que deve acontecer, acontecesse. A cada instante, estamos onde devemos estar, apenas faça o que tiver ao seu alcance e não se preocupe com o resto.

Essas palavras não me consolaram como deveriam, mas de qualquer maneira, não havia muito a se fazer além de acreditar e torcer.

XXX - O quarto quatro

Hoje amanheci ansioso, na realidade estou ansioso há dias. Estou completando 31 anos de idade e se não bastasse a soma dos algarismos que formam tal número resultar em quatro, este ainda representa a quarta vez em que esse fenômeno ocorre na vida de uma pessoa. Se somarmos os algarismos que constituem os números da nossa idade desde o nascimento podemos observar que o quatro é o resultado em 4, 13, 22 e 31 anos de idade, e vai continuar aparecendo em intervalos regulares de nove anos. Sendo assim, se a teoria do Dr. Willy estiver certa, hoje deve acontecer algo realmente surpreendente em minha vida. Apesar de tudo isso, e de ser uma quarta feira, tentei agir como de costume, ou quase.

A costumeira festinha de aniversário ficaria para sábado a noite, já que o dia seria cheio para todos. Apesar disso almocei e jantei com meus pais. Desde que rompi com Luana não arrumei outra namorada, apenas Luna cabia em meu coração. Ângelo, como bom amigo, fez questão de almoçar conosco e confirmar sua presença, acompanhado de uma de suas namoradas, para o sábado. Durante o jantar, meu pai mencionou algo sobre Janaina, minha quase prima há muito esquecida, fiz questão de não entender o que ele disse e ainda mudei de assunto. Na maioria das vezes, ressuscitar fantasmas do passado só traz sofrimento e descontentamento. Devemos sentir felicidade e orgulho de nossos acertos e aprender com nossos erros, mas isso não implica em desprezar o presente para ficar revivendo um passado turbulento e complicado.

A noite chegou convidando à reflexão, era meu aniversário e no dia seguinte meu livro sairia da editora. Isso era mais que um presente pra mim. A semana seguiria cheia, pegar alguns exemplares amanhã, noite de autógrafos na faculdade e minha confraternização de aniversário no sábado.

Além de tudo isso, esta noite completava dezesseis dias estipulados por Adão, e se eu estiver certo, deve ser celebrado meu casamento com Luna.

Eu já estava no quarto banho na tentativa de relaxar e dormir, mas apesar do cansaço não conseguia pregar os olhos. Sabia que não podia recorrer a remédios ou bebida alcoólica, seus efeitos iriam alterar meu estado de consciência de tal maneira que não chegaria lúcido ao Mundo dos Sonhos. Tentei assistir um pouco de televisão enquanto uma chuva leve e contínua começou a cair. O barulho ritmado da água, finalmente fez meus músculos relaxarem. Arrastei-me até a cama, dormi instantaneamente.

– Chegou o noivo. – ouvi uma voz feminina falando.

Eu estava às margens do riacho da vila de Adão. Um razoável grupo de pessoas já estava ali aguardando o evento. Foram colocados inúmeros bancos artesanais para os convidados e a frente, um pequeno altar também feito artesanalmente com madeira da região. Havia flores coloridas por todos os lados e a lua cheia encarregava-se da iluminação dando ao ambiente um ar suave e ainda mais romântico.

Adão chegou sorridente, pegou-me pelo braço conduzindo-me a sua casa. – Fique tranqüilo. – falou ele. – O padre já está se preparando e a noiva deve chegar em breve.

A essas alturas dos acontecimentos tranqüilidade era algo que eu, definitivamente, não tinha. De qualquer forma, já estava ali, e não havia outra coisa a fazer senão tentar me acalmar e tocar em frente o plano, há muito idealizado, de oficializar nossa união.

Comecei falar com Adão sobre a ansiedade que repentinamente começava a se apoderar de mim, mas fui interrompido por um senhor batendo na porta. Ele sorriu, trocou algumas palavras com o dono da casa e partiu rapidamente.

– O padre já está no altar, a maioria dos convidados já chegou e alguém mandou dizer que a noiva está acabando de se arrumar na casa de dona Maria, uma antiga moradora do lugar. Chegou a hora de irmos e você deve esperá-la no altar.

Sem alternativa, fui imediatamente ocupar meu lugar no cerimonial. Os bancos já estavam repletos, muitas das pessoas presentes eram conhecidos. Amizades cultivadas durante os longos anos em que estive com frequência neste lugar. Há também bons amigos que não puderam estar presentes, partiram seguindo seus destinos.

As pessoas aqui se mostraram bastante sinceras, ao contrário do que estamos acostumados a presenciar em alguns lugares. Muitos estavam felizes e otimistas com o acontecimento. Já para alguns, a minoria, tudo não passava de encenação barata e perda de tempo. Estes não faziam o menor esforço para disfarçar suas opiniões, pelo contrário, faziam questão de expressar seus sentimentos, embora com educação e respeito.

Todos ansiavam pela entrada da noiva quando um senhor bastante elegante aparentando uns cinqüenta e cinco anos, todo de branco, caminhou lentamente até um lugar vago no último banco e sentou-se. Ele parecia bastante deslocado e sem muita afinidade com o lugar e tampouco com as pessoas ali presentes. Tive a forte impressão de que o conhecia, e mais, de que éramos bastante próximos. Esforcei-me na tentativa de lembrar alguma coisa, um nome, um acontecimento, qualquer coisa. Nada. Ele percebeu meu olhar e sorrindo acenou discretamente. – Ele também me conhece – pensei.

De repente os músicos começaram a tocar a marcha nupcial, todos se levantaram e no início do corredor, em meio aos bancos, conduzida por Adão, chegava ela. Luna estava deslumbrante. Com um vestido branco de um tecido leve que balançava suavemente enquanto caminhava. Seus cabelos

estavam soltos, bem ao natural, com um olhar meigo e sonhador, parecia sorrir com todo seu corpo. A luz da lua a deixava ainda mais em evidência. Seus passos delicados, mas decididos a conduziam lentamente em minha direção. Senti as pernas tremerem. Ela não usava véu, apenas uma delicada tiara em tom de prata adornava seus cabelos. Chegou finalmente até mim, cumprimentei Adão, como manda o protocolo, segurei as mãos de Luna e beijei-as suavemente. Seu perfume pareceu envolver-me lembrando o quanto esperamos por este momento. Posicionamos-nos em frente ao altar. O padre olhou com ar sério, deu um leve sorriso ao desejar boa noite, observou calmamente os convidados, os bancos estavam repletos de pessoas e quase não havia lugares vagos. A lua, completamente brilhante estava agora no centro do céu. O sacerdote voltou seu rosto pra cima observando-a com respeito. Olhou novamente para os presentes e começou:

– Boa noite. Estamos aqui reunidos sob a luz da lua, para celebrar a união desse jovem casal. Uma união, ao que tudo indica, motivada pelo mais nobre dos sentimentos. O amor. Só o amor pode alinhar dois seres em uma mesma direção, tornar duas vidas uma, dois destinos em um só. Dois ideais em um único ideal, maior, mais nobre, mais indulgente. Aprender a conviver com as próprias falhas é relativamente fácil, difícil é aceitar as falhas alheias, é olhar para quem está ao seu lado e ver que, assim como você, trata-se de um ser humano, e como tal possui suas próprias idéias, sua própria opinião, seus próprios erros e falhas. E não apenas o matrimônio requer união e amor, o que seria dos relacionamentos entre pais e filhos, irmãos, primos, amigos, sem a presença dessas duas virtudes. Não fomos criados para o isolamento e somente o convívio em grupo nos trás a oportunidade de sermos úteis, humildes, tolerantes, aluno e professor, pai, filho e irmão. Ou quem sabe, resumindo tudo,

parceiros numa caminhada que nos leva além do nosso conhecimento, da nossa consciência.

O padre fez uma pequena pausa em seu discurso, enquanto ele tomava um fôlego minhas pernas tremiam. É uma sensação impar ser o centro das atenções de tantas pessoas, justamente numa hora tão decisiva em sua vida. Será que os noivos da vida real sentem-se como me sinto agora? Sinto-me como quem buscou com todas as forças um objetivo e agora está à beira de desmoronar diante dele. O sacerdote, alheio a minha ansiedade discursou ainda por longo tempo sempre procurando exaltar valores morais nos ouvidos atentos que o escutavam. Procurei me concentrar em suas palavras e de certo modo acabei mais calmo e após as costumeiras perguntas aos noivos e os respectivos sim, o padre finalizou dizendo:

– Como o Criador os uniu pelo amor, eu os declaro marido e mulher enquanto este Divino sentimento estiver com vocês. E o que Deus uniu o homem não separa. Não que a dissolução do matrimônio seja um pecado, mas porque insignificante é o homem perante a força de Deus e do verdadeiro amor. – após estas palavras o sacerdote olhou-me dizendo. – Pode beijar a noiva.

A cerimônia chega então ao final, uma das mais simples e mais emocionantes, ao menos pra mim, que já presenciei. Adão foi o primeiro a nos cumprimentar. – Que vocês sejam muito felizes juntos. – falou emocionado. – Mas acima de tudo, que só estejam juntos enquanto esta união trazer felicidade.

À primeira vista estas palavras soaram-me um tanto quanto estranhas, mas pensando melhor existem tantos casais que se toleram mutuamente apenas por interesses materiais, oportunismo ou comodismo. Certamente não há amor e nem tampouco felicidade, nesse caso, mil vezes a separação.

Ainda segurando a mão do velho, perguntei-lhe se o casamento poderia ajudar de alguma forma em nossa busca pelas lembranças de nossa vida. Sorridente o sábio falou: – Muitas vezes o que nos falta para saber algo é apenas aceitar os fatos como são. A consciência, geralmente, prefere ignorar a aceitar.

Após estas palavras Adão afastou-se, dando espaço às outras pessoas que esperavam para dar-nos seus cumprimentos.

Entre os últimos a apertar-me a mão estava aquele senhor de branco que sentara em um lugar mais ao longe pouco antes da chegada da noiva. Ele olhou-me com emoção e me abraçou demoradamente. – Filho, você estava certo quanto ao Mundo dos Sonhos. – falava ele com bastante dificuldade. – Que a felicidade esteja sempre com você.

Após esta breve frase, retirou-se com rapidez. Continuei a me perguntar de onde o conhecia e quem seria esse senhor tão emocionado.

A sessão de abraços e apertos de mãos acabara, os primeiros raios de sol no horizonte anunciavam a chegada de um novo dia. Foi então que partimos, novamente, cada qual em direção a seu destino em uma vida da qual nada se lembra.

Abri meus olhos. Estava novamente em meu quarto. – Como posso lembrar-me de tudo agora se há poucos instantes sabia sequer meu próprio nome? – perguntei-me decepcionado.

Fosse como fosse, estava acordado outra vez e hoje seria um dia muito especial pra mim. Não porque ontem foi meu aniversário, mas porque hoje pego os primeiros exemplares do meu primeiro livro e amanhã será a noite de autógrafos. Talvez pra quem já publicou vários títulos este acontecimento seja um fato normal, mas pra mim era algo fenomenal e indescritível. Minha agenda estava cheia, alguns

pacientes pela manhã, passar na gráfica para pegar alguns exemplares do livro e correr para casa de meus pais onde almoçaria e lhes apresentaria a obra.

Enquanto tomava café da manhã, lembranças do casamento vieram a minha mente e junto com elas o receio de jamais encontrar Luna neste mundo. Quem sabe ela nem viva aqui, ou nem exista de fato e tudo seja fruto de minha imaginação ou alguma forma estranha de Esquizofrenia. De qualquer forma, estamos casados agora e eu a amo muito. Alguns pesquisadores apontam experiências como as que tenho no Mundo dos Sonhos como sendo uma viagem astral, onde a consciência, ou alma, se desprende do corpo durante o sono podendo ir a qualquer parte desta dimensão física ou da dimensão espiritual. Já outras teorias apontam tais fenômenos como atividades cerebrais que durante o sono podem criar sonhos que, no máximo, representam nossos desejos, medos ou sensações, nada tendo a ver com a realidade. Provavelmente os adeptos da segunda teoria tachar-me-iam de louco. Assim como quase ocorreu quando completei treze anos de idade.

Completamente envolvido em meus pensamentos escuto uma musica orquestrada bem ao longe. O barulho vai ficando mais alto, despertando-me para a realidade. – Meu celular. – falei sozinho.

Corri até o quarto, peguei o aparelho sobre a cama, era Dr. Willy quem chamava.

– Meu jovem. – dizia. – Preciso falar com você o quanto antes. Não chega a ser um assunto urgente, não altere sua agenda por mim, mas é importante.

– Se tiver bom para o senhor, passo em sua casa ou consultório agora mesmo. Ainda tenho um tempinho antes do primeiro paciente. – respondi prontamente.

O médico aceitou de imediato. Cheguei a sua residência em poucos minutos, já que a curiosidade tomara conta de mim. Fui calorosamente recebido no portão. Willy falou-me ansioso. – Preciso confirmar um fato com você, é muito importante pra mim, vai elucidar-me várias dúvidas com relação as minhas pesquisas sobre sonhos e quem sabe, pode até ajudá-lo também.

Entramos, fomos direto pra cozinha onde um café recém coado esperava-nos. O Psicólogo era fanático por café, principalmente se estivesse um pouco tenso ou ansioso.

– Não pense que duvido de sua honestidade, mas meu método de pesquisa exige que eu te faça um questionamento. Depois te explico tudo.

– Sem problemas – respondi sorridente.

– Na noite passada você esteve no Mundo dos Sonhos?

– Sim – afirmi com seriedade.

– Houve algum acontecimento especial ou fora do comum? – perguntou com a voz meio trêmula.

– Sim – comecei – foi celebrado o meu casamento com Luna.

Nesse instante Willy engoliu seco, passou a mão na cabeça e começou a suar frio como quem se vê encurralado pelos fatos.

– Como estava decorada a igreja? – perguntou, induzindo a uma resposta contraditória ao acontecido.

– Não havia igreja – expliquei – foram colocados bancos artesanais às margens de um pequeno riacho e o casamento se deu sob a luz da lua, celebrado por um padre bastante espiritualista e filosófico.

O pesquisador parecia mais pálido a cada palavra e apesar de toda a sua experiência e segurança já apresentava dificuldade para articular as palavras. Ainda assim persistiu. Pude ver em seus olhos a necessidade de chegar ao ponto

chave da questão o quanto antes. E com a voz ainda mais tremula ele perguntou: – Você viu um senhor vestido todo de branco, sentado ao fundo?

– Sim – continuei tentando esclarecer o máximo possível – no final do evento ele cumprimentou-me dizendo: “– Filho, você estava certo quanto ao Mundo dos sonhos. Que a felicidade esteja sempre com você.” Abraçou-me demoradamente e partiu.

Antes que acabasse a frase, Willy já se desmanchava em lágrimas. Abraçou-me emocionado dizendo: – Aquele senhor era eu. Você estava certo.

XXXI - Não há mais o que acontecer

No trajeto para a clínica, ainda extasiado, não parava de pensar na infinidade de acontecimentos marcantes que chegaram com meus trinta e um anos de idade. Quase todas as minhas dúvidas foram esclarecidas e sonhos realizados. Restavam agora duas questões com as quais, provavelmente, ainda conviveria por muito tempo: porque não consigo lembrar-me da minha vida quando estou no Mundo Astra? E. Encontrarei, um dia, Luna na vida real?

De qualquer modo estava feliz. Não que me sentisse plenamente realizado, mas tantos fatos bons aconteciam em minha vida que não havia lugar pra tristeza e nem tampouco tempo para pensar nos pontos que ainda não eram satisfatórios. Já que felicidade traz mais felicidade para que perder tempo procurando os problemas da vida, eles que fiquem onde quiserem, quando eu puder vencê-los ataco-os.

Tentei passar, justamente essa filosofia para meu paciente depressivo que esperava-me no consultório. É assustadora a capacidade das pessoas nesse estado de enxergarem apenas o lado ruim de tudo que os cerca. Não sendo raros os que encontram como única saída o suicídio. A vida, às vezes, é paradoxal. Como podem alguns indivíduos desistirem de suas vidas, enquanto a maioria luta com todas as forças para permanecer viva.

A manhã passava a passos de tartaruga e não via à hora de por as mãos em um exemplar do meu livro. Queria ver como ficou, foliá-lo, ver o texto, as gravuras, a qualidade do papel, a capa, em fim, tudo. Esforcei-me ao máximo para não deixar que minha ansiedade transparecesse, principalmente aos pacientes. Acabei a última consulta já passava das dez e trinta, bem a tempo para correr até a editora.

O trânsito estava tumultuado e pavorosamente lento. Cheguei à empresa era onze e vinte, apenas dez minutos antes de fecharem para o almoço. Ainda bem que deu tempo, nem conseguiria comer se não pegasse meu livro nas mãos agora.

Entregaram-me uma pequena caixa com alguns exemplares, outros seriam levados para o evento de amanhã e o restante seguiria direto às livrarias.

A ansiedade transformou-se em alegria assim que pude foliar um deles, mas junto com a alegria veio um fiozinho de insegurança. Como seriam as vendas? E se ninguém gostasse da forma como abordei o assunto ou de minhas teorias? Tentei esquecer estas hipóteses, se fosse tão ruim nem teriam publicado. Era hora de ser otimista e acreditar no sucesso.

Da editora à casa de meus pais, o trânsito estava novamente uma tortura. Gastei mais de trinta minutos em um trajeto quase irrisório. Buzinas e gritos para todos os lados, alguns motoristas a beira de um ataque de nervos, uma verdadeira calamidade. Normalmente trafega-se com relativa normalidade, mas alguns dias, como hoje a situação tange o insuportável.

Parei o carro em frente à residência, o relógio marcava doze horas e quatro minutos. Desci eufórico com a caixa de livros nos braços. Ao aproximar-me percebi que algo estava estranho. Portão escancarado, sempre ficava fechado. Do outro lado da rua um carro com placa de uma cidade vizinha também atraiu-me a atenção. Entrei na varanda caminhando em direção à porta da sala. Senti algo diferente, era uma sensação estranha, um frio na barriga e uma espécie de tremedeira. Meu coração acelerou, as pernas bambearam e comecei suar frio. Aproximei-me da porta, senti um perfume diferente, algo meio transcendental lembrando-me de Luna. Era como se eu pudesse senti-la. Estava confuso, jamais senti sua presença como agora, apenas quando estávamos no

Mundo dos Sonhos. Hesitei por alguns instantes, mas era preciso seguir. Precisava descolar os pés do chão, entrar em casa e acabar com essa sensação desconcertante.

Tomei coragem, o perfume ficava cada vez mais forte, entrei na sala de súbito.

Lá dentro, uma mulher em pé de costas para entrada conversava com minha mãe. – Não pode ser – falei comigo mesmo. Era Luna, só podia ser ela. Era diferente de como a conhecia, mas sua energia, o jeito de falar a sua voz. Tive certeza, era ela.

Belisquei-me, eu devia estar sonhando. Devo ter adormecido sem perceber e a ansiedade da ocasião me pregara uma peça.

– O Julio chegou. – fala minha mãe sorrindo. Não era sonho, nem tampouco delírio.

– Luna – falei sem me conter.

– Adel. – disse ela virando-se pro meu lado. Minha mãe olhava espantada, boquiaberta, jamais vi expressão tão confusa em seu rosto.

Corremos, eu e Luna, de braços abertos, um na direção do outro. Nessa hora, senti como se não tivesse corpo, como quem paira no ar completamente extasiado. Tomei-a nos braços e a beijei. Lágrimas escorriam de nossos olhos, há muito esperávamos por esse momento sem crer que um dia aconteceria.

– Júlio. – falou ela. – Porque não respondeu meus e-mails, eu sempre te amei, sempre esperei que você sentisse saudades e me procurasse. Apenas Adel aliviou a dor do meu coração. Graças a Deus que são a mesma pessoa.

Mais surpreendente que encontrar Luna foi encontrar na mesma pessoa alguém que eu já conhecera, já amara e jamais conseguira arrancar por completo de dentro do meu peito. Um amor do qual desistira por um mal entendido e que,

decidido e implacável, como sempre fui, aprendera a sufocar e trancar na masmorra de meu coração, para que ali ficasse, calado e fraco enquanto teimasse em resistir.

Como pude amar a mesma mulher em duas dimensões tão distintas. Talvez o amor realmente esteja na alma, na essência do ser. Talvez todos os sentimentos estejam gravados nela independentemente de memórias, ou de tempo. Quem sabe sejamos isso. Só e tudo isso, nossos sentimentos e nossa consciência e todo o resto seja ilusão.

– Eu nunca traí você. – explicou Janaina. – Aquele garoto era namorado da Jéssica, minha melhor amiga, ela acabara de descobrir que estava grávida e eu prontifiquei-me a ajudá-los na difícil tarefa de dar a notícia aos pais. Aquele abraço que você presenciou não foi malicioso, ao menos da minha parte não.

– Esqueça isso, eu também já esqueci – falei acariciando-a enquanto tentava acostumar-me com a idéia de que Luna, meu grande amor do Mundo dos Sonhos, e Janaina, meu amor da adolescência, eram uma só pessoa. E agora estava em meus braços.

A euforia cessava lentamente, dando lugar ao medo que sempre insiste em aparecer nessas horas trazendo um realismo frio às nossas mentes. Estávamos ali, unidos em uma só emoção. E quando esse sentimento fosse enfraquecido pelo tempo e o convívio? Jamais em meus trinta e um anos de vida sobre essa terra, presenciei um casamento realmente feliz. Uma relação que resistisse às intempéries da vida. Dois avós que, caso pudessem voltar à juventude casar-se-iam novamente compartilhando mais uma vez suas vidas em um único futuro. Não nesse mundo, aqui tudo perece e a maioria das relações humanas é movida pelo oportunismo. Não quero um casamento feliz nos primeiros meses, suportável por mais algum tempo e que se torne um castigo após este período

inicial, mantido apenas pela obrigação comum de criar os filhos ou pela inércia de manter a rota até que a morte nos separe. Não, mil vezes não, a isto prefiro estar só. Só e livre, para tomar minhas decisões sozinho, para levar a vida como quiser e seguir minhas pesquisas sem interferências, assim como faz o Dr. Willy. Quem sabe assim eu chegue feliz ao fim da vida, na certeza de que fui, de alguma forma, útil a humanidade por minhas descobertas ou simplesmente por ter feito algo além de brigar com a mulher por noites e fins de semana perdendo gradativamente a razão, o respeito próprio e a dignidade. Ou ainda, que acabasse tudo agora, em que tudo é alegria. Que eu parta pra sempre desse mundo e passe a eternidade no Mundo dos Sonhos com as pessoas que já não tem motivos para mentir ou para fingir ser mais do que são de fato. Onde as pessoas unem-se por afinidade e não por oportunismo.

Perdido na confusão de meus pensamentos senti a mão delicada de Janaina a percorrer minha face. – Júlio – chamou-me – você está bem.

– Sim – respondi tocando novamente seu olhar com o meu e percebendo o quanto o amor me tornou fraco, ou forte, ou seja lá o que tenha acontecido em meu peito. Eu já não era o mesmo. Não era mais quem queria ser. Já se fazia demasiado tarde para desistir e recuar. Restava a esperança de que este amor fosse realmente a chama ardente e inesgotável que se mostrara no outro mundo, que fosse forte o bastante para resistir à vida que aqui chamamos de realidade. Casados já estávamos, e assim estaremos em qualquer lugar que estivermos, sob quaisquer circunstâncias, enquanto o amor nos unir.

Percebo agora como alguns conceitos sobre um acontecimento podem variar conforme nos aproximamos dele. Meu encontro com Luna na vida real significou pra mim,

ao longo de todos estes anos, o final de uma história. O ponto decisivo onde tudo se resolveria. Agora, que vivo este acontecimento, ele se fez o começo, onde nada está certo ou definido e mais uma vez a pena está na mão da criatura para que continue escrevendo sua parte dessa grande obra divina chamada vida.

Isso me leva a crer que estamos no meio de uma grande caminhada, onde nossos conceitos de início e fim são, na verdade, apenas mais um passo.

